

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**

**UFF**

Luciana Cavalcante Matos de Mello

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE MILITAR NAS ALOCUÇÕES**

ORIENTADORA: Dra. Rosane Santos Mauro Monnerat

Niterói – RJ

2016

Luciana Cavalcante Matos de Mello

## **A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE MILITAR NAS ALOCUÇÕES**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagem.

ORIENTADORA: Dra. Rosane Santos Mauro Monnerat

Niterói – RJ

2016

**Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá**

M527 Mello, Luciana Cavalcante Matos de.

A construção da identidade militar nas alocações / Luciana Cavalcante Matos de Mello. – 2016.

149 f. ; il.

Orientadora: Rosane Santos Mauro Monnerat.

Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) –  
Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 2016.

Bibliografia: f. 125-132.

1. Contrato de comunicação. 2. Ethos. 3. Valores. I. Monnerat, Rosane Santos Mauro. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Letras. III. Título.

LUCIANA CAVALCANTE MATOS DE MELLO

## **A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE MILITAR NAS ALOCUÇÕES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagem.

Aprovada em 02 de março de 2016.

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Lúcia Helena Martins Gouvêa - Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Profa. Dra. Beatriz dos Santos Feres - Universidade Federal Fluminense

---

Profa. Dra. Rosane Santos Mauro Monnerat - Universidade Federal Fluminense -  
Orientadora

Suplente: \_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Maria Aparecida Lino Pauliukonis – Universidade Federal do Rio de  
Janeiro

Suplente: \_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Lygia Maria Gonçalves Trouche – Universidade Federal Fluminense

## **DEDICATÓRIA**

A Deus, meu Pai amado, por me conceder a oportunidade de realizar este Mestrado; a Augusto Henrique, meu amado esposo, pelo incentivo, amor e compreensão constantes; a Luiza e Lucas, meus queridos filhos, pelo carinho e felicidade que me proporcionam; e a meus pais, Neuza Maria e Fernando, pelo apoio e carinho.

## **AGRADECIMENTOS**

À minha orientadora, Professora Doutora Rosane Santos Mauro Monnerat, pelo exemplo de pessoa e profissional. Foi uma grande satisfação e um presente de Deus ter a oportunidade de tê-la como orientadora desta dissertação. Agradeço por sua confiança em meu trabalho, por suas valiosas sugestões, por sua forma de trabalho dedicada e eficiente, muitas vezes prestando orientações à noite e em fins de semana. Muito obrigada por sua atenção, compreensão e amizade.

Às minhas professoras do Mestrado, Professoras Doutoras Beatriz dos Santos Feres, Lygia Gonçalves Trouche, Rosane Santos Mauro Monnerat e Solange Coelho Vereza, pelas aulas ministradas e pelos ensinamentos transmitidos, que muito contribuíram para esta dissertação.

Às Professoras Doutoras Beatriz dos Santos Feres e Lúcia Helena Martins Gouvêa, pelas valiosas sugestões propostas durante a Defesa do Projeto.

À equipe da Secretaria da pós-graduação do Instituto de Letras da UFF, pela atenção e informações prestadas.

Ao Comando da Academia Militar das Agulhas Negras, pela concessão para que eu pudesse realizar esta pós-graduação;

Ao Coronel Cláudio, Chefe da Divisão de Ensino, pelo incentivo à capacitação de seus professores.

Ao meu chefe, Coronel Pospiesz, e aos Professores da Cadeira de Inglês da AMAN, pela compreensão em possibilitar trocas de aulas para que eu pudesse frequentar as aulas do Mestrado.

Ao Coronel Marcelo Araújo, pelas informações sobre o processo do concurso das alocações pela Cadeira de Português.

Não poderia deixar de expressar meu amor e agradecimento a Deus, que me possibilitou e capacitou a trilhar esta jornada e por seu amor sem igual; e à minha família, pelo apoio e incentivo. A Augusto Henrique, meu amado esposo, que me incentivou na realização deste Mestrado. Agradeço por seu amor e compreensão, por seu cuidado em sempre me levar e buscar na rodoviária a qualquer hora em que fosse necessário. Agradeço também por seu apoio na revisão da formatação deste trabalho. A meus filhos Luiza e Lucas, presentes de Deus em minha vida, pelos gestos de carinho em meu regresso de Niterói. A meus pais, Neuza Maria e Fernando, pelo amor e ajuda constantes.

“A minha alma anseia pelo Senhor  
mais do que os guardas pelo romper da manhã.  
Mais do que os guardas pelo romper da manhã.”  
SALMO 130:6

## **SINOPSE**

Pesquisa sobre a construção da identidade militar, sob a perspectiva 'de dentro', por meio da análise de textos produzidos na Academia Militar das Agulhas Negras para os aniversários das Armas do Exército Brasileiro. Proposta de análise do discurso na Teoria Semiolinguística, com o gênero alocução.



## LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Duplo processo de semiotização	21
Quadro 02 – Situação de comunicação	28
Quadro 03 - Gêneros Textuais por Domínios Discursivos e Modalidades	56
Quadro 04 - Gêneros Textuais por Domínios Discursivos e Modalidades II	56
Quadro 05 – Os espíritos das Armas	75
Quadro 06 - Situação de comunicação das alocações	97
Quadro 07 – Valores	110
Quadro 08 - Valores militares (Infantaria 2012)	111
Quadro 09 - Valores militares (Infantaria 2013)	112
Quadro 10 - Valores militares (Cavalaria 2012)	113
Quadro 11 - Valores militares (Cavalaria 2013)	113
Quadro 12 - Valores militares (Artilharia 2012)	114
Quadro 13 - Valores militares (Artilharia 2013)	115
Quadro 14 - Valores militares (QCO 2012)	115
Quadro 15 - Valores militares (QCO 2013)	116
Quadro 16 - Valores militares (Serviço de Saúde 2012)	117
Quadro 17 - Valores militares (Serviço de Saúde 2013)	118
Quadro 18 – Hierarquia de valores nas alocações:	120

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	10
<b>2 O EXÉRCITO BRASILEIRO (EB) E A ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS (AMAN)</b>	15
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b>	18
<b>3.1 Constituição do <i>corpus</i></b>	18
<b>3.2 Procedimentos de análise</b>	19
<b>4 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS</b>	20
<b>4.1 A análise Semi linguística do discurso</b>	20
4.1.1 Conceituação	20
4.1.2 A semiotização do mundo	20
4.1.3 O contrato de comunicação e os sujeitos do ato de linguagem	25
4.1.4 Identidade social e identidade discursiva	35
4.1.5 Sentido de língua e sentido de discurso: compreensão e interpretação	41
4.1.6 As competências de linguagem	43
4.1.7 Os modos de organização do discurso	45
<b>4.2 Tipos e gêneros textuais</b>	48
4.2.1 Tipos	48
4.2.2 Gêneros	50
4.2.3 Domínios discursivos	55
4.2.4 Cena englobante, cena genérica, cenografia	57
<b>4.3 <i>Ethos</i></b>	58
<b>4.4 Representações sociais, imaginários sociodiscursivos, estereótipos, lugares/ valores argumentativos</b>	65
4.4.1 Representações sociais e imaginários sociodiscursivos	65
4.4.2 Estereótipos	71
4.4.3 Lugares / valores argumentativos	78
<b>4.5 Seleção lexical</b>	83

<b>5 ANÁLISE</b>	<b>91</b>
<b>6 CONCLUSÃO</b>	<b>123</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>125</b>
<b>RESUMO</b>	<b>133</b>
<b>ABSTRACT</b>	<b>134</b>
<b>ANEXO A</b>	<b>135</b>
<b>ANEXO B</b>	<b>145</b>
<b>ANEXO C</b>	<b>148</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa está inserida no domínio do discurso militar e apresenta como tema a construção da identidade militar nas alocuções. Tal construção é realizada por instruendos da própria instituição, em textos elaborados para uma determinada solenidade militar.

O tema desta dissertação surgiu a partir da leitura do livro *O Espírito Militar*, do antropólogo Celso Castro, que realizou pesquisa na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN)<sup>1</sup>, no final da década de oitenta. Com base nos depoimentos dos discentes dessa instituição, que têm o título de cadetes, o autor apresenta um quadro comparativo entre a Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) / “Aqui Dentro” e as Faculdades do meio civil / “Lá Fora”. O autor cita que: “A comparação entre o ensino na Academia e o ensino civil introduziu uma série de características diferenciais que se repetem num plano mais amplo entre ‘aqui dentro’ e ‘lá fora’” (CASTRO, 2004, p.45). Essa noção da existência de características diferenciais não se restringe ao ensino no meio militar e civil.

Percebem-se, em relação às Forças Armadas, posições polarizadas e antagônicas; posicionamentos que se estendem também para a visão sobre a formação de seus oficiais. Para ilustrar tal fato, podem ser citados dois artigos. O primeiro deles, publicado no jornal *Folha de São Paulo*, tem como título ‘Nunca mais’, de Jânio de Freitas (2014). Conforme esse autor, “O ensino das escolas militares precisaria passar por reformulação total. A do Exército, mais que todas” (FREITAS, 2014). O segundo artigo, em contrapartida, o sociólogo Gilberto Caldas, em seu artigo intitulado ‘Tempestades no céu do cruzeiro do sul’, apresenta a visão de que

Se as coisas não andam bem nas nossas escolas e tudo vai ótimo na Academia Militar das Agulhas Negras, por que não nos despimos de orgulho e pedimos ajuda a eles? [...] Vamos reaprender com eles como é que se faz uma boa formação de cidadania plena (CALDAS, 2014, p.1).

Em ambos os artigos, percebem-se posicionamentos divergentes dos autores em relação à formação dos cadetes na AMAN. No primeiro deles, o autor postula a premência de uma reformulação no ensino das academias militares, e seu ponto de

---

<sup>1</sup> AMAN - Instituição Militar de Ensino Superior responsável pela formação do Oficial Combatente do Exército Brasileiro.

vista contrário às instituições militares é marcado ao afirmar que tal reformulação deve ser 'total'. No segundo artigo, por outro lado, a seleção lexical mostra um ponto de vista oposto, pois atribui o adjetivo subjetivo 'ótimo' ao ensino na AMAN. Nesses artigos, a mesma noção de 'aqui dentro' e 'lá fora' é mantida, numa referência clara a contextos sociais ou a dois 'mundos distintos'. Nota-se, ainda, que os dois artigos carecem de embasamento mais científico a respeito do tema, pela ausência de uma objetividade e de uma apresentação do caminho percorrido por tais autores para chegarem às conclusões propostas.

Castro salienta a recorrência dessa diferenciação por parte dos discentes da AMAN e aponta que as 'dessemelhanças' são de nível muito mais abrangente. Chamam a atenção não os depoimentos dos cadetes em si, ou a opinião particular deles, mas os aspectos relativos à linguagem e ao discurso, aos termos 'Aqui Dentro' e 'Lá Fora', numa metáfora entre militar (aqui dentro) e civil (lá fora).

Conforme citações feitas de artigos civis, a metáfora acima citada não se restringe ao meio militar. Ela é empregada também por civis em um entendimento de que há características específicas que definem os integrantes da instituição militar. Embora os militares estejam inseridos na sociedade, esta profissão parece ter uma marca identitária alta, marca essa percebida tanto por parte de civis como de militares.

A instituição militar ainda é uma área pouco pesquisada. O interesse da presente dissertação é o de realizar um estudo do 'aqui dentro' em uma perspectiva de 'dentro'. O pertencimento à instituição militar e, conseqüentemente, ao discurso militar e o fato de esse assunto ser uma prática na qual a pesquisadora está inserida são também fatores impulsionadores para a escolha do presente tema e levam ao entendimento de um estudo do 'aqui dentro' sob a ótica 'de dentro'.

No livro anteriormente citado do antropólogo Celso Castro, encontram-se aspectos da identidade militar, que proporcionam ferramentas para essa pesquisa. Entretanto, ainda há um campo vasto a ser investigado nos Estudos em Linguagem, através dos textos produzidos nesse meio.

Surge então, o primeiro questionamento desta pesquisa: Quais seriam os elementos que compõem o discurso militar?

O tema discurso militar é muito abrangente e abarcaria toda a produção realizada por Marinha, Exército, Força Aérea e demais Forças auxiliares, com suas semelhanças e diferenças, o que não caberia nesta pesquisa. O enfoque que se

seguirá, então, será quanto ao discurso militar no Exército.

Quando se fala em Exército, geralmente as pesquisas recaem sobre figuras do cenário político da História Brasileira. Em estudos em linguagem, poder-se-ia pensar numa análise dos discursos de tais indivíduos, mas este não será o foco desta dissertação. A delimitação será nas produções realizadas precisamente no estabelecimento de formação de oficiais combatentes do Exército, a AMAN.

Ainda assim, são muitos os gêneros produzidos nessa instituição de ensino superior militar, dentre os quais estão os documentos burocráticos que circulam no cotidiano e que regulam as diversas atividades realizadas na AMAN, os elogios, os brados, as canções, os agradecimentos, as aulas e palestras, entre outros. Como a ideia desta pesquisa surgiu a partir dos relatos obtidos junto aos cadetes, a escolha do *corpus* recaiu sobre uma das produções desses discentes: as alocações para datas significativas.

Em virtude do que foi exposto, proceder-se-á a Análise de Discurso, com base na teoria Semiollingüística, sendo o *corpus* de textos a ser observado constituído por alocações para os aniversários das Armas de Infantaria, Cavalaria e Artilharia, do Quadro Complementar de Oficiais e do Serviço de Saúde do Exército, que foram produzidas e lidas nas solenidades militares, no período de 2012 e 2013, por discentes da AMAN, totalizando dez alocações.

A questão central que norteará a dissertação é tratar da construção da identidade militar pelos seus integrantes, isto é, a forma como o locutor, membro da instituição militar, percebe as características identitárias de seu grupo social e as apresenta em seu enunciado. Visto que os valores de instituição ocupam espaço relevante na formação do oficial combatente, parte-se da hipótese de que tais valores manifestar-se-ão nas alocações a fim de construir uma identidade que figure como essência de cada Arma.

A fim de atingir esse objetivo geral, tratar-se-á de outros aspectos que permitirão o entendimento de como o contrato das alocações fornece ferramentas para a construção de uma identidade militar, lidando com as representações sociais que circulam no âmbito do Exército.

Serão apresentados, a seguir, os principais objetivos específicos que regem a presente pesquisa. Em primeiro lugar, pode-se destacar o objetivo de descrever como se realiza a interação no meio militar em diferentes situações de comunicação e, assim, ter a compreensão das regras do contrato de comunicação do discurso

militar. Ao abordar a interação entre militares, faz-se necessário tratar de aspectos verbais e não-verbais que integram essas interações, pois ambos possuem um caráter essencial nos projetos de comunicação; e definir os tipos básicos de contrato, chegando ao entendimento do contrato de comunicação específico das alocações.

Características marcantes da linguagem verbal podem ser destacadas no modo de endereçamento e de falar que estão intimamente ligados ao posto e à graduação dos sujeitos que interagem num projeto de comunicação e que têm conhecimento dos limites e liberdades desse contrato.

A gestualidade é apenas um aspecto que evidencia a linguagem não-verbal nas interações entre militares. A continência, por exemplo, é uma forma de comunicação não-verbal que representa a saudação do subordinado a seu superior, bem como a resposta deste àquele. Em vários momentos, a interação pode se resumir apenas nessa saudação. E cada integrante das Forças Armadas, ao ingressar, aprenderá sua forma de execução.

O segundo objetivo específico é a descrição do gênero textual que compõe o *corpus* deste trabalho. Como mencionado anteriormente, tratar-se-á do gênero alocução.

O terceiro objetivo relaciona-se ao *ethos* militar e sua manifestação no enunciado das alocações. Conforme Amossy (2005, p.16), “o enunciador deve se conferir, e conferir a seu destinatário, certo *status* para legitimar seu dizer: ele se outorga, no discurso, uma posição institucional e marca sua relação com um saber”. Partindo da hipótese de que o locutor assume essa posição institucional no contrato de comunicação em questão, a verificação dessa construção de um *ethos* coletivo no enunciado será, portanto, mais um aspecto a ser abordado nesta análise.

A fim de atingir os objetivos propostos, a pesquisa desenvolver-se-á em seis capítulos, que serão brevemente descritos a seguir.

O primeiro capítulo corresponde a esta introdução, com uma apresentação geral da temática da pesquisa, seus objetivos e o *corpus*.

No segundo capítulo, será realizada uma visão panorâmica a respeito do Exército e sua missão constitucional e, mais especificamente, de seu estabelecimento de ensino superior militar da linha bélica: a AMAN, com sua função, peculiaridades e proposta pedagógica.

No capítulo seguinte, serão delineados os procedimentos metodológicos da

presente pesquisa. Apresentar-se-ão, então, a constituição do *corpus* e os procedimentos de análise que serão adotados.

No quarto capítulo, serão descritos os pressupostos teóricos que darão fundamentação à pesquisa. Iniciar-se-á com a parte teórica referente à Semiolinguística, passando por sua conceituação e abordando noções centrais dessa teoria, voltadas para o discurso militar. Em seguida, tratar-se-á dos tipos e gêneros textuais, apresentando as principais conceituações dessas noções e estabelecendo, com base nos conceitos apresentados, a classificação dos textos componentes do *corpus* da dissertação. Será abordada, então, a questão do *ethos* e a forma como diferentes autores compreendem tal noção, sendo apresentada a caracterização de *ethos* adotada na presente pesquisa e sua vinculação ao tema proposto. Na sequência, serão desenvolvidas as seguintes noções: representações sociais, imaginários sociodiscursivos, estereótipos e lugares/ valores argumentativos. Buscar-se-á, então, estabelecer uma relação entre essas noções e o discurso militar. E, por fim, serão feitas considerações a cerca das seleções lexicais e de seu papel na análise das alocações.

No quinto capítulo, proceder-se-á à análise propriamente dita, aplicando a teoria às alocações componentes do *corpus* desta dissertação, buscando atingir os objetivos propostos para a pesquisa.

Por fim, no último capítulo, serão feitas considerações finais sobre o trabalho desenvolvido.



## **2 O EXÉRCITO BRASILEIRO (EB) E A ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS (AMAN)**

Uma breve exposição sobre o Exército e, mais precisamente sobre a AMAN, torna-se necessária visto que a proposta de análise a ser desenvolvida fundamenta-se em produções realizadas nessa instituição. Assim, uma visão sucinta e panorâmica será feita para que se possa compreender um pouco seu papel e funcionamento e, então, prosseguir para abordarmos o tema propriamente dito.

As Forças Armadas baseiam-se em dois pilares: a hierarquia e a disciplina, e conforme prescrito na Constituição Federal, em seu artigo 142, “destinam-se à defesa da Pátria, à garantia dos poderes constitucionais e, por iniciativa de qualquer destes, da lei e da ordem” (BRASIL, 1988). Possuem suas tradições, seus usos e costumes, seu linguajar peculiar. Em seus estabelecimentos de ensino, são formados aqueles que desempenharão as funções de segurança nacional acima descritas e propagarão suas tradições e costumes.

No Exército, há quatro linhas distintas de ensino militar: a Bélica, a Científica, a de Saúde e a Complementar. O jovem que deseje ser oficial combatente do Exército Brasileiro precisa preencher os seguintes requisitos para ingressar na Força: ser brasileiro nato, ser do sexo masculino<sup>2</sup>, ter concluído o ensino médio, ter idade entre 17 e 22 anos, e ser aprovado em concurso público de âmbito nacional. Ao preencher esses requisitos, o candidato irá realizar um curso superior de duração de cinco anos, sendo o primeiro ano realizado na Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEEx), em Campinas, estado de São Paulo e os demais anos na AMAN, localizada na cidade de Resende, estado do Rio de Janeiro.

O ingresso na AMAN passa obrigatoriamente pela aprovação do aluno na EsPCEEx. Ao matricular-se na Academia, o aluno recebe o título de cadete e ingressa no Curso Básico, que equivale ao primeiro ano de AMAN (AMAN, 2015). Ao início do segundo ano, o cadete fará a escolha da Arma, Quadro ou Serviço ao qual pertencerá durante sua carreira militar. Tal escolha é realizada seguindo a ordem de classificação de cada cadete, que então ingressará em um dos sete cursos de nome equivalente ao da Arma escolhida. Com relação a essa escolha, Castro (2004, p. 55-6) diz:

---

<sup>2</sup> A inclusão do segmento feminino na Linha Bélica está em fase final de estudo e sua inclusão deve ocorrer em 2017.

No dia seguinte à volta das férias, antes de iniciarem as aulas, os cadetes que concluíram o 1º ano são reunidos no auditório da AMAN. Ali, num clima de grande tensão, eles são chamados individualmente, pela ordem de classificação escolar obtida no ano anterior, para escolherem suas Armas: Infantaria, Cavalaria, Artilharia, Engenharia, Intendência, Comunicações ou Material Bélico. O leque de opções diminui à medida que o número de vagas previsto para cada Arma vai sendo completado; assim, os últimos não escolhem: são ‘compulsados’. [...] Mas falta ainda dizer a coisa mais importante que o dia da escolha de Arma representa: uma opção definitiva, para toda a carreira do militar. Muitos falam desse momento como ‘um casamento’, porque ‘é pra vida toda, se escolher mal não vai dar certo’, enquanto para outros ele é ‘pior que um casamento’, porque ‘não pode mudar’. [...] Pelo que já foi dito, fica fácil compreender por que uma das preocupações centrais dos cadetes durante o 1º ano é a obtenção de informações sobre as Armas, informações que provêm das mais variadas fontes. Eles assistem a palestras proferidas por oficiais, além de irem às exposições que são montadas na Academia comemorando a ‘semana’ de cada Arma.

Para realizar o curso da AMAN, o cadete viverá em regime de internato. Pautado no que prescreve o perfil profissiográfico<sup>3</sup> do concludente da instituição, esse discente receberá formação que abrange os seguintes eixos transversais: atitudes, capacidade cognitiva, capacidade física e motora, capacidades morais e valores (AMAN, 2013a, 2013b, 2013c, p.2-3). Cada Arma, Quadro ou Serviço, possui seu próprio perfil profissiográfico, a fim de atender as peculiaridades das missões que realiza. Com relação ao valor conferido aos atributos da área afetiva, lê-se:

A AMAN dedica especial atenção e cuidado com a formação moral e cívico-profissional dos cadetes, para entregar ao Exército, oficiais íntegros, dotados de honra, honestidade, respeito, lealdade, senso de justiça e disciplina, patriotismo e camaradagem. Devem, ainda, ter capacidade para cooperar no desenvolvimento do espírito de corpo das unidades onde forem servir.[...] não menos importantes são as ações realizadas para neles desenvolver, de forma sistemática, atributos que lhes facilitarão estabelecer sólidos laços de liderança com os integrantes dos grupos militares que comandarão. Desses atributos destacam-se: a adaptabilidade, a autoconfiança, a coerência, a cooperação, a coragem, a criatividade, a decisão, a dedicação, o entusiasmo, o equilíbrio emocional, a iniciativa, a persistência e a responsabilidade. (EXÉRCITO, 2011, p.17)

Os cadetes estudam além das disciplinas técnicas que os prepararão para o planejamento e a execução do combate, disciplinas acadêmicas, tais como: Direito, Economia, Estatística, História Militar, Introdução à Pesquisa Científica, Português,

---

<sup>3</sup> Documento que descreve a finalidade de cada curso da AMAN, bem como as competências profissionais esperadas do concludente, a fim de nortear o ensino da instituição.

Inglês, Espanhol, Relações Internacionais, entre outras. De acordo com o grau obtido nas disciplinas comuns, os cadetes obtêm sua classificação, o que definirá não apenas sua antiguidade na turma, mas também a ordem na escolha da unidade militar onde irá servir.

Os concludentes do curso da AMAN recebem o título de Bacharel em Ciências Militares e são declarados Aspirantes a Oficial, em cerimônia denominada 'Aspirantado'. Em seguida, são movimentados para as diversas unidades militares do Exército no país, onde desempenharão as funções atinentes ao posto de oficial subalterno.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, serão apresentados os procedimentos metodológicos empregados para a realização da presente pesquisa. Iniciar-se-á pela apresentação do *corpus* e, em seguida, serão mencionados os procedimentos de análise .

#### 3.1 Constituição do *corpus*

Ao decidir pesquisar sobre o discurso militar, um amplo campo se apresenta com uma quantidade muito extensa de possibilidades de textos. Dentre os muitos gêneros que compõem o discurso militar, optou-se, inicialmente, por delimitar o *corpus* para as produções realizadas no âmbito do Exército Brasileiro (EB), mais especificamente em sua escola de formação de oficiais combatentes: a Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN).

Ainda assim, há um número vasto de gêneros textuais e de textos produzidos diariamente na AMAN. Tendo em vista que a ideia da pesquisa originou-se da metáfora ‘aqui dentro’ (ensino na AMAN) e ‘lá fora’ (ensino nas Universidades do meio civil), citada em depoimentos de cadetes em pesquisa antropológica realizada na AMAN, na década de oitenta, decidiu-se basear a presente pesquisa em produções desses cadetes. A escolha para compor o *corpus* recaiu, então, sobre as alocações produzidas pelos discentes dessa instituição em comemoração ao aniversário das Armas, Quadros e Serviços do Exército Brasileiro.

Para cada aniversário, é realizado concurso interno, cujas normas e o Curso participante são especificados no Plano Geral de Ensino (PGE) da AMAN, publicado anualmente. O processo é conduzido pela Cadeira de Português e apenas uma alocação é selecionada para ser lida durante a solenidade militar (formatura) de comemoração da Arma, Quadro ou Serviço que aniversaria. Não serão considerados todos os textos escritos para os diversos concursos, mas apenas as alocações vencedoras fazem parte do *corpus*.

Em virtude do número ainda extenso de textos produzidos para datas significativas, o *corpus* da dissertação será composto, então, de alocações que foram selecionadas e lidas nas comemorações de apenas algumas Armas, dentre elas, as Armas de Infantaria, Cavalaria, Artilharia, do Quadro Complementar de Oficiais e do Serviço de Saúde, dos anos de 2012 e 2013, totalizando dez textos.

### 3.2 Procedimentos de análise

Proceder-se-á, então, a uma análise de discurso com base na Teoria Semiollingüística de Patrick Charaudeau, abordando seus principais conceitos, dentre eles, o que este autor chama de duplo processo de semiotização e a noção de contrato de comunicação.

Nesta pesquisa, também serão buscados subsídios na Linguística Textual e em outras áreas do conhecimento, como a Sociologia e a Antropologia, principalmente, no que se refere ao estudo do ser humano na sociedade e na cultura a que pertence. Em consequência, a pesquisa de campo feita pelo antropólogo Castro (2004), realizada na AMAN, será um dos suportes desta pesquisa.

Documentos que regem e norteiam o ensino na AMAN também fazem parte da presente pesquisa e corroboram para um melhor entendimento dos objetivos que se buscam alcançar na formação do oficial combatente. Serão observados como os atributos propostos para serem desenvolvidos nos Cursos da AMAN permeiam o *corpus* da dissertação e fazem parte da construção da identidade militar. Tais atributos estão listados no Perfil Profissiográfico do Concludente, documento que também servirá de base na presente pesquisa. Nele encontram-se cinco itens a serem desenvolvidos ao longo do período de formação do oficial: atitudes, capacidades cognitivas, capacidades físicas e motoras, capacidades morais e valores (AMAN, 2013a, 2013b, 2013c, p.3-5). Há um enfoque nos aspectos comportamentais, pois três dos cinco itens são voltados para a área afetiva. Dentre os atributos da área afetiva está, por exemplo, o patriotismo.

Foi realizada pesquisa bibliográfica, verificando literatura pertinente ao tema do contrato de comunicação de Charaudeau, a fim de observar as peculiaridades deste contrato no projeto de comunicação das alocações militares acima citadas.

Também foram pesquisadas obras que tratam de noções essenciais para esta dissertação, passando por conceitos como a questão do *ethos*, das representações sociais e estereótipos, dos lugares e valores argumentativos e, ainda, textos relacionados aos gêneros textuais. Esses conceitos teóricos serão aplicados à análise do *corpus*.

Por fim, mas não menos importante, é fundamental mencionar que esta pesquisa sobre o discurso militar será desenvolvida sob a perspectiva “de dentro”.

## 4 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Neste capítulo, serão apresentados os pressupostos teóricos que darão suporte à presente pesquisa. Buscar-se-á não apenas conceituar as noções teóricas mas também relacioná-las ao tema do discurso militar e das alocações.

### 4.1 A análise Semiolingüística do discurso

Não há a pretensão de se expor detalhadamente, nesta pesquisa, o que constitui a Semiolingüística, mas apenas a de apresentar, resumidamente, em que consiste tal teoria e tratar de alguns de seus pressupostos teóricos que servirão de base à análise que será desenvolvida.

#### 4.1.1 Conceituação

Em meio a tantas linhas teóricas, torna-se essencial a conceituação da abordagem Semiolingüística. Para Patrick Charaudeau (2005), *sémio* - vem de *sémiosis*, pois a construção do sentido se faz através da relação entre forma e sentido, podendo ocorrer em diferentes sistemas semiológicos; enquanto - lingüística remete à noção de que a análise parte das línguas naturais. Essas línguas naturais, pela dupla articulação e pela particularidade combinatória de suas unidades, propiciarão a semiotização do mundo. Segundo o autor, tal semiotização ocorre mediante um duplo processo: o processo de transformação e o de transação, de que trataremos a seguir.

#### 4.1.2 A semiotização do mundo

Conforme já mencionado, Charaudeau postula que a semiotização do mundo se constrói através de um duplo processo. No quadro apresentado a seguir, verifica-se um resumo de um projeto de comunicação e a forma como a semiotização ocorre.

Quadro 01 - Duplo processo de semiotização:



Fonte: CHARAUDEAU, 2005, p.14

Nesse quadro, percebe-se que esse duplo processo de semiotização engloba os processos de transação e o de transformação. Charaudeau estabelece uma hierarquia entre esses dois processos, na qual o processo de transação rege o de transformação.

O processo de transformação diz respeito à forma como o mundo a significar é transformado em mundo significado. O linguista (CHARAUDEAU, 2005, p.14) apresenta as quatro operações que o compõem: identificação, qualificação, ação e causação. De forma bastante resumida, a identificação consiste em, basicamente, nomear o real, de maneira que se possa dele tratar; a qualificação por sua vez, apresenta suas características e qualidades; a ação mostra aquilo que o objeto de que se trata realiza ou sofre; e a causação dá conta dos motivos pelos quais o objeto em questão sofre ou realiza determinada ação.

As escolhas lexicais, próprias do processo de transformação, são fruto de uma intencionalidade do sujeito comunicante e também expressam a valoração que esse sujeito faz do objeto de que trata. Para Bakhtin (2010, p. 289),

O segundo elemento do enunciado, que lhe determina a composição e o estilo, é o elemento expressivo, isto é, a relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado. Nos diferentes campos da comunicação discursiva, o elemento expressivo tem significado vário e grau vário de força, mas ele existe em toda parte: um enunciado absolutamente neutro é impossível. A relação valorativa do falante com o objeto do seu discurso (seja qual for esse objeto) também determina a escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado .

Observando o processo de transformação num pequeno trecho de uma alocução, na parte que trata do patrono da Infantaria, nota-se a construção valorativa da imagem desse patrono:

Essa natureza combativa do infante, **aguerrido e abnegado**, espelha a figura do patrono da Infantaria, o Brigadeiro Antônio de Sampaio.

Nascido em Tamboril, interior do Estado do Ceará, em 24 de maio de 1810, Sampaio sentou praça no 22º Batalhão de Caçadores, em 1830. **Galgou por mérito todos os postos de sua brilhante carreira militar** e, por sua **tenacidade, inteligência e bravura, atuou decisivamente** em várias batalhas em prol da manutenção da integridade territorial brasileira, tais como Cabanagem, Balaiada, Farroupilha, Revolta Praieira, Guerra contra Oribe e Rosas e Guerra da Tríplice Aliança, onde comandou a histórica Divisão Encouraçada. Nessa sua última empreitada, em plena Batalha de Tuiuti, em 1866, o **bravo guerreiro e incontestável líder militar**, sofreu três ferimentos de bala. Após combater **até o limite de suas forças**, Sampaio veio a falecer a bordo do vapor hospital Eponina, em 24 de maio. (AMAN, 2013, grifo nosso)

Nesse trecho a respeito do patrono da Infantaria, a seleção lexical permite a construção do perfil de um militar ideal: aguerrido, abnegado, líder, bravo guerreiro, tenaz, inteligente e que combate até o limite de suas forças, enfim, um exemplo a ser seguido. Percebe-se que, ao identificar o patrono Sampaio como um líder, tal signo se faz acompanhar de dois outros: incontestável e militar. Tal qualificação revela o posicionamento do produtor do texto. Para Feres (2012, p.131), “‘Qualificar’ é, em síntese, um processo descritivo cujo objetivo precípua é fazer-identificar entes de acordo com um ponto de vista.” Esse ponto de vista valorativo na qualificação é ressaltado em vários outros trechos das alocações do *corpus* desta pesquisa, mas vale destacar, ainda, do fragmento acima, as expressões: bravo guerreiro, que poderia soar quase como uma redundância, pois o signo guerreiro reveste-se do sentido de uma pessoa que se dispõe a ir ao combate e que precisa demonstrar coragem e força; o adjetivo “bravo”, portanto, estaria quase implícito nesse termo. Ainda, ao qualificar a carreira militar de Sampaio, o adjetivo escolhido é ‘brilhante’, signo carregado de valor altamente positivo, que mostra o ponto de vista do produtor do texto.

Para Charaudeau (1992, p.325-6), ao qualificar, é possível adotar três tipos de visão: objetiva, que se prende à percepção física dos objetos do mundo; subjetiva, ligada a um julgamento sobre algo, revelando um posicionamento positivo ou negativo desse objeto; e objetiva relativa, que também é uma percepção física dos objetos do mundo, mas que atrela a essa percepção uma avaliação. Torna-se importante ressaltar que, para esse autor, “essa visão dita subjetiva pode ser produto [...] de uma coletividade que se dotou de certo número de critérios de julgamento



(socioleto)” (CHARAUDEAU,1992, p.325-326), ou seja, a visão de mundo está intimamente ligada a um grupo social ao qual os indivíduos pertencem.

Nesse processo de transformação, percebe-se que a construção valorativa não se resume apenas às operações de identificação e qualificação. Na operação de ‘ação’, há, no trecho citado, o emprego do verbo ‘galgar’, que traz consigo a noção de esforço na obtenção de algo. E esse esforço em atingir os vários postos da carreira é ainda reforçado pela informação de que isso se deu ‘por mérito’, ou seja, de forma legítima e que implica postura e atitudes notórias. Enfim, as escolhas lexicais revelam ideologias da instituição da qual o sujeito comunicante/enunciador faz parte.

Retornando ao quadro 01, proposto por Charaudeau, nota-se que esse processo de transformação depende do processo de transação, pois este irá delimitar o sentido, de acordo com os fatores externos que sobredeterminam o ato de linguagem. Charaudeau expõe que:

Com efeito, as operações de identificação, de qualificação, etc. do *processo de transformação* não se fazem livremente. Elas são efetuadas sob ‘liberdade vigiada’, sob o controle do *processo de transação*, segundo as diretivas deste último - o qual confere às operações uma orientação comunicativa, um sentido. (CHARAUDEAU, 2005, p.16)

No processo de transação, a relação ocorre entre os seres sociais, entre sujeito comunicante e sujeito interpretante, externos ao ato de fala, cujas identidades são essenciais para o projeto de fala. Nesse processo de transação, Charaudeau (2005) postula que há quatro princípios: alteridade, pertinência, influência e regulação.

O princípio de alteridade consiste no fato de que todo ato de linguagem é uma troca entre sujeitos que precisam reconhecer-se mutuamente, conferindo legitimidade um ao outro em uma dada interação, para a validação desse ato de linguagem.

O princípio de pertinência diz respeito ao reconhecimento dos universos de referência que constituem o objeto da interação e, segundo Charaudeau, os projetos de fala devem ser apropriados à finalidade e à situação de comunicação. As alocações que compõem o *corpus* desta pesquisa têm como objetivo comemorar o aniversário de uma determinada arma, quadro ou serviço do Exército. Diversas atividades são realizadas nessas comemorações, algumas a critério da Arma,

outras, previstas pela instituição. Dentre as atividades previstas, destaca-se a solenidade militar chamada de formatura, que tem seu cerimonial pré-estabelecido em manual<sup>4</sup>.

Nessa solenidade de comemoração de uma data significativa, há uma ‘liturgia’ a ser seguida, como a leitura de uma alocução referente à data. No Plano Geral de Ensino da AMAN, documento que regula as atividades realizadas ao longo do ano nessa instituição, são determinados os Cursos responsáveis pela elaboração da alocução. O Curso, então, solicitará a seus cadetes que produzam seus textos para que sejam encaminhados à Cadeira de Português da AMAN, que irá selecionar a alocução vencedora, a ser lida durante a solenidade. Dentre as informações que são prestadas aos cadetes quanto à produção, destacam-se: “conter, aproximadamente, 30 (trinta) linhas;” e “manter fidelidade quanto ao tema e observar a originalidade quanto ao conteúdo”. (AMAN, 2014a, p.2)

O terceiro princípio de transação, o de influência, está ligado à visada do sujeito comunicante, ou seja, à intencionalidade de seu ato e ao resultado que ele deseja obter. As alocuções apresentam uma saudação final, dirigida aos integrantes da Arma, Quadro ou Serviço que homenageiam. Percebe-se que há, neste momento, uma mudança no direcionamento da alocução. Embora as alocuções sejam dirigidas a todos os presentes na solenidade militar, mais adiante, em seu último parágrafo, o endereçamento é feito particularmente aos integrantes da Arma, num apelo a uma tomada de posição. Na alocução alusiva ao dia da Infantaria, encontra-se a seguinte saudação:

Infantes, orgulhemo-nos dos feitos heroicos daqueles que tanto enobreceram o nome da Infantaria brasileira. Tenhamos a certeza de que, em qualquer ponto do território nacional, por mais longínquo que seja, haverá sempre um infante disposto a lutar” (AMAN, 2013, p.1).

Busca-se a adesão dos presentes, em especial dos infantes, para que as tradições dessa arma sejam perpetuadas. A frase final afirma que “haverá sempre um infante disposto a lutar” e isso depende do engajamento desses infantes. Mediante seu discurso, o sujeito produtor busca satisfazer seu princípio de influência obtendo tal engajamento.

O último princípio do processo de transação, o princípio de regulação, tem por objetivo manter o projeto de comunicação, evitando, conforme diz Charaudeau,

---

<sup>4</sup> Manual de Cerimonial Militar.

rupturas ou confrontos, mediante o uso de estratégias que garantam uma intercompreensão mínima e necessária para que a interação seja eficaz. Nas alocações, percebe-se esse princípio quando o sujeito comunicante / enunciador, atentando para o contrato em que está inserido, prepara seu discurso seguindo as normas desse contrato. Pode-se dizer, então, que a alocação é regulada pelas normas do contrato de comunicação. O sujeito comunicante / enunciador precisará atender tais normas, satisfazendo vários aspectos como: finalidade, extensão da alocação, registro linguístico, entre outros.

#### 4.1.3 O contrato de comunicação e os sujeitos do ato de linguagem

Todo contrato pressupõe papéis a serem desempenhados por aqueles que nele se engajam. Em termos jurídicos, tais papéis são registrados e, depois de firmado um acordo, o não cumprimento de suas cláusulas pode resultar em cobranças legais para aquele que as quebrou. Tanto contratante como contratado possuem direitos e deveres, firmados no momento do acordo entre as partes.

Charaudeau (2014) apropria-se do termo jurídico ‘contrato’ e o transpõe para o campo da linguagem, inserindo em sua teoria a noção de ‘contrato de comunicação’, que é uma noção central na Semiolinguística. Tomando por base as características que o contrato possui no campo jurídico, no contrato de comunicação, também há cláusulas a serem seguidas, regras que são internalizadas ou que são aprendidas pelos agentes de uma determinada interação. Charaudeau (2014, p.56) apresenta a noção de contrato como a que “pressupõe que os indivíduos pertencentes a um mesmo corpo de práticas sociais estejam suscetíveis de chegar a um acordo sobre as representações languageiras dessas práticas sociais”.

Este termo é ainda definido como:

[...] o conjunto das condições nas quais se realiza qualquer ato de comunicação (qualquer que seja sua forma, oral ou escrita, monolocutiva ou interlocutiva). É o que permite aos parceiros de uma troca languageira reconhecerem um ao outro com os traços identitários que os definem como sujeitos desse ato (identidade), reconhecerem o objetivo do ato que os sobredetermina (finalidade), entenderem-se sobre o que constitui o objeto temático da troca (propósito) e considerarem a relevância das coerções materiais que determinam esse ato (circunstância) (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2012, p.132).

Cada um dos itens acima: identidade, finalidade, propósito e circunstância são marcas essenciais do contrato de comunicação, dos quais, neste primeiro momento, pode-se destacar a identidade dos agentes de um projeto de comunicação. Segundo Woodward (2000, p.30),

Os indivíduos vivem no interior de um grande número de diferentes instituições, que constituem aquilo que Pierre Bourdier chama de 'campos sociais', [...] Embora possamos nos ver, seguindo o senso comum, como sendo a 'mesma pessoa' em todos os nossos diferentes encontros e interações, não é difícil perceber que somos diferentemente posicionados, em diferentes momentos e em diferentes lugares, de acordo com os diferentes papéis sociais que estamos exercendo.

Ao entender que os sujeitos desempenham diferentes papéis sociais, compreende-se o quanto a questão da identidade é relevante nas diferentes interações. Um indivíduo, em sua casa, assumirá um papel diferente do que desempenhará em seu local de trabalho, que, por sua vez, será ainda diferente quando num clube, entre amigos. Nos três exemplos, percebem-se diferentes contratos de comunicação, em que a identidade assume papel essencial.

Woodward declara, ainda, que a identidade é relacional, ou seja, depende do outro. Em seu artigo *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*, a autora baseia-se em uma história sobre a guerra entre sérvios e croatas, mostrando que “a identidade sérvia depende, para existir, de algo fora dela: a saber, de outra identidade (Croácia), de uma identidade que ela não é, que difere da identidade sérvia, mas que entretanto, fornece as condições para que ela exista” (WOODWARD, 2000, p.9). Essa noção, sobre a importância da identidade dos sujeitos envolvidos numa determinada interação, remete a um dos princípios que compõem o processo de transação, o Princípio da alteridade, em que:

[...] todo ato de linguagem é um fenômeno de troca entre dois parceiros (quer estejam diante um do outro ou não) que devem reconhecer-se como semelhantes e diferentes. São semelhantes porque, para que a troca se realize, é necessário que tenham em comum, *universos de referência* (saberes compartilhados) e *finalidades* (motivações comuns); são diferentes porque o outro só é perceptível e identificável na dessemelhança, e porque cada um desempenha um papel particular: de sujeito emissor- produtor de um ato de linguagem (o *sujeito comunicante*), de sujeito receptor-interpretante deste ato de linguagem (o *sujeito interpretante*). Assim, segundo este princípio, cada um dos parceiros está engajado num processo recíproco (mas não simétrico) de reconhecimento do outro, numa interação que o legitima enquanto tal - o que é uma condição

para que o ato de linguagem seja considerado válido. Este princípio é o fundamento do aspecto *contratual* de todo ato de comunicação, pois implica um reconhecimento e uma legitimação recíprocos dos parceiros entre si (CHARAUDEAU, 2005, p.15).

Ao reconhecer que esse princípio é o fundamento do aspecto contratual de todo ato de comunicação, Charaudeau (2005, p.17) reforça a importância da identidade dos parceiros, não apenas do que ocupa a posição do 'EU', mas também a do indivíduo na posição do 'TU', o outro a quem o projeto de fala é direcionado, ou seja, o "ato de linguagem depende da identidade dos parceiros".

O contrato de comunicação está intimamente ligado aos fatores externos que o regem, o que, para muitos autores, significa falar da noção de contexto. Ao abordar tal noção, diferentes nomenclaturas são encontradas. Para Koch (2002, p.23-24), por exemplo, co-texto é compreendido como o entorno verbal enquanto contexto englobaria "a situação de interação imediata, a situação mediata (entorno sociopolítico-cultural) e também o contexto sociocognitivo dos interlocutores que, na verdade, subsume os demais." Para Charaudeau (2014, p.69), por sua vez, contexto equivale ao que Koch chama de co-texto, "enquanto situação é externa ao ato de linguagem, embora constitua as condições de realização desse ato." Adotando a definição proposta por Charaudeau e Maingueneau (2012, p.450),

[...] o termo **situação** é empregado de diversas maneiras e, frequentemente, é equivalente a contexto. Ele tende, entretanto, a se distinguir de contexto, sob diversas denominações: a situação de comunicação, situação de discurso, situação contextual ou contexto situacional, situação de enunciação.

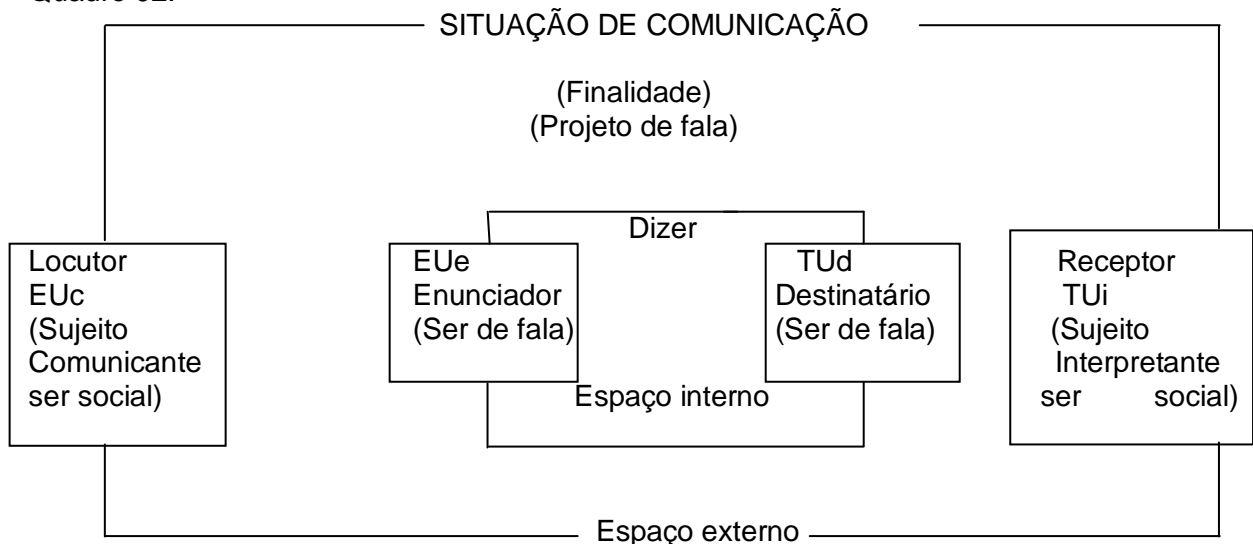
De maneira geral, sem se opor, no momento, ao "contexto", esse termo refere-se ao conjunto de condições que organizam a emissão de um ato de linguagem. [...] poderíamos propor distinguir a situação de comunicação, quando nos referimos ao meio extralinguístico no qual se encontram os dados que correspondem aos diferentes componentes [...].

Mesmo com diferentes nomenclaturas, a relevância dos fatores externos à linguagem, para a produção de sentido é essencial, conforme diz Koch (2002, p.25):

Há um consenso relativo sobre o fato de que, sob a noção de contexto, se oculta a hipótese de que nenhuma análise linguística, de qualquer ordem que seja, pode ser feita sem levar em conta ou fazer intervir, em algum momento, elementos exteriores aos dados ou fatos linguísticos analisados. Isto é, de que é possível considerar as unidades linguísticas isoladamente, mas que tal análise é insuficiente e que é preciso levar em conta outra coisa do exterior, isto é, o contexto.

Convém ser esclarecido que, nesta pesquisa, serão adotadas as nomenclaturas contexto e situação de comunicação, conforme propostas por Charaudeau e Maingueneau (2012). Charaudeau apresenta um quadro ilustrativo sobre a situação de comunicação e os sujeitos do ato de linguagem, que ora será apresentado:

Quadro 02:



Fonte: CHARAUDEAU, 2014, p.52

Ao observar o quadro da situação de comunicação, percebe-se que a situação trata dos fatores externos ao projeto de comunicação, mas que definirão o sentido de tal ato. Charaudeau, ao expor sobre os múltiplos sentidos que o texto pode ter, diz que “um texto considerado nas circunstâncias que o produziram é portador de sentido, ainda plural, mas desta vez filtrado, organizado, ordenado, em suma, domesticado pelo projeto de fala (“parole”) daquele que é seu genitor (o “eu” de Roland Barthes)” (CHARAUDEAU, 1994, p.9). Desta citação, percebe-se que há algo que, de certa forma, delimita e distingue o que é um sentido possível daquele que não o é. Embora ainda haja sentidos múltiplos, não é qualquer sentido, mas aquele ou aqueles, que, como diz Charaudeau, são ‘filtrados’ e ‘domesticados pelo projeto de fala’. A situação de comunicação seria este filtro.

Ao entender que o contrato está atrelado a uma situação de comunicação, torna-se necessário responder ao seguinte questionamento: Como seria a iniciação de um indivíduo para atuar em um contrato de comunicação no meio militar, ou seja, como esse sujeito egresso de um ambiente civil aprende a interagir segundo as restrições impostas pelo contrato de comunicação do discurso militar? Ao mencionar o termo ‘iniciação’, tem-se a pretensão de expor como um determinado indivíduo

passa a interagir na posição de integrante da instituição militar.

Todo militar, ao ingressar no Exército, passa por um período de adaptação. Nesse período em que os indivíduos têm seu primeiro contato com a vida na caserna, o traje utilizado é calça jeans e camiseta branca. Também é durante esse período que o militar recebe instruções iniciais das quais destaco: o reconhecimento dos postos e graduações; a forma de execução da continência, forma de comunicação não verbal, que representa a saudação do subordinado a seu superior, bem como a resposta deste àquele; e o uso adequado dos uniformes. Ao deixar de trajar a vestimenta civil e passar a usar o uniforme, no que diz respeito à atividade linguageira, marca-se que o militar já dispõe das condições mínimas necessárias para essa prática. Embora tais instruções possam parecer irrelevantes ao contrato, elas são essenciais não apenas na percepção da identidade dos agentes, mas também no direcionamento e nas normas a serem seguidas num dado discurso militar, pois o contrato

[...] implica a existência de dois sujeitos em relação de intersubjetividade, a existência de convenções, de normas e de acordos que regulamentam as trocas linguageiras, a existência de saberes comuns que permitem que se estabeleça uma intercompreensão, o todo em uma certa situação de comunicação (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2012, p.131).

Um fato ocorrido em maio de 2011 ilustra o que foi exposto acima. Um homem que se passava por coronel do Exército foi preso, e sua falsa identidade foi descoberta pelo uso inadequado das peças de seu uniforme. A falta deste saber comum fez com que ele não estivesse trajando o uniforme de forma coerente, sendo por isso, desmascarado. A seguir, um trecho da notícia que foi veiculada no site globo.com:

Um soldado do Exército que estava trabalhando no Comando Militar do Leste suspeitou do homem que, segundo o tenente Bruno Bittencourt, tinha a farda com detalhes que originalmente não fazem parte do uniforme militar, como cinto com fivela dourada e capacete. Ao abordarem o suspeito, o homem falou que era coronel e pediu que os dois batessem continência (KAPPEN, 2011).

Nessa situação, percebe-se que o falso coronel possuía alguns saberes da vida da caserna, como o fato de exigir a continência daqueles que o interpelavam, por lhe serem ‘subordinados’, mas desconhecia outros aspectos que o colocaram em atitude suspeita. A sobreposição de itens não compatíveis do uniforme foi o

primeiro indício da falsa identidade do indivíduo que se passava por militar.

Como já mencionado, o sujeito que fala tem uma identidade e o projeto de comunicação dependerá não apenas da sua identidade, mas também da identidade do outro a quem o projeto é direcionado. Através desse princípio de alteridade, definiremos a forma como o projeto de comunicação se desenvolverá.

Numa empresa, um funcionário ao dirigir-se a outro funcionário não agirá da mesma forma como em uma interação com seu chefe, por exemplo. Nesse caso, os papéis sociais interferem no quadro contratual, a função dos agentes é o que define as regras contratuais.

Transpondo o exemplo para o campo do discurso militar, o sujeito que fala, ao observar o sujeito a quem o projeto de fala é direcionado, vê em seu traje uma informação bastante relevante e que definirá o quadro contratual: posto / graduação. A identidade do falante e a identidade do outro, levando em consideração o posto de cada um, definirão as regras do contrato de comunicação. Não é a função que cada um desempenha, mas sim, a hierarquia dos sujeitos que irá definir tais regras do contrato de comunicação no discurso militar. Nota-se que há contratos diferentes entre os seguintes sujeitos: soldado e soldado; e, soldado e tenente, por exemplo. Enfim, o princípio da alteridade marca e delimita as regras do contrato.

O modo de endereçamento e de falar estarão intimamente ligados ao posto e à graduação desses sujeitos, que têm conhecimento dos limites e liberdades desse contrato de comunicação.

Ao se observar uma situação de sala de aula, Charaudeau propõe como uma característica contratual, o papel comunicativo dos interactantes de um ato de comunicação e diz tratar-se dos “papéis que os parceiros da troca devem assumir, em virtude do contrato que os liga.” (CHARAUDEAU, 2014, p.71), ou seja, há certas expectativas com relação às atitudes de professor e aluno, havendo características gerais semelhantes entre essa situação em diferentes salas de aula. Ao colocar a situação de comunicação de sala de aula num ambiente militar, haverá alguns papéis peculiares que os interactantes precisarão assumir dentro deste contrato de comunicação, e que dependerão da identidade (posto) dos interactantes. Numa primeira situação, temos um discente de posto inferior ao do docente/instrutor. Ao expressar alguma opinião ou ao fazer um questionamento ao oficial professor ou instrutor, tal discente precisará se posicionar de pé para fazê-lo. O docente, por sua



vez, pode emitir solicitações diretas, de forma que seus discentes realizem as atividades propostas. Numa segunda situação em que o professor seja de posto inferior ao de seus discentes, este docente precisará referir-se a seus alunos, tratando-os por senhores. Nessa última situação de comunicação, estratégias de polidez serão mais utilizadas a fim de que os discentes desempenhem as tarefas de alunos sem que as normas quanto à hierarquia sejam quebradas, como no uso de uma instrução ou ordem direta, que seria aceitável apenas na situação de comunicação do primeiro exemplo. A intenção nas duas situações de comunicação é a mesma, um “mandar fazer” (CHARAUDEAU, 2010a, p.3), mas a forma como essa visada será atingida será diferente em virtude das identidades dos sujeitos envolvidos em cada projeto. Quando o sujeito comunicante não dispõe de uma autoridade no que se refere à hierarquia de seu posto, embora seja o professor, precisará usar estratégias a fim de que a intenção seja não apenas percebida, mas atingida. Esses limites e liberdades fazem parte deste contrato de comunicação e constam dos saberes dos sujeitos que interagem, integrantes da Força Terrestre, para que o projeto de comunicação seja eficaz.

Como visto no parágrafo anterior, ao pensar sobre o gênero sala de aula, percebem-se diversas semelhanças entre salas de aula em estabelecimentos civis e militares, quanto ao papel esperado de desempenho dos participantes da troca linguageira. Ao mesmo tempo, há diferenças que fazem parte do contrato de comunicação do discurso militar. No exemplo das duas diferentes situações de sala de aula no ambiente militar expostas acima, observa-se o princípio da alteridade de Charaudeau (2010b) regendo a forma como a interação se desenvolverá. A identidade social é o que dará legitimidade aos sujeitos, entendendo que “a legitimidade depende de normas institucionais, que regem cada domínio da prática social e que atribuem funções, lugares e papéis aos que são investidos através de tais normas.” (CHARAUDEAU, 2009, p.4)

Em face do exposto, percebe-se, no meio militar, que o contrato de comunicação estabelece regras claras no que diz respeito à forma de endereçamento e à postura entre os participantes de um projeto de comunicação. Como já mencionado, quando se trata do princípio da alteridade e quando se aborda a noção de legitimidade, tais regras são totalmente dependentes do posto ou graduação dos sujeitos envolvidos na interação, o que reforça a ideia da dependência do ato de linguagem à identidade social dos parceiros. Tomando como

base tal pressuposto, de que o posto está intimamente ligado à forma como o projeto de comunicação se desenvolverá, a relação dos participantes será dividida em dois grupos básicos: projeto entre pares, ou seja, entre indivíduos de mesmo posto ou graduação; e projeto de subordinação, quando há diferença entre os postos, estabelecendo-se distinção na forma de tratamento entre superior / subordinado e vice-versa.

Quando os participantes do projeto de comunicação são pares, ambos dirigem-se um ao outro de maneira mais informal, chamando um ao outro pelo nome de guerra<sup>5</sup> e o tratamento utilizado é você. Embora mesmo entre pares haja a questão da antiguidade<sup>6</sup>, na maioria das vezes, isso não interfere de maneira relevante.

No projeto de subordinação, por sua vez, não apenas a linguagem verbal faz parte do contrato de comunicação, mas as atitudes e postura dos participantes são nitidamente marcadas. No que tange à linguagem verbal, o superior chama o subordinado pelo nome de guerra e utiliza o pronome de tratamento você, enquanto o participante de posto inferior, necessariamente, não poderá se dirigir ao superior omitindo seu posto e o chamará de senhor(a). Presume-se que o grau de polidez será muito maior nesse tipo de projeto, principalmente, por parte do sujeito de posto inferior, acentuando-se, ainda mais, quando um dos participantes é oficial general. Conforme diz Koch: “O grau de polidez é socialmente determinado, em geral com base nos papéis sociais desempenhados pelos participantes, na necessidade de resguardar a própria face ou a do parceiro, ou, ainda condicionado por normas culturais” (2002, p.37). Pode-se ouvir a seguinte frase: ‘Fulano é desenquadrado.’ Tal frase reflete que o indivíduo em questão não está seguindo as ‘regras’ do contrato de comunicação, ou por negligenciá-las ou por desconhecimento. Ao falhar em seguir o processo de transação, por não observar o princípio de alteridade, o sujeito comunicante é considerado desenquadrado, ou seja, não adequado às restrições do contrato. Castro (2004, p.29) descreve que “a amizade entre militares hierarquicamente distintos pressupõe, ao contrário, maneiras discretas e controladas de expressão dos afetos”, reforçando a hipótese de que o grau de polidez será maior no projeto que ora foi designado por projeto de subordinação.

---

<sup>5</sup> Nome pelo qual o militar é conhecido em seu ambiente de trabalho.

<sup>6</sup> Mesmo dentro do mesmo posto, há uma hierarquização chamada de antiguidade, que determina quem é superior ou ‘mais antigo’.

Nesse sentido, fazem parte do contrato de subordinação atitudes e posturas, das quais cabe ainda destacar a continência, cumprimento que parte do subordinado ao superior e que marca o início de uma interação, que pode, ou não, resumir-se apenas nesta saudação.

O posto/a graduação definirá o quadro contratual a ser adotado no discurso militar. Ou o militar conhece de antemão se o sujeito com quem fala lhe é superior, par ou subordinado; ou precisará buscar tal informação na insígnia utilizada em seu uniforme. Uma situação que ilustra a importância do não verbal, no caso, a visualização da insígnia indicativa de posto, pode ser percebida na base aérea de Lackland, estado do Texas, nos Estados Unidos. Ciente da importância dessa informação na definição da forma de iniciação e desenvolvimento de um projeto de fala, aquela instituição age da seguinte forma para sanar dificuldades em virtude das diferentes insígnias de cada Força (Marinha, Exército, Força Aérea e Forças Auxiliares) e de cada país. Cada aluno estrangeiro recebe a insígnia norte-americana correspondente a seu posto para utilizar em seu uniforme e recebe manual com a descrição de cada insígnia dos EUA. Assim sendo, cada militar saberá como deverá se dirigir a outro, dentro das restrições que o contrato de comunicação lhe impõe. Ainda assim, no local onde há maior circulação de estrangeiros, nas instalações do Defense Language Institute (DLI), há a placa '*No salute area*', estabelecendo-se um acordo de que não há necessidade de prestar continências naquela local.

Charaudeau (2014, p.44) postula que “o ato de linguagem não deve ser concebido como um ato de comunicação resultante da simples produção de uma mensagem que um Emissor envia a um Receptor. Tal ato deve ser visto como um encontro dialético”. No projeto de comunicação, então, dois processos estão envolvidos: o de produção e o de interpretação. O primeiro deles parte do sujeito produtor para o sujeito interlocutor. O processo de interpretação, por sua vez, é criado pelo sujeito a quem o ato é direcionado. Esses processos são distintos, pois os saberes dos sujeitos envolvidos num projeto de comunicação são diferentes.

Para Charaudeau (2004), num ato de linguagem, há uma *mise en scène*, ou seja, os agentes envolvidos são atores com papéis a serem desempenhados. Assim como em uma encenação teatral, diversos fatores influenciam o ato, em uma interação, diversos fatores externos o sobredeterminam. Charaudeau (2004, p.1) diz que: “Agora, podemos levantar, de maneira razoável, a hipótese de que todo

domínio de prática social tende a regular as trocas e, por consequência, a instaurar as regularidades discursivas”. No discurso militar, as trocas são reguladas por diversos fatores, dos quais se destacam os agentes. Quem sou e com quem falo são aspectos primordiais, conforme já descrito, quando o princípio de alteridade foi abordado e quando os dois tipos de projetos de interação no ambiente militar (entre pares e de subordinação) foram apresentados. Isso se deve ao fato de que um dos pilares da instituição é a hierarquia.

Pauliukonis (2009, p.114) reitera a posição de Charaudeau, dizendo que:

Estabelece-se, assim, que entre os parceiros há uma lógica das ações, capaz de produzir e testemunhar as regras, que são acatadas convencionalmente e cristalizadas na sociedade. Essas regras fazem parte de um saber partilhado, de um inventário de crenças, que são os ‘lugares comuns’ ou os ‘*topoi*’, no dizer de Aristóteles, típicos de cada grupo social.

Dessa citação, entende-se que as convenções e regras estabelecidas na instituição militar regerão a encenação das interações nesse meio, tanto no que diz respeito às expressões verbais quanto às não verbais, conforme já mencionado.

Ao retomar o quadro número 02 (p.28), percebem-se dois espaços: o do ‘fazer’ e o do ‘dizer’, conforme Charaudeau (2014, p.52). O espaço externo, conforme já exposto, corresponde à situação de comunicação; e o espaço interno, ao ato de fala. Nesses espaços, estão os agentes do projeto de comunicação, que, segundo a teoria semiolinguística, desdobrar-se-ão em quatro sujeitos, dois seres reais, externos ao ato de fala e dois seres de fala (CHARAUDEAU, 2014, p.45-7).

No espaço externo, encontram-se os seres reais, agentes de um projeto de comunicação: locutor e interlocutor. Ao sujeito responsável pela iniciação da produção de um ato de fala chamar-se-á sujeito comunicante. Este se dirige a um outro sujeito, aquele a quem o projeto de comunicação é direcionado e responsável pelo ato de interpretação, o qual será chamado de sujeito interpretante, seguindo a nomenclatura proposta por Charaudeau, que será adotada a partir deste momento.

No espaço do dizer, ou seja, na enunciação, o sujeito comunicante, ao produzir seu discurso, cria a imagem de um interlocutor ideal, que poderá, ou não, estar explicitamente marcado. Seu discurso é tematizado de acordo com o indivíduo imaginário que o sujeito comunicante tem em mente. A esse ser idealizado, chamar-se-á sujeito destinatário. A eficácia do projeto de comunicação resulta da identificação do interlocutor real (sujeito interpretante) a esse ser ideal (sujeito

destinatário) construído pelo locutor. Por outro lado, o sujeito comunicante, ao se inserir na fala, constrói uma imagem de si, que traz sua intencionalidade e que é, ao mesmo tempo, construída mediante a interpretação do interlocutor. Esse sujeito construído, tanto pelo sujeito comunicante ao produzir sua enunciação, quanto pelo sujeito interpretante no processo de interpretação, corresponde ao sujeito enunciador.

A compreensão dos parceiros e protagonistas da encenação linguageira é um aspecto bastante relevante dentro da teoria Semiolinguística e leva à reflexão sobre o tema das identidades, que abordaremos a seguir.

#### 4.1.4 Identidade social e identidade discursiva

Um dos importantes postulados da teoria Semiolinguística é apresentado no quadro 02 (p.28): o desdobramento dos sujeitos em dois níveis, o nível social e o nível do discurso. Tal desdobramento leva ao entendimento da diferença entre identidade social e identidade discursiva, tema estudado por Charaudeau com relação aos sujeitos de um determinado projeto de comunicação.

Os agentes de um projeto de comunicação possuem uma identidade social que, embora não esgote a significação do discurso, exerce influência nele. A identidade social pode ser, no discurso, segundo Charaudeau (2009, p.3), “reiterada, reforçada, recriada, ou, ao contrário, ocultada pelo comportamento linguageiro do sujeito falante, e a identidade discursiva, para se construir, necessita de uma base de identidade social.”

Observando o quadro, percebe-se que, no espaço externo, estão os seres psicossociais, ou seja, seres reais, designados por Charaudeau como sujeito comunicante (aquele que fala) e sujeito interpretante, conforme já exposto.

Para Charaudeau (2009, p.4), “a identidade social tem como particularidade a necessidade de ser reconhecida pelos outros. Ela é o que confere ao sujeito seu ‘direito à palavra’, o que funda sua legitimidade”. Ao pensar sobre o espaço externo do contrato de comunicação do discurso militar, espaço onde se encontram os sujeitos comunicante e interpretante, traços relevantes dessa identidade social são muitas vezes percebidos visualmente. No uniforme, por exemplo, visualizam-se várias informações a respeito do sujeito que o está trajando, tais como: posto ou graduação do militar; sua unidade militar; sua arma, quadro ou serviço; suas

condecorações e, até mesmo, alguns cursos por ele realizados ou missões das quais tenha participado. Assim, a identidade do 'EU' é, em parte, percebida pelo outro, ou seja, a pessoa a quem o 'eu' se dirige; e a identidade do outro, o 'tu', também pode ser visualizada pelo 'eu'. Observando apenas uma simples peça do uniforme, como por exemplo, a boina, sua cor revela um pouco sobre o militar que a utiliza. A boina azul ferrete é usada por cadetes e alunos de alguns estabelecimentos de ensino (do Instituto Militar de Engenharia) - IME, dos Núcleos e Centros de Preparação de Oficiais da Reserva - NPOR e CPOR, dos Cursos de Formação de Sargentos - CFS; a camuflada, por integrantes de Organização Militar da Amazônia; a azul-ultramar, por integrantes da Organização Militar de Aviação do Exército, a garança, por alunos de colégios militares; a bordô, por paraquedistas; a verde-oliva, por militares de diversas Organizações Militares, entre outras. Esses detalhes, ainda que não sejam, em sua totalidade, do conhecimento de todos os integrantes da Força Terrestre, podem ser consultados pelos indivíduos que integram a instituição. Ou seja, ou eles sabem o que lhes cabe usar, ou sabem onde poderão buscar tal informação, no caso em questão, no regulamento que especifica o uso dos uniformes: o Regulamento de Uniformes do Exército ( RUE).

Voltando à análise dos seres sociais que compõem o espaço externo e estabelecendo uma conexão com o *corpus* desta pesquisa, surge um novo questionamento: quem são os agentes envolvidos na situação de comunicação das alocações que ora são analisadas? Trata-se de parceiros múltiplos. O sujeito comunicante apresentará seu texto, primeiramente, na forma escrita, aos oficiais que procederão à escolha da alocação. Posteriormente, o sujeito comunicante dirigirá-se a cerca de dois mil militares que estarão em forma<sup>7</sup>. Dessa vez, a transmissão é feita de forma oral. Em ambos os momentos, há situações monolocutivas, quando a interpelação não é possível ou é postergada.

O sujeito comunicante das alocações, que dá voz ao sujeito enunciador, é cadete do quarto ano<sup>8</sup> da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) e, algumas vezes, tal atribuição é passada aos cadetes do terceiro ano. Jovens brasileiros, do sexo masculino, de diversas regiões do Brasil, que vivem em regime de internato e

---

<sup>7</sup> Em forma significa que os militares estarão ocupando um dispositivo, posicionados dentro de seus setores em posição imóvel, movimentando-se ou reagindo de acordo com comandos dados por voz ou corneta.

<sup>8</sup> Embora o Curso de Bacharel em Ciências Militares tenha a duração de 5 anos, um ano é realizado na Escola Preparatória de Cadetes do Exército, em Campinas-SP. Quando nos referimos ao 4º ano, referimo-nos ao último ano do curso da AMAN.

que estão próximos da conclusão de seu curso de graduação em Ciências Militares<sup>9</sup>.

Esse sujeito, dentro do curto tempo de que dispõe para a produção da alocução, realiza pesquisa sobre o tema em questão, a fim de verificar fatos históricos, datas e figuras importantes; e procede à redação de seus textos. Para que este “projeto de comunicação” (OLIVEIRA, 2003, p.33) seja eficaz, esse sujeito precisará seguir certas normas, observando também as características do gênero textual em questão. Outro fato a ser lembrado refere-se à participação do sujeito comunicante, ao longo dos anos que permanece na AMAN, em outras solenidades de comemoração de datas significativas. Isso lhe permite saber, de modo geral, o que se espera de uma alocução a ser lida nas formaturas. Conseqüentemente, a polifonia estará presente em seu discurso.

Importante ressaltar o fato de que esse sujeito será um propagador das tradições da arma a que pertence e, conseqüentemente, do Exército. Sua alocução tem como finalidade prestar culto a vultos e fatos históricos.

Nas solenidades militares, destaca-se a aplicação do princípio de legitimidade (CHARAUDEAU, 2010b, p.4). O direito à palavra é conferido ao comandante e/ou a outro militar mais antigo presente, geralmente um oficial mais antigo em visita ou inspeção. Que fator permite, então, a um cadete, discente da instituição e que ainda não atingiu o oficialato, nem concluiu seu curso de formação, assumir o direito à fala nesta solenidade? Ao participar de concurso interno e ter seu trabalho selecionado, o cadete recebe como prêmio o direito à palavra durante a referida cerimônia, ou seja, uma legitimidade por reconhecimento, como diz Charaudeau (2009, p.311):

Existe, entretanto, uma outra legitimidade, aquela que é atribuída de fato, pela força do reconhecimento, por parte dos integrantes de uma comunidade, do valor de um dos seus membros. É a legitimidade conferida pela atribuição de um prêmio (como nos festivais) ou de um título honorífico, ou a entronização numa sociedade cultural (a Academia), ou num outro tipo de atividade, a performance ou a vitória na competição esportiva.

Num gênero textual como ‘Ordem do Dia’, o princípio da legitimidade é claro: o Presidente, o Comandante da Força, ou alguma outra autoridade é o sujeito comunicante/enunciador. No caso das alocuções produzidas pelos cadetes, por sua vez, esse princípio de legitimidade é enfatizado no momento em que o militar responsável pela condução da cerimônia cita que determinado cadete fará a leitura

---

<sup>9</sup> Curso de nível superior com duração de 5 anos, dos quais quatro anos são realizados na AMAN.

de uma alocução alusiva ao aniversário da Arma e que o mesmo receberá um prêmio por ter tido seu trabalho selecionado em concurso promovido pela Cadeira de Português. Tal citação feita durante a formatura confere legitimidade ao sujeito comunicante/enunciador. Esse princípio de legitimidade por reconhecimento evidencia um 'saber fazer' (CHARAUDEAU, 2009, p.311).

Ainda no espaço externo da situação de comunicação, encontram-se os seres sociais a quem o projeto de comunicação é direcionado. Na Semiologia, esse interlocutor é chamado de sujeito interpretante. Percebe-se que, no projeto das alocuções, há dois grupos distintos de sujeito interpretante, pois, o *corpus* de textos a ser analisado é lido em dois momentos distintos. Embora a forma final da alocução seja o foco desta análise e, conseqüentemente, haja uma concentração no segundo grupo, não se poderia deixar de mencionar os dois momentos e seus participantes.

O primeiro grupo a quem as alocuções são direcionadas é composto por oficiais da Cadeira de Português da AMAN, responsáveis pela divulgação do concurso interno de produção das alocuções, que tem a finalidade de promover o culto às tradições, ao serem lidas durante as solenidades militares internas deste estabelecimento de ensino (formaturas), em comemoração ao aniversário de determinada Arma, Quadro ou Serviço. Esse primeiro grupo também é o responsável pela seleção da alocução que será lida durante a cerimônia de comemoração de datas significativas do Exército. Tais sujeitos interpretantes, professores da Cadeira de Português, fazem a escolha do texto a ser lido, propondo correções, caso necessário. Verifica-se, neste momento, que se trata de um contrato de troca postergada (CHARAUDEAU, 2014, p.70), devido à situação de monolocalização, conforme estabelece Charaudeau (2005, p.24). Esse grupo tem acesso à modalidade escrita e fornecerá ao sujeito comunicante um *feedback* de sua produção, verificando, dentre outras características, a habilidade no uso da língua em registro adequado do sujeito comunicante. Sugestões poderão ser feitas até que o texto chegue a sua versão final, que será lida para o público presente à cerimônia. Ênfase também é dada à forma como a alocução será lida. O cadete cuja alocução foi escolhida realizará treinamento da leitura, também sob a responsabilidade da Cadeira de Português, tendo como aspectos observados: as devidas marcações de pausa, entonação e dicção.

O segundo grupo de sujeitos interpretantes, por sua vez, é composto por militares de diferentes postos e graduações da AMAN e, em alguns casos, de



visitantes militares e civis. Nesse momento, o contrato é de não troca, pois não é permitido à tropa interagir durante a formatura, ou seja, embora os parceiros estejam no mesmo local, todos permanecem imóveis, ouvindo a leitura da alocução, reforçando o que afirma Charaudeau (2004, p.71): “Trata-se dos papéis que os parceiros da troca devem assumir, em virtude do contrato que os liga”.

Dentre esse segundo grupo, estão os integrantes da Arma, Quadro ou Serviço que aniversaria, trajando uniforme especial, distinto do que os demais militares presentes na solenidade usam e ocupando posição de destaque na cerimônia.

A maior parte desse segundo grupo é composto de cadetes de diferentes anos, dos quais vale destacar os cadetes do primeiro ano de AMAN, que integram o Curso Básico<sup>10</sup>. Esses cadetes ainda não fizeram a escolha da Arma, Quadro ou Serviço a que pertencerão. Tal escolha é permanente, por isso, a alocução também é uma ferramenta de propaganda, promoção e divulgação da Arma, conforme citação de Castro (2004) já mencionada, quando a apresentação da AMAN foi feita.

Percebe-se que os participantes desse projeto de comunicação, ou seja, o sujeito comunicante e o sujeito interpretante pertencem a contextos cognitivos parcialmente semelhantes, por serem, em sua quase totalidade, integrantes do Exército Brasileiro e terem um certo conhecimento do assunto a ser tratado. Emprega-se a expressão ‘certo conhecimento’ como sendo os universos de referência ou saberes compartilhados, que Koch (2002, p.23) chama de contexto sócio cognitivo - conhecimento que os integrantes da Força Terrestre têm da função de cada Arma, Quadro e Serviço e de seus patronos, entre outros. Para Charaudeau (2014, p.56), “o sujeito comunicante sempre pode supor que o outro possui uma competência linguageira de reconhecimento análoga à sua”.

Novamente observando o quadro 02 (p.28), percebe-se que, no espaço interno, ou seja, no espaço do dizer, os sujeitos desdobrar-se-ão nos seres de fala: sujeito enunciador e sujeito destinatário, assumindo uma identidade discursiva que pode, ou não, coincidir com a identidade social dos participantes. Para exemplificar esse desdobramento, pode-se pensar num sujeito comunicante, ser real, que tem diversas características identitárias: pai, marido, profissional, esportista etc.. Numa

---

<sup>10</sup> Curso Básico corresponde ao curso realizado no 1º ano da AMAN ( sendo o segundo ano do Curso de Bacharel em Ciências Militares, iniciado na EsPCEX, em Campinas-SP), quando os cadetes recebem a formação básica e adquirem conhecimentos gerais sobre as Armas, Quadros e Serviço.

dada interação, em virtude do contrato que sobredetermina o ato de linguagem, esse sujeito, em seu discurso, opta por assumir apenas uma determinada faceta de sua identidade. O sujeito comunicante, ser social, ainda engloba cada uma de suas características identitárias, mas no discurso, enquanto sujeito enunciador, ele pode assumir apenas uma.

Ainda segundo Charaudeau, o sujeito enunciador pode assumir atitudes discursivas diferentes, das quais ele aponta a de neutralidade, a de distanciamento e a de engajamento. Será destacada, nesta pesquisa, a última atitude discursiva, quando o enunciador opta “(de maneira mais ou menos consciente) por uma tomada de posição na escolha de argumentos ou de palavras, ou por uma modalização avaliativa trazida a seu discurso” (CHARAUDEAU, 2009, p.5). Quando o processo de transformação foi abordado, pôde-se constatar que as escolhas lexicais feitas nas alocações apontavam para uma atitude discursiva de engajamento, ou seja, as operações de identificação, qualificação, ação e causação revelavam o ponto de vista do sujeito comunicante/enunciador.

Ao se debruçar sobre o espaço interno do projeto das alocações, percebe-se a identidade discursiva desse ser psicossocial. O cadete, ser social, desdobra-se em sujeito enunciador, ser de fala. Esse sujeito enunciador, pela legitimidade que lhe foi conferida ao ser vencedor de concurso interno, é o porta-voz da instituição. Um sujeito que, ao conquistar a legitimidade por reconhecimento, pode assumir o papel de representante do Exército. Sua intenção é, portanto, a de ser seu porta-voz. Em suma, segundo o que postula Charaudeau, no espaço externo há o sujeito comunicante, o cadete; enquanto no espaço interno, o sujeito enunciador, que assume o discurso de porta-voz da instituição, sobredeterminado pela situação de comunicação, conforme: “na realidade, esse Euc apaga a si mesmo atrás de um terceiro: é a instituição quem fala” (2014, p.51).

Pouco será abordado a respeito do sujeito destinatário envolvido na interação, devido ao foco da presente pesquisa, mas que, conforme já mencionado, é um ser de fala, que, segundo Charaudeau (2014, p.45), corresponde ao “interlocutor fabricado pelo EU como destinatário ideal, adequado ao seu ato de enunciação.” Ao produzir seu discurso, o sujeito comunicante/enunciador visa a que o sujeito interpretante, ser social, identifique-se com o sujeito destinatário e seu projeto de comunicação seja eficaz. Para isso, o sujeito comunicante/enunciador construirá seu discurso tendo em mente esse ser ideal.

#### 4.1.5 Sentido de língua e sentido de discurso: compreensão / interpretação

No senso comum (*doxa*), os termos compreensão e interpretação podem ser considerados como sinônimos. Na teoria Semiolinguística de Patrick Charaudeau, entretanto, verifica-se a importante distinção entre esses dois termos. Para o autor,

[...] o termo compreensão pode ser tomado num sentido amplo ou restrito. No sentido amplo refere-se ao conjunto do processo cognitivo realizado pelo sujeito face a um texto; no sentido restrito, refere-se a apenas uma parte desse processo que consiste em conhecer o sentido de língua que se encontra num texto [...]. (CHARAUDEAU, 1994, p.6)

Dessa citação, é importante destacar a expressão ‘sentido de língua’, relacionada à capacidade dos sujeitos envolvidos em determinada interação de relacionarem um significante a um significado. Trata-se, conforme Charaudeau, “de reconhecer o sentido das palavras que resulta de uma categorização semântico-linguística” (CHARAUDEAU, 1994, p.5).

Para exemplificar a questão do sentido de língua, pode-se lembrar a diferença entre uma tradução ou versão realizada por um tradutor eletrônico e um determinado indivíduo realizando a mesma tradução. Embora a ferramenta de tradução da internet seja útil e venha sendo aprimorada, ela se prende muito mais ao sentido de língua, ou seja, ao uso considerado ‘mais convencional’ ou denotativo de determinado signo linguístico. Caberá ao sujeito que utiliza tal ferramenta observar aspectos relacionados à situação de comunicação para adaptar e corrigir eventuais distorções. No momento em que esse indivíduo procede tais modificações que a máquina não foi capaz de realizar, passa-se para o nível do discurso, que leva à interpretação, o que, para Charaudeau (1994), é resultante de uma categorização semântico-discursiva.

Com relação ao termo interpretação, Charaudeau (1994, p. 6) diz que

[...] o trabalho de decodificação do leitor consiste não apenas em reconhecer o sentido de língua, mas também em construir um sentido de discurso em função de suas aptidões para reconhecer, construir inferências, umas originárias da colocação em relação intertextual, as outras de uma colocação em relação situacional. A essa atividade inferencial que finaliza o ato de decodificação, denominarei ato de interpretação.

Ao observar a conceituação dos dois termos proposta por Charaudeau, percebe-se a grande diferença que há entre o sentido de língua e o sentido de

discurso. Esse sentido de discurso está mais voltado para o uso conotativo. Para Magda Soares (*apud* DELL'ISOLA, 2001, p. 8), o processo de interpretação é um processo muito mais complexo. Ela afirma que:

A leitura não é uma atividade de mera decodificação, em que o leitor aprende, compreende e interpreta a 'mensagem' do autor, mas é processo constitutivo do texto: é na interação autor/leitor que o texto é construído, é produzido. Ou seja: o texto não preexiste à sua leitura, pois esta é construção ativa de um leitor que, de certa forma, 'reescreve o texto', determinado por seu repertório de experiências individuais, sociais e culturais.

É importante ressaltar que, na Semiologia, Charaudeau (1994, p.8) postula que há um 'grau de recuperação' entre o sentido de discurso do sujeito comunicante e o do sujeito interpretante, por não haver coincidência total entre a construção desses dois sujeitos, visto que seus saberes e experiências não são iguais. Charaudeau apresenta, então, o termo intercompreensão, que expressa essa noção do 'grau de recuperação'.

Retomando as alocações que compõem o *corpus*, percebe-se que o sujeito comunicante busca situar os sujeitos interpretantes com relação aos aspectos principais da Arma que aniversaria. Esse relato sobre as origens e sobre fatos históricos relacionados a cada Arma pode ser observado nas duas alocações constantes do anexo, bem como em cada uma das alocações do *corpus* dessa pesquisa. Na alocação referente à Infantaria, por exemplo, há a menção à Segunda Guerra Mundial e à atuação de seu patrono. Ao mencionar a origem histórica de determinada Arma, o sujeito comunicante não apenas ressalta as tradições, que são cultuadas no âmbito da Força Terrestre, em especial na ocasião em que tal alocação será lida, mas também propicia uma noção geral da referida Arma para aqueles que não partilham desse saber. Isso fornece condições para que a intercompreensão entre os sujeitos desse projeto de comunicação seja maior.

Em suma, além de propor a importante distinção entre os termos compreensão e interpretação, a Semiologia introduz, ainda, a noção de intercompreensão; noção que leva ao entendimento da não transparência da linguagem e da construção de sentidos múltiplos, construídos a partir dos saberes e crenças dos sujeitos de determinado projeto de comunicação.

#### 4.1.6 As competências de linguagem

Charaudeau (2009, p. 8), quando trata das competências de linguagem, considera que a construção do sentido de um ato de linguagem procede de um sujeito que se dirige a outro, dentro de uma situação de comunicação particular, que sobredetermina parcialmente a escolha dos recursos de linguagem dos quais fará uso. O linguista propõe um modelo com quatro tipos de competências: competência comunicacional ou situacional, competência semântica, competência discursiva, e competência semiolinguística<sup>11</sup>. A seguir, serão descritas, de forma sucinta, como a Teoria Semiolinguística apresenta tais competências.

No que diz respeito à competência comunicacional ou situacional, entende-se que tal competência está ligada à capacidade do sujeito em estruturar seu discurso de acordo com as condições impostas pela situação de comunicação. Dentre essas condições, podem ser citadas a identidade dos sujeitos envolvidos na interação e a finalidade de determinado projeto de fala. Um determinado discurso pode ser apropriado em um certo lugar e não ser em outro, pois o lugar é um dos aspectos da situação de comunicação que precisa ser levado em consideração. Isso pode ser exemplificado com o 'registro linguístico' adotado nas alocações. Por tratar-se de um texto a ser lido em uma formatura, solenidade que segue um roteiro regulamentado por cerimonial militar, não caberia ao sujeito comunicante adotar um registro informal, por exemplo. A adequação à situação demonstra o domínio dessa competência

A competência semântica, por sua vez, consiste na forma como o sujeito organiza seus conhecimentos (saberes de conhecimentos e de crenças) e os tematiza. A instituição militar cultua valores e busca em todo tempo perpetuá-los, concedendo-lhes, muitas vezes, uma importância superior até mesmo à aquisição de conhecimentos profissionais. O Exército possui uma unidade, o Centro de Estudos do Pessoal (CEP), que normatiza o entendimento de atributos relacionados à área afetiva e propicia treinamento com equipe multidisciplinar a fim de preparar seus quadros para atuarem nos estabelecimentos de ensino militares. O perfil profissiográfico, por sua vez, é o documento que dispõe os atributos a serem desenvolvidos em cada curso. Nesse documento, encontram-se cinco itens a serem

---

<sup>11</sup> Num texto de 2001, Charaudeau apresenta três competências. Nesse caso, a competência semântica estaria inserida na competência discursiva.

ampliados ao longo do período de formação do oficial: atitudes, capacidades cognitivas, capacidades físicas e motoras, capacidades morais e valores (AMAN, 2013, p.3-5). Nota-se uma preocupação nos aspectos comportamentais, visto que três dos cinco itens são voltados para a área afetiva. Isso se deve à necessidade de que os militares estejam preparados para os desafios que irão enfrentar, especialmente quando num ambiente hostil, como a guerra.

Um valor cultuado pelas instituições militares do Brasil e do mundo e listado no perfil profissiográfico de todos os cursos da AMAN, o patriotismo, faz-se presente diariamente em diversas situações que vão desde o hasteamento e a arriação do Pavilhão Nacional ao canto de canções militares, que exaltam a morte sacrificial dos integrantes da Força Terrestre em prol da nação. No trecho a seguir, o sujeito comunicante/enunciador tematiza o patriotismo na atitude de Sampaio, patrono da Infantaria, que dá a vida pela nação, situação que é reforçada pelo fato de sua morte ter se dado em seu aniversário:

Nessa sua última empreitada, em plena Batalha de Tuiuti, em 1866, o bravo guerreiro e incontestado líder militar, sofreu três ferimentos de bala. Após combater até o limite de suas forças, Sampaio veio a falecer a bordo do vapor hospital Eponina, em 24 de maio, quando completava 56 anos de idade (AMAN, 2013, p.1).

Na construção do discurso, há a inserção de exemplos que promovem crenças e valores da instituição e que mostram a competência semântica na tematização das alocações.

A competência discursiva é apresentada por Charaudeau (2009, p.8) como sendo a capacidade de determinado sujeito em fazer uso das possibilidades de organização de seu discurso, que podem ser: enunciativa, descritiva, narrativa e argumentativa. Ao optar por uma forma de organização em detrimento de outra, o sujeito comunicante/enunciador busca a que melhor se adéqua à finalidade de seu projeto

E, por fim, há ainda a competência semiolinguística, que consiste em usar as formas linguísticas, observando as restrições impostas pela língua, pela situação de comunicação e pelo gênero textual em uso. Há, portanto, três imposições diferentes que precisam ser atendidas. Saber gerenciar cada uma dessas restrições demonstrará o domínio dessa competência. Mais uma vez observando as alocações, nota-se que o sujeito comunicante/enunciador produz seu enunciado seguindo cada uma dessas imposições: uso da norma culta da língua; adequação ao local e aos

participantes do projeto de fala; e uso do gênero textual ‘alocução’, proposto quando da divulgação do concurso interno de seleção do texto a ser lido nas solenidades militares.

#### 4.1.7 Os modos de organização do discurso

Segundo Charaudeau (2014, p.75), o sujeito comunicante, tendo conhecimento das restrições que o contrato de comunicação lhe impõe, faz uso das categorias de língua organizadas nos modos de organização do discurso. Quatro modos de organização do discurso são apresentados: o enunciativo, o narrativo, o descritivo e o argumentativo, que, a seguir, serão brevemente conceituados.

Esse teórico postula que “O Enunciativo é uma categoria de discurso que aponta para a maneira pela qual o sujeito falante age na encenação do ato de comunicação,” (CHARAUDEAU, 2014, p.81), sendo seu foco voltado para o espaço interno onde estão os seres de fala. Ele afirma, ainda, que esse modo comanda os demais e o desmembra em três diferentes posicionamentos: alocutivo, delocutivo e elocutivo. Com relação a tais atos locutivos, Charaudeau e Maingueneau (2012, p.309-10) explicam que:

[...] o alocutivo caracteriza-se pelo fato de que ‘o locutor implica o interlocutor em seu ato de enunciação e impõe o conteúdo de seu propósito’; o elocutivo caracteriza-se pelo fato de que ‘o locutor situa seu propósito em relação a ele mesmo’; o delocutivo caracteriza-se pelo fato de que ‘o locutor deixa que o propósito se imponha como tal, como se ele não fosse responsável por ele’.

Percebe-se nas saudações finais das alocuções em estudo, uma conclamação feita aos integrantes da Arma a também assumirem uma posição de engajamento, Conforme pode-se ver, por exemplo, nas expressões: ‘orgulhemo-nos’, e ‘continuem a honrar’, extraídas das saudações das alocuções da Infantaria e do Quadro Complementar, respectivamente. Na conclamação da Infantaria, o sujeito comunicante é integrante da Arma sobre a qual escreve (lê), por isso, ele se inclui no processo, numa postura elocutiva, conforme:

Infantes, orgulhemo-nos dos feitos heroicos daqueles que tanto enobreceram o nome da Infantaria brasileira. Tenhamos a certeza de que, em qualquer ponto do território nacional, por mais longínquo que seja, haverá sempre um infante disposto a lutar. (AMAN, 2013, p.1)

Na alocução sobre o Quadro Complementar, por sua vez, o sujeito comunicante escreve sobre um quadro do qual não faz parte, assumindo um posicionamento alocutivo<sup>12</sup>, como em: “Companheiros do Quadro Complementar de Oficiais. Parabéns por esta data. Continuem a honrar o nome de Maria Quitéria, que tanto lutou pelos interesses de nosso país (AMAN, 2013, p.9).

Conforme já citado, há ainda outros três modos de organização do discurso regidos pelo enunciativo, que serão resumidamente expostos.

O modo descritivo é um processo que consiste em apresentar o mundo como numa ‘fotografia’, de forma estática e atemporal. Percebe-se, no *corpus*, o uso desse modo. Dentre os componentes dessa construção descritiva estão: nomear, localizar-situar e qualificar (CHARAUDEAU, 2014, p.112). Essas operações refletem o ponto de vista do sujeito comunicante / enunciador, pois, como diz Feres, “[...] elegem-se características, qualidades, que retratam o mundo perspectivamente, de acordo com um modo de olhar, através de um filtro ao mesmo tempo biológico/ perceptivo e cultural/interpretativo [...]” (FERES, 2012, p.132).

O primeiro componente, nomear, é descrito por Charaudeau (2014, p.112) como “[...] o resultado de uma operação que consiste em fazer existir seres significantes no mundo, ao classificá-los”. Essa operação está subordinada à finalidade da situação de comunicação. Assim sendo, nas alocuções, cuja finalidade é o enaltecimento das Armas do EB, o sujeito comunicante/ enunciador nomeará os seres de acordo com a visão cultural compartilhada por seu grupo social. A escolha de signos como líder, herói, soldado, carreira, missão, entre outros, exemplifica essa nomeação vinculada à maneira de olhar o mundo compartilhada no meio militar.

O segundo componente, por sua vez, consiste em estabelecer a posição do ser no tempo e no espaço. Percebe-se, no *corpus*, o sujeito comunicante/ enunciador adotando a precisão na identificação dos lugares e das datas dos eventos descritos. Na alocução da Arma de Cavalaria, por exemplo, esse sujeito assim descreve seu patrono: “Osório, o Legendário, nasceu no seio de família humilde, em 10 de maio de 1808, na Vila de Nossa Senhora da Conceição do Arroio, Província do Rio Grande” (AMAN, 2013, p.2). Essa operação de localizar-situar apresenta, como diz Charaudeau, “um recorte objetivo do mundo” (2014, p.114) sem que a visão social seja deixada de lado. Nota-se a ascensão de um ser de família

---

<sup>12</sup> Pela semelhança dos termos, é importante ressaltar a diferença entre alocução e alocutivo. Alocução refere-se ao gênero textual enquanto alocutivo constitui uma das três funções do modo de organização enunciativo.



humilde à posição de Legendário.

O terceiro componente, qualificar, consiste em singularizar determinado ser, atribuindo-lhe qualidades, ou, como diz Feres, qualificar é “o processo que consiste em atribuir propriedade(s) a um ser a fim de incluí-lo em um conjunto ‘categorizante’ de acordo com um modo de olhar” (2012, p.132). Dentre os procedimentos linguísticos destacados por Charaudeau para a operação de qualificar, vale ressaltar o que o autor chama de ‘acumulação de detalhes e precisões de tipo factual’. No *corpus*, há uma preocupação em fornecer detalhes sobre os seres e fatos descritos.

Importante ressaltar que um texto pode ser descritivo em sua totalidade ou, ainda, mesclar-se com os modo narrativo e argumentativo. Nas alocações, faz-se uso do modo de organização descritivo em várias partes, quando se escreve sobre a função da Arma e seu patrono, como por exemplo:

Arma que se caracteriza por estar preparada para combater em quaisquer ambientes operacionais e sob quaisquer condições meteorológicas, tem como principal missão conquistar e manter o terreno, aproveitando a capacidade do infante de progredir em pequenas frações (AMAN, 2013, p.1).

O modo narrativo, por sua vez, apresenta um relato, organizando “o mundo de maneira sucessiva e contínua” (CHARAUDEAU, 2014, p.157). Pode-se opor o caráter estático do modo descritivo ao contínuo do narrativo, que apresenta um relato sequencial dos fatos do mundo. Charaudeau apresenta diferentes tipos de narrativas. Dentre as apresentadas, as alocações enquadram-se, prioritariamente, na concepção das “narrativas **que idealizam heróis**, que os propõem como modelo e fazem deles os arquétipos de um ideal de ser” (CHARAUDEAU, 2014, p. 155, grifo do autor). Em segundo nível, as alocações também apresentam características das ‘narrativas inalteráveis’, por serem portadoras de uma verdade única compartilhada pelo meio militar.

E o modo argumentativo consiste em construir explicações para as diversas alegações que são feitas sobre o mundo, mediante dois tipos de perspectivas: a da razão demonstrativa e a da razão persuasiva. (CHARAUDEAU, 2014, p.207). A primeira delas consiste em buscar a racionalidade mediante argumentos que expliquem determinado objeto, tendo como base a experiência individual e social do indivíduo; a segunda, por sua vez, corresponde a uma busca de influência, em que argumentos visam à adesão do interlocutor a determinada proposição. Para Charaudeau, “esse modo tem por função permitir a construção de explicações sobre

asserções feitas acerca do mundo (quer essas asserções tratem de experiência ou de conhecimento), numa dupla perspectiva de *razão demonstrativa* e *razão persuasiva*.” (2014, p.207)

Na produção das alocações analisadas, embora haja predominância de um desses três modos de organização, características dos outros modos também podem ser encontradas.

## 4.2 Tipos e gêneros textuais

Uma citação bastante propícia para iniciar esta parte é a proposta por Marcuschi (2008, p.154), de que:

[...] é impossível não se comunicar verbalmente por algum gênero, assim como é impossível não se comunicar verbalmente por algum texto. Isso porque toda manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero. Em outros termos, a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual. (MARCUSCHI, 2008, p.154)

Em face da tese proposta por este autor, percebe-se a relevância do tema deste capítulo para a análise do discurso. Será, então, realizada uma exposição sobre os gêneros textuais. Algumas terminologias serão conceituadas e, dentre essas conceituações, torna-se fundamental estabelecer a diferença entre as noções de ‘tipo textual’ e de ‘gênero textual’. Ainda outras nomenclaturas serão abordadas devido a sua importância para a análise do *corpus* desta pesquisa.

### 4.2.1 Tipos

Seguindo a conceituação apresentada por Marchuschi (2002, p. 22), “usamos a expressão *tipo textual* para designar uma espécie de construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição”. A noção de tipos textuais está intimamente ligada à forma, ou seja, aos aspectos linguísticos (léxico, sintaxe, entre outros). Segundo esse autor, há um número limitado de tipos textuais e, dentre essa tipologia, encontram-se a narração, a descrição, a argumentação, a injunção e a exposição. Marcuschi (2002, p.29) sintetiza cada um desses tipos textuais no trecho:

Um elemento central na organização de textos narrativos é a

sequência temporal. Já no caso de textos descritivos predominam as sequências de localização. Os textos expositivos apresentam o predomínio de sequências analíticas ou então explicitamente explicativas. Os textos argumentativos se dão pelo predomínio de sequências contrastivas explícitas. Por fim, os textos injuntivos apresentam predomínio de sequências imperativas.

Um texto pode ser homogêneo e conter apenas um tipo textual ou, mais comumente, ser heterogêneo, com mais de uma tipologia. Ao observar o *corpus* desta pesquisa, percebe-se que abrange textos tipologicamente variados. Na alocução referente à Infantaria, o tipo textual exposição é encontrado no trecho: “Arma-base por excelência, incluída no sistema manobra, a Infantaria é preparada para operar em qualquer tipo de terreno e sob quaisquer condições de tempo” (AMAN, 2013, p.1); mas também há trechos nos quais outros tipos textuais se fazem presentes, tais como, a injunção, em:

Infantes, **orgulhemo-nos** dos feitos heroicos daqueles que tanto enobreceram o nome da Infantaria brasileira. **Tenhamos** a certeza de que, em qualquer ponto do território nacional, por mais longínquo que seja, haverá sempre um infante disposto a lutar. (AMAN, 2013, p.1, grifo nosso);

E também a narração, conforme:

Nascido em Tamboril, interior do Estado do Ceará, em 24 de maio de 1810, Sampaio sentou praça no 22º Batalhão de Caçadores, em 1830. Galgou por mérito todos os postos de sua brilhante carreira militar e, por sua tenacidade, inteligência e bravura, atuou decisivamente em várias batalhas [...] (AMAN, 2013, p.1).

Essa tipologia variada é característica nas sequências dos textos componentes do *corpus* desta pesquisa e cada um dos tipos textuais pode ser encontrado.

A essa noção de tipo textual está ligada a concepção, de Charaudeau, dos modos de organização do discurso, que foram tratados anteriormente. Segundo esse autor, são quatro os modos de organização: o enunciativo, o descritivo, o narrativo e o argumentativo. Dentre esses modos, como vimos, o autor postula que o enunciativo rege os demais e propicia o entendimento da posição do sujeito comunicante/enunciador com relação a si mesmo (elocutivo), ao sujeito interpretante/destinatário (alocutivo) e aos outros (delocutivo).

#### 4.2.2 Gêneros

A tese de Marcuschi (2008, p.154) de que “é impossível não se comunicar verbalmente por algum gênero, assim como é impossível não se comunicar verbalmente por algum texto” também é defendida por Maingueneau (2001, p.59), que afirma: “Todo texto pertence a uma categoria de discurso, a um gênero de discurso.” Com base nessa tese, fica evidente a importância do tema ‘gênero textual’ na análise de qualquer texto e, nessa pesquisa em particular, na análise das alocações constituintes do *corpus*.

A noção de gênero é antiga e primeiramente foi apresentada por Aristóteles (2005, p.104). Segundo esse autor, que não restringiu essa noção à literatura, são três os gêneros na retórica: o deliberativo, o judicial e o epidíctico, cada um para atender a um determinado fim. Aristóteles associou a cada um desses três gêneros características relacionadas ao ouvinte, ao tempo e à função. O gênero deliberativo é direcionado a um auditório; está ligado ao tempo futuro, por tratar de discussões acerca de temáticas que poderão, ou não, concretizar-se e tem a finalidade de aconselhar, persuadindo ou dissuadindo. O gênero judicial, por sua vez, é dirigido a juízes; trata do tempo passado, pois está relacionado a fatos já ocorridos a serem julgados e tem por função, acusar ou defender. E, por fim, há o gênero epidíctico, voltado para o espectador; trata, a princípio, do tempo presente e tem por finalidade elogiar ou censurar.

Embora Aristóteles tenha apresentado apenas três gêneros em sua obra a Retórica, percebe-se que esses gêneros possuem suas subdivisões em temas. Ao citar o gênero deliberativo, por exemplo, esse autor apresenta cinco temáticas que dele podem dispor, “Os temas mais importantes sobre os quais todos deliberam e sobre os quais os oradores deliberativos dão conselho em público são basicamente cinco, a saber: finanças, guerra e paz, defesa nacional, importações e exportações, e legislação” (ARISTÓTELES, 2005, p.107).

Enfim, nota-se que, embora sejam apenas três os gêneros apresentados pela Retórica, eles abrangem áreas de conhecimento bastante distintas. Também dessa citação é importante ressaltar a ligação proposta entre o gênero textual e as diversas atividades humanas.

Bakhtin (2010, p.266) também associou a noção de gênero aos campos de conhecimento. Segundo esse autor,

Em cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de dado campo; é a esses gêneros que correspondem determinados estilos. Uma determinada função (científica, técnica, publicística, oficial, cotidiana) e determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis.

Nota-se que, a partir de cada campo da atividade humana e de suas necessidades, surgem os diferentes gêneros. Ao pensar no cotidiano militar e, mais especificamente, na rotina da AMAN, vários são os gêneros produzidos. Podem-se citar, em primeiro lugar, gêneros textuais ligados a documentos burocráticos que circulam no cotidiano e que regulam as diversas atividades realizadas na AMAN, dentre eles: os documentos internos do Exército (DIEx) , os ofícios, as Ordens de Serviços, as Ordens de Instruções, as Ordens de Operações, entre outros. Esses gêneros possuem uma estrutura mais fixa e formatação rígida. Mas outros gêneros também são partes integrantes do dia a dia da instituição: os brados, os comandos militares, os elogios, as canções, os agradecimentos, as aulas e palestras, os artigos científicos, a ordem do dia, os discursos e as alocações, gêneros esses que podem variar de um estilo mais fixo ao mais flexível.

Retomando a citação de Bakhtin, é interessante salientar três aspectos em relação ao gênero: estilísticos, temáticos e composicionais. Esses aspectos formam a unidade do gênero e estão articulados entre si. Esse autor preconiza a indissociabilidade desses aspectos.

Os elementos componentes do gênero propostos por Bakhtin assemelham-se aos apresentados por Marcuschi. Segundo esse autor, a noção de gênero corresponde, então, “aos textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica” (MARCUSCHI, 2002, p.23). Dessa definição, destaca-se a expressão sócio-comunicativa, que ressalta o caráter comunicacional do gênero e o aplica a um contexto social, semelhante à ideia do campo de atividade humana, proposta por Bakhtin.

Em oposição à tipologia textual, que possui um número limitado e está mais ligada à forma, não se pode quantificar os gêneros, que estão intimamente ligados a sua função. Com relação a isso, Marcuschi diz que “cada gênero textual tem um

propósito bastante claro que o determina e lhe dá uma esfera de circulação. [...], pois todos os gêneros têm uma forma e uma função, bem como um estilo e um conteúdo, mas sua determinação se dá basicamente pela função e não pela forma.” (2008, p.150) E afirma, ainda, que: “Quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares” (MARCUSCHI, 2008, p.154). Deve-se ressaltar que os gêneros não são modelos estanques, mas sim dinâmicos, que impõem padrões quanto às escolhas lexicais, ao grau de formalidade e à temática, mas que permitem ao sujeito comunicante expressar sua individualidade na linguagem, em níveis mais ou menos rígidos, de acordo com o gênero de que se faz uso.

Os gêneros também asseguram que a comunicação ocorra de forma adequada, evitando possíveis desentendimentos, pois ao dominar determinado gênero, tanto o sujeito comunicante quanto o sujeito interpretante têm em mente as regras a ele associadas e, conseqüentemente, são capazes de interagir apropriadamente, demonstrando o que Maingueneau nomeia como ‘competência genérica’.

Para Bakhtin (2010, p.282), vários fatores determinam a escolha de um gênero discursivo e, segundo ele, “Falamos apenas através de determinados gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados possuem formas, relativamente estáveis e típicas de *construção do todo*. Dispomos de um rico repertório de gêneros de discurso orais (e escritos)”. Esse autor divide os gêneros em dois grandes grupos: os gêneros primários ou simples, relacionados às produções espontâneas do cotidiano; e gêneros secundários ou complexos, derivados dos primários, mas que são produções mais elaboradas e predominantemente escritas. Dentre os primários estão, por exemplo, os diálogos familiares; enquanto os artigos científicos, as propagandas e também as alocações que compõem o *corpus* se inserem nos gêneros secundários.

Maingueneau também apresenta a divisão dos gêneros em duas categorias: os gêneros conversacionais, tipos mais instáveis quanto a uma distinção e que estão relacionados às conversações ou diálogos do dia a dia; e os gêneros instituídos, que englobam os textos mais elaborados e que apresentam uma estabilidade institucional ou características autorais bem definidas. A classificação de Maingueneau assemelha-se à subdivisão proposta por Bakhtin quanto aos gêneros,

em que os gêneros conversacionais equivalem aos gêneros primários, enquanto os instituídos se aproximam dos gêneros secundários.

Charaudeau, ao tratar da questão do gênero, apresenta quatro maneiras distintas em que tal noção tem sido abordada: a partir das recorrências linguísticas, dos modos discursivos, de forma funcional e de forma sócio-comunicacional.

A primeira delas, parte da descrição das características formais dos textos, buscando quais seriam as marcas linguísticas que definiriam determinado gênero.

Ao abordar a noção de gênero sob a ótica dos modos discursivos, busca-se definir quais seriam os tipos de organização discursiva mais propícios a determinado gênero. Há uma preocupação de Charaudeau em associar os gêneros a seus modos de organização de discurso dominantes, sendo proposto um quadro dessas correspondências em sua obra: *Linguagem e Discurso* (2014, p.79).

Segundo o ponto de vista funcional, enquadra-se a perspectiva de Jakobson (1963 *apud* MARTELLOTA, 2013, p.33-4). Para esse autor, o ato de comunicação é constituído pelos seguintes elementos: remetente, destinatário, mensagem, contexto, código e contato. Não há a pretensão de expor cada um desses elementos constitutivos do ato comunicacional, mas apenas de mencionar que, a partir desses elementos, o autor apresentou seis funções da linguagem: referencial, emotiva, conativa, fática, metalinguística e poética, e postulou que cada mensagem apresenta mais de uma dessas funções, mas em um grau hierárquico diferente. Essa forma de análise dos gêneros é a perspectiva da visão funcional.

A quarta maneira, a sócio-comunicacional, consiste em definir a noção de gênero com base em sua 'ancoragem social', conforme postula Bakhtin. Os gêneros são associados a um campo de atividade humana.

Charaudeau propõe interligar esses quatro aspectos na abordagem da noção de gênero, levando cada um deles em consideração em sua teoria. Ele postula que a noção de gênero se apoia em três níveis: o nível do contrato global de comunicação, que instrui os sujeitos de um ato com base nos dados situacionais; o nível discursivo, que leva em conta os modos de organização do discurso; e o nível das formas textuais, que diz respeito às marcas linguísticas e suas recorrências. Esses três níveis são interdependentes.

Segundo o autor, os textos estão atrelados às finalidades do projeto de fala e da situação de comunicação. A partir da percepção de que tais textos apresentam constantes, o autor os classifica em gêneros textuais.

Vale ressaltar que, apesar das diferentes nomenclaturas, os autores citados neste capítulo fazem uma ligação entre a noção de gênero e os diferentes campos da atividade humana.

Nesta pesquisa, optou-se por adotar as nomenclaturas empregadas por Marcuschi: gêneros e domínio discursivo.

No *corpus* analisado, os textos produzidos pelos cadetes são considerados dentro do gênero textual 'alocução'. Marcuschi (2008, p.27) afirma que: "Um gênero dá origem a outro e assim se consolidam novas formas com novas funções, de acordo com as atividades que vão surgindo." Para as solenidades militares, como as formaturas, onde há um cerimonial estabelecido em manual, estabeleceu-se que, em datas significativas, há a leitura de uma alocução. Na AMAN, tais alocuções são produzidas por seus discentes.

Opta-se por apenas inserir tais produções como gênero textual alocução, e não em desmembrá-las num subgênero alocução militar. A razão se deve ao fato de que não há a pretensão de generalizar as características dos textos que compõem o *corpus* ou julgar que essas características sejam comuns a todas as alocuções produzidas nas três Forças (Marinha, Exército e Força Aérea) e nas Forças auxiliares. Mesmo se fossem consideradas apenas as alocuções produzidas pela Força Terrestre, seria uma classificação desprovida de embasamento necessário para tal afirmação, visto que nesta breve pesquisa, temos acesso apenas a uma amostra de um *corpus* bastante delimitado. Para propor tal classificação, seria necessário elencar quais seriam as semelhanças e distinções entre as produções de alocuções entre militares e civis, observando uma variedade muito grande de *corpora*. Em virtude do exposto acima, os textos componentes do *corpus* desta análise foram tratados como o gênero textual 'alocução'.

No *corpus* de textos que ora são analisados, nota-se que o gênero 'alocução' faz parte da proposta do concurso no qual o sujeito comunicante se inscreve. Também é importante destacar que "gênero é a ação linguística praticada como recorrente em situações típicas marcadas pelo evento" (MARCUSCHI, 2008, p.153). A formatura, solenidade militar na qual as alocuções são lidas, corresponde ao evento que engloba esse gênero, embora este não seja o único que esse evento englobe.

As alocuções lidas nas formaturas militares caracterizam-se por uma situação monolocutiva, em que não há troca ou em que a mesma é postergada, conforme já



exposto no capítulo sobre a Semiologia. Ainda com relação a essa questão, Bakhtin postula que, mesmo nessas situações em que não ocorre uma resposta audível e imediata, por não haver alternância nos papéis dos sujeitos envolvidos no projeto de comunicação, há uma posição, por parte do interlocutor, de 'compreensão ativa responsiva' que pode se manifestar por meio de enunciados e atitudes. Assim, a resposta

[...] nem sempre ocorre imediatamente [...], a compreensão ativamente responsiva do ouvido (por exemplo, de uma ordem militar) pode realizar-se imediatamente na execução [...], pode permanecer de quando em quando como compreensão responsiva silenciosa [...]: cedo ou tarde, o que foi ouvido e ativamente entendido responde nos discursos subsequentes ou no comportamento do ouvinte (BAKHTIN, 2010, p.272).

Com base na afirmação acima, não há passividade por parte do sujeito interpretante na compreensão de determinado enunciado monológico, como no caso das alocações. A resposta será manifestada de alguma forma, em algum momento posterior. O comandante, por exemplo, ao fazer seu discurso durante a formatura, poderá fazer menção a trechos da alocução lida nesse evento.

No gênero textual alocução, percebe-se a presença dos quatro modos de organização de discurso propostos por Charaudeau, com predominância dos modos descritivo e narrativo.

#### 4.2.3 Domínios discursivos

Ao pensar na noção de gênero, percebe-se que tal noção está associada a um campo da atividade humana, segundo Bakhtin; ou, como diz Maingueneau, a setores de atividade social. Aos setores estão ligados determinados tipos de discurso. A partir dessa ideia, surge o termo 'domínio discursivo' (MARCUSCHI, 2008), que se refere à esfera de atividade social ou institucional em que determinado texto é produzido.

Dentro de um domínio, surgem discursos particulares a essa esfera social. Para Marcuschi (2008, p.158),

[...] no caso dos domínios discursivos, não lidamos propriamente com textos e sim com formações históricas e sociais que originam os discursos. [...] sua definição deveria ser na base de critérios etnográficos, antropológicos e sociológicos e históricos.

Cada domínio discursivo rege suas práticas sociais e, conseqüentemente, os gêneros textuais delas advindos. No item anterior, ao tratar da noção de gênero, alguns dos gêneros do domínio do discurso militar foram listados. Marcuschi também apresenta um quadro em que propõe gêneros dentro de cada domínio discursivo e de cada modalidade de uso da língua. Desse quadro, vale ressaltar a seguinte parte em que são apresentados os gêneros inseridos no domínio discursivo do discurso militar:

Quadro 03 – Gêneros Textuais por Domínios Discursivos e Modalidades:

Domínios discursivos	MODALIDADES DE USO DA LÍNGUA	
	ESCRITA	ORALIDADE
Militar	ordem do dia; roteiro de cerimônia oficial; roteiro de formatura; lista de tarefas	ordem do dia

Fonte: MARCUSCHI, 2008, p.196

Percebe-se uma lista bastante resumida com relação aos gêneros textuais situados dentro do domínio discursivo militar, provavelmente fruto do número reduzido de pesquisas na área e, conseqüentemente, do desconhecimento das práticas sociais da caserna. Não há a intenção nem a pretensão, nesta pesquisa, de propor uma lista detalhada de gêneros orais e escritos, mas, com base no que já foi exposto com relação aos gêneros do discurso militar, a listagem proposta por Marcuschi pode ser ampliada para:

Quadro 04 - Gêneros Textuais por Domínios Discursivos e Modalidades II:

Domínio discursivo	MODALIDADES DE USO DA LÍNGUA	
	ESCRITA	ORALIDADE
Militar	Ordem de operação, ordem do dia, ordem de serviço, DIEx, roteiro de cerimônia oficial, roteiro de formatura, boletim, ofício, alocução, referência elogiosa, manual, relatório, artigo científico.	Brados, comandos, canções, ordem do dia, aula, instrução, palestra, <i>briefing</i> , alocução, agradecimento.

Fonte: MARCUSCHI, 2008, p.196 (Adaptado pelo autor)

Longe de ser uma lista completa, o quadro ampliado apenas apresenta alguns outros gêneros que fazem parte das práticas sociais do cotidiano dos quartéis e, em especial, propõe a inclusão das alocações<sup>13</sup> componentes do *corpus* desta pesquisa, inserindo-as dentro do domínio do discurso militar.

#### 4.2.4 Cena englobante, cena genérica, cenografia

Ao tratar da noção de gênero, é importante refletir ainda sobre três conceitos propostos por Maingueneau (2001): a cena englobante, a cena genérica e a cenografia. Essas três cenas compõem a cena de enunciação que é determinada no discurso. Assim como na cena teatral há papéis que os sujeitos envolvidos precisam desempenhar, na cena de enunciação, os sujeitos de um ato de linguagem também têm papéis a assumir.

A cena englobante refere-se ao tipo de discurso e assemelha-se ao que anteriormente foi tratado por domínio discursivo. Ao observar determinado texto, um indivíduo é capaz de identificar a que cena englobante tal discurso pertence. Essa cena está relacionada a um grupo social e a uma época. Com relação ao *corpus*, a cena englobante está inserida no discurso militar.

A cena genérica, por sua vez, concorre com a noção de gênero de discurso e apresenta os papéis que os sujeitos do discurso desempenharão. Numa cena genérica de comando militar, por exemplo, trata-se de alguém que comanda e de indivíduos que executam a ordem dada. No *corpus* dessa pesquisa, a cena genérica é a alocação, na qual o sujeito comunicante dirige-se à tropa a fim de enaltecer um determinado fato.

Ao apresentar a noção de cenografia, Maingueneau (2001, p.87) cita que: “tomar a palavra significa, em graus variados, assumir um risco” e essa percepção, também é apresentada por Charaudeau (2014, p.56) quando compara o ato de linguagem a uma ‘aventura’, ressaltando a imprevisibilidade do projeto de comunicação, no qual efeitos não esperados podem surgir. A cenografia é definida como “a enunciação que, ao se desenvolver, esforça-se para constituir progressivamente o seu próprio dispositivo de fala.” (2001, p.87) e é quem legitima e, ao mesmo tempo, é legitimada pelo enunciado. Quanto mais submissos a regras

---

<sup>13</sup> Pela semelhança dos termos, é importante ressaltar a diferença entre alocação e alocutivo. Alocação refere-se ao gênero textual enquanto alocutivo constitui uma das três funções do modo de organização enunciativo.

os gêneros forem, menos possibilidades de assumirem cenografias variadas eles terão. À cenografia estão atrelados três fatores: os interlocutores, o momento e o lugar de um determinado enunciado. Tais fatores nortearão a cenografia a ser adotada.

### 4.3 Ethos

Ao tratar da noção de *ethos*, uma citação parece bastante própria:

As provas de persuasão fornecidas pelo discurso são de três espécies: umas residem no carácter moral do orador; outras, no modo como se dispõe o ouvinte; e outras, no próprio discurso, pelo que este demonstra ou parece demonstrar (ARISTÓTELES, 2005, p.96).

Tal citação remete ao começo de um olhar sistemático sobre o *ethos*. A partir da Retórica de Aristóteles, três tipos de provas de persuasão passaram a ser consideradas quanto a sua importância no discurso: o *logos*, o *ethos* e o *pathos*. O primeiro deles, o *logos*, está ligado ao domínio da razão e é definido, na citação acima, como aquilo que é demonstrado no discurso, por meio da argumentação. O *ethos* e o *pathos*, por sua vez, estão voltados para o domínio da emoção. O *pathos* direcionado para o efeito que se busca atingir no auditório, efeito de empatia e identificação; e o *ethos*, para o orador, na promoção de si no discurso. Embora deixados de lado por certo tempo, com os estudos da argumentação, tais meios discursivos foram resgatados.

Na presente pesquisa, será apenas abordada a questão do *ethos* e sua relação com o discurso militar, refletindo, em especial, sobre essa noção nas alocações que compõem o *corpus*.

É importante ressaltar a existência de dois posicionamentos distintos com relação ao entendimento da noção do *ethos*. O primeiro deles, aceito pelos retóricos da Idade Clássica, apresenta o *ethos* como dado preexistente ao discurso, também chamado de *ethos* prévio ou pré-discursivo. Aristóteles, por sua vez, inscreve-se num segundo posicionamento, que entende o *ethos*, traduzido em seu texto por ‘caráter’, como construído no discurso, ou seja, um *ethos* discursivo. Segundo esse autor,

Persuade-se pelo carácter quando o discurso é proferido de tal maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de fé. Pois

acreditamos mais e bem mais depressa em pessoas honestas, em todas as coisas em geral, mas, sobretudo, nas de que não há conhecimento exato e que deixam margem para dúvida. É, porém, necessário que **esta confiança seja resultado do discurso e não de uma opinião prévia sobre o carácter do orador**; (ARISTÓTELES, 2005, p. 96, grifo nosso)

Na parte grifada da citação, percebe-se a oposição de Aristóteles ao *ethos* prévio e sua associação à concepção discursiva. Outros teóricos, dentre os quais estão os analistas do discurso, também se inserem nessa visão discursiva do *ethos* em que, como diz Aristóteles, a ‘opinião prévia sobre o caráter do orador’ é desconsiderada. Muitos analistas do discurso compartilham dessa forma de entendimento do *ethos* como uma noção discursiva.

Na teoria Semiolinguística, Charaudeau propõe que as duas concepções sejam consideradas relevantes no estudo da noção de *ethos*, quando diz:

Nossa posição é a de que para tratar do *ethos* é preciso considerar esses dois aspectos. [...] Ora, para construir a imagem do sujeito que fala, esse outro se apoia ao mesmo tempo nos dados preexistentes ao discurso – o que ele sabe *a priori* do locutor – e nos dados trazidos pelo próprio ato de linguagem. [...] O sujeito aparece, portanto, ao olhar do outro, com uma identidade psicológica e social que lhe é atribuída, e, ao mesmo tempo, mostra-se mediante a identidade discursiva que ele constrói para si. O sentido veiculado por nossas palavras depende ao mesmo tempo daquilo que somos e daquilo que dizemos. O *ethos* é o resultado dessa dupla identidade, mas ele termina por se fundir em uma única (CHARAUDEAU, 2008, p.115).

Antes que o discurso seja dito, o sujeito interpretante constrói um *ethos* prévio de seu interlocutor, com base em diversos fatores externos. Há, então, o pressuposto de que o *ethos* prévio está ligado ao sujeito comunicante, ser psicossocial. Tal construção poderá ser confirmada, ou não, no discurso do sujeito enunciador, a quem está ligado o *ethos* discursivo. Na junção desses dois sujeitos, encontra-se a visão do *ethos* na Semiolinguística. Tal concepção é também adotada por Maingueneau, quando afirma que: “O *ethos* de um discurso resulta da interação de diversos fatores: *ethos* pré-discursivo, *ethos* discursivo (*ethos* mostrado), mas também os fragmentos do texto nos quais o enunciador evoca sua própria enunciação (*ethos* dito)” (MAINGUENEAU, 2001, p.18).

Para exemplificar tal ideia da importância da junção ou interação do *ethos* prévio e do discursivo, pode-se citar o fato de que, no Ensino Médio, muitas escolas convidam diferentes profissionais para relatarem suas experiências na carreira a fim

de servirem de orientação aos discentes em suas escolhas profissionais. Ao tratar sobre a carreira de um engenheiro, por exemplo, uma exposição feita por um profissional da área terá um peso diferente a de um outro profissional da escola (que não exerça essa profissão) fazendo tal apresentação, remetendo ao que diz Amossy (2013, p.120): “Na realidade, o poder das palavras deriva da adequação entre a função social do locutor e seu discurso: o discurso não pode ter autoridade se não for pronunciado pela pessoa legitimada a pronunciá-lo em uma situação legítima”. Através do princípio da legitimidade, a figura do locutor, ao ser apresentado como determinado profissional, já produzirá um *ethos* prévio. Esse *ethos* será ratificado ou retificado no discurso.

Ainda em relação ao exemplo citado, se o profissional é um militar, espera-se que ele vá uniformizado, pois o uniforme o identifica. Com base no entendimento de que o uniforme militar é um código visual, conforme postula Eco (2012, p.131), seu uso possibilita ao auditório a construção de uma imagem do locutor antes que seu discurso seja efetuado, remetendo à noção do *ethos* prévio.

Maingueneau (2013) propõe uma distinção entre o *ethos* visado e o *ethos* produzido. O locutor pode desejar passar uma imagem de si (*ethos* visado) que não corresponda necessariamente à imagem que seu interlocutor constrói (*ethos* produzido), ou seja, a construção do *ethos* não está sob o total controle do sujeito comunicante/enunciador. Amossy (2013, p.9) confirma essa ideia ao afirmar que “A apresentação de si não se limita a uma técnica apreendida, a um artifício: ela se efetua, frequentemente, à revelia dos parceiros, nas trocas verbais mais corriqueiras e mais pessoais.”

Ainda refletindo sobre a noção de *ethos*, uma importante citação precisa ser ressaltada:

O universo de sentido que o discurso libera impõe-se tanto pelo *ethos* quanto pela ‘doutrina’; as ‘ideias’ apresentam-se por uma maneira de dizer que remete a uma maneira de ser, à participação imaginária em um vivido. [...] A qualidade do *ethos* remete, com efeito, à figura desse ‘fiador’ que, mediante sua fala, se dá uma identidade compatível com o mundo que se supõe que ele faz surgir em seu enunciado (MAINGUENEAU, 2013, p.73).

Maingueneau apresenta o *ethos* como uma identidade compatível, construída pela linguagem, ligando a maneira de ser à maneira de dizer. Isto remete a um pensar sobre a construção da identidade social do militar, ao *ethos* militar. Castro (2004) também vê na interação, a construção desse *ethos*, que ele nomeia, em sua

pesquisa, como ‘espírito militar’. O autor declara que “Através de manuais e apostilas o cadete adquire conhecimentos sem dúvida indispensáveis ao exercício da profissão, mas é **na interação** cotidiana com outros cadetes e com oficiais que ele aprende **como é ser militar**” (CASTRO, 2004, p.15, grifo nosso).

Castro (2004, p.59) apresenta ainda o que ele nomeia como ‘os espíritos das Armas’: “[...] uma homologia entre as características pessoais exigidas pelas diferentes ‘missões’ (isto é, tarefas) de cada Arma numa situação de combate – as ‘atividades-fim’ – e os diferentes padrões de conduta e personalidade mantidos na situação de não-combate, no cotidiano”.

O autor entende que não há “um quadro fixo dos diferentes atributos relacionados a cada espírito de Arma”, mas com base nos depoimentos colhidos durante sua pesquisa, apresenta os tipos ideais dos integrantes de cada Arma. Isto nos remete ao que Amossy (2013, p.125-6) apresenta como estereotipagem:

[...] a operação que consiste em pensar o real por meio de uma representação cultural preexistente, um esquema coletivo cristalizado. Assim a comunidade, avalia e percebe o indivíduo segundo um modelo pré-construído da categoria por ela difundida e no interior da qual ela o classifica.

Nessa estereotipagem, há diversos aspectos considerados positivos, que posteriormente serão apontados na análise do *corpus*, bem como aspectos negativos.

Ao fazer menção ao ‘espírito das Armas’, Castro apresenta o *ethos* voltado não apenas para o indivíduo, mas para um grupo de indivíduos que compõem determinado grupo social, no caso em questão, os integrantes de cada Arma, que, por sua vez, fazem parte, ainda, do universo maior do Exército Brasileiro. Charaudeau confirma essa ideia do *ethos* coletivo, ao afirmar que:

Na medida em que o *ethos* está relacionado à percepção das representações sociais que tendem a essencializar essa visão, ele pode dizer respeito tanto a indivíduos quanto a grupos. Em último caso, os grupos julgam os outros grupos com base em um traço de sua identidade. Em decorrência de sua filiação, os indivíduos do grupo partilham com os outros membros desse mesmo grupo caracteres similares, que, quando vistos de fora, causam a impressão de que esse grupo representa uma identidade homogênea. Uma vez mais, ele é reduzido à sua essência por um olhar exterior, fato que engendra estereótipos, [...] (CHARAUDEAU, 2014, p.117).

Com base nessa citação, pode-se dizer que há uma construção da identidade

militar e que essa identidade, para o público externo à instituição, pode parecer homogênea. Para os militares, por sua vez, tal homogeneidade seria desmembrada nas Armas, cujos integrantes partilham aspectos identitários semelhantes. Poder-se-ia tratar a noção desse *ethos* coletivo de acordo com ângulos diferentes: *ethos* dos militares; ou *ethos* dos militares do Exército; ou ainda, *ethos* dos integrantes de determinada Arma, Quadro ou Serviço. Ainda outros desdobramentos poderiam ser propostos. Enfim, independente do desmembramento adotado, há o pressuposto da possibilidade de análise de um *ethos* coletivo relacionado a um grupo social. Para Maingueneau, “O *ethos* é bem o resultado de uma encenação sociolinguageira que depende dos julgamentos cruzados que os indivíduos de um grupo social fazem uns dos outros ao agirem e falarem.” (MAINGUENEAU *apud* CHARAUDEAU, 2014, p.118)

Ao ler o que diz Ducrot sobre a manifestação do *ethos* no discurso, pode-se notar que:

Não se trata de afirmações auto elogiosas que o orador pode fazer sobre sua própria pessoa no conteúdo de seu discurso, afirmações que ao contrário, podem chocar o ouvinte, mas da aparência que lhe confere a fluência, a entonação, calorosa ou severa, a escolha das palavras, dos argumentos . [...] Em minha terminologia, diria que o *ethos* é ligado a L, o locutor enquanto tal: é como fonte da enunciação que ele se vê dotado de certos caracteres que, em consequência, tornam essa enunciação aceitável ou recusável (DUCROT *apud* MAINGUENEAU, 2013, p.71).

Ao destacar aspectos como fluência, entonação, escolha lexical e argumentos utilizados pelo sujeito enunciador, relacionados ao *ethos*, e ao apresentar que esses fatores podem tornar um discurso aceitável ou recusável, Ducrot nos remete a dois momentos importantes que já foram citados nesta pesquisa, no capítulo sobre Semiolinguística.

O primeiro deles refere-se ao momento em que se tratou do primeiro grupo de sujeitos interpretantes das alocações que ora são analisadas: os oficiais professores que procedem à seleção da alocação vencedora, que será lida na solenidade militar. Os aspectos relacionados aos argumentos e às escolhas lexicais, mencionados na citação acima, são fatores importantes nesse processo de seleção. Cabe ao sujeito comunicante, com a vivência que já possui dos valores da instituição, e com o conhecimento adquirido em várias participações em solenidades comemorativas de aniversário das Armas, construir seu texto seguindo as regras do contrato de



comunicação. Em relação a isso, Amossy ressalta que “o orador apoia seus argumentos sobre a *doxa* que toma emprestada de seu público do mesmo modo que molda seu *ethos* com as representações coletivas que assumem, aos olhos dos interlocutores, um valor positivo e são suscetíveis de produzir neles a impressão apropriada às circunstâncias” (2013, p.124).

O segundo momento diz respeito ao fato de que antes de a leitura ser feita na solenidade militar, há uma leitura prévia, em que dicção, pausas e entonação são observados e treinados, sendo esses outros aspectos que Ducrot aponta como constituintes do *ethos*. Charaudeau, ao tratar do que ele chama de ‘a magia da voz’, postula que “a voz, com suas características de timbre, de entonação, de fluência e de acentuação, é reveladora do que comumente é chamado de ‘estado de espírito’ de quem fala” (CHARAUDEAU, 2006, p.106). Embora o autor esteja escrevendo em relação ao rádio, por ser um meio de comunicação no qual não há a presença física dos interlocutores no mesmo espaço, tal princípio se encaixa no discurso militar, pela valorização que tal grupo social confere à voz de comando e também pelo evento no qual o projeto de comunicação das alocações é realizado. Os sujeitos interpretantes permanecem imóveis, afastados do sujeito comunicante, apenas ouvindo sua voz, fazendo a leitura da alocução.

O *ethos* e como ele se manifesta no enunciado é apresentado por Amossy, quando cita que “o enunciador deve se conferir, e conferir a seu destinatário, certo *status* para legitimar seu dizer: ele se outorga no discurso uma posição institucional e marca sua relação com um saber”(2013, p.16). Mas qual seriam essas marcas do *ethos* no discurso? Maingueneau postula que:

[...] na elaboração do *ethos*, interagem fenômenos de ordens muito diversas: os índices sobre os quais se apoia o intérprete vão desde a escolha do registro da língua e das palavras até o planejamento textual, passando pelo ritmo e a modulação. O *ethos* se elabora, assim, por meio de uma percepção complexa, mobilizadora da afetividade do intérprete, que tira suas informações do material linguístico e do ambiente. [...] o *ethos*, por natureza, é um comportamento que, como tal, articula verbal e não verbal, provocando nos destinatários efeitos multi-sensoriais (MAINGUENEAU, 2001, p.16).

Confirmando essa visão, na teoria Semiolinguística, tanto aspectos verbais como não verbais participam da construção do *ethos*, mas, acima de tudo, a tematização das ideias forma um terceiro pilar nessa construção, conforme a citação que segue:

Não se pode dizer que existam marcas específicas do *ethos*. Tanto pelos diversos tipos de comportamento do sujeito (o tom da voz, os gestos e as maneiras de falar) quanto pelo conteúdo de suas propostas, ele mais transparece do que aparece. Não se pode separar o *ethos* das ideias, pois a maneira de apresentá-las tem o poder de construir imagens (CHARAUDEAU, 2014, p.118).

Entende-se, assim, que não é possível apontar, de forma objetiva no discurso, onde está o *ethos* em sua totalidade, pois aspectos não linguísticos também integram a construção da imagem do locutor.

Charaudeau divide o *ethos* em duas grandes categorias. A primeira categoria é a de credibilidade, construída mediante um discurso ligado à razão. Segundo o autor:

A exemplo da legitimidade, a credibilidade não é uma qualidade ligada à identidade social do sujeito. Ela é, ao contrário, o resultado da construção de uma identidade discursiva pelo sujeito falante, realizada de tal modo que os outros sejam conduzidos a julgá-lo *digno de crédito* (CHARAUDEAU, 2008, p.119).

Dentro dessa categoria, estão os *ethé* de sério, de virtude e de competência. Importante ressaltar que, na construção da imagem do locutor, tanto os índices verbais quanto os corporais e mímicos são fundamentais. Um exemplo que pode ser citado a respeito da categoria de credibilidade é o do vídeo sobre alistamento militar, veiculado na mídia televisiva no ano de 2013. Nesse vídeo, há um sargento dando instruções aos futuros recrutas sobre como proceder para alistar-se e cumprir com as obrigações militares. As instruções são expressas por meio de frases curtas e simples, que têm sempre a resposta 'sim, senhor' ao final. Percebe-se que o militar que profere as instruções assume uma postura com os braços para trás e fala de forma firme e direta, transmitindo o *ethos* de sério.

A segunda categoria de *ethos* é a de identificação, na qual Charaudeau insere os *ethé* de potência, caráter, inteligência, humanidade, chefe e solidariedade. Essa categoria está voltada para o discurso do afeto. Na citação a seguir, o autor afirma que:

[...] o *ethos* político é resultado de uma alquimia complexa feita de traços pessoais de caráter, de corporalidade, de comportamentos, de declarações verbais, tudo relacionado às expectativas vagas dos cidadãos, por meio de imaginários que atribuem valores positivos e negativos a essas maneiras de ser. [...]No discurso político, as figuras do *ethos* são ao mesmo tempo voltadas para si mesmo, para o cidadão para os valores de referência. É assim com os *ethé* de credibilidade, e também com os de identificação, cujas imagens,

dessa vez, são extraídas do afeto social: o cidadão, mediante um processo de identificação irracional, funda sua identidade na do político (CHARAUDEAU, 2008, p.137).

Nessa categoria, é interessante citar, como exemplo, o trecho da alocução referente ao dia do Quadro Complementar do ano de 2013, no qual há a seguinte afirmação: “ Ferida naquela luta, Maria Quitéria teve sua identidade revelada. Devido a seus feitos heroicos, foi agraciada por D. Pedro I com a condecoração de Cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro e lhe foi concedido o soldo de alferes de linha.” Essa descrição de Maria Quitéria, patrono do Quadro Complementar, ao mencionar a expressão ‘feitos heroicos’ e informar que a única maneira que levou à descoberta de que se tratava de uma mulher foi seu ferimento em combate, ressalta o *ethos* de potência, ideia essa reforçada ainda por sua condecoração.

Em suma, ao basear a presente análise na Teoria Semiolinguística, o *ethos* é entendido como uma junção entre o prévio e o discursivo, construindo uma imagem do locutor que pode, ou não, ser aquela que ele espera produzir, pois tal construção não está sob seu total controle.

#### **4.4 Representações sociais, imaginários sociodiscursivos, estereótipos, lugares / valores argumentativos**

Nesta parte da pesquisa, serão abordados conceitos não só relativos às representações sociais e aos imaginários sociodiscursivos bem como à relação destes com o tema da presente pesquisa, ou seja, a forma como tais conceitos teóricos influenciam e agem sobre o discurso militar, mais especificamente nos textos componentes do *corpus* deste trabalho. Em seguida, também serão apresentados conceitos relativos à noção de estereótipos e sua associação à figura do militar. Por fim, tratar-se-á de lugares e valores argumentativos, estabelecendo um paralelo entre a identidade construída nas alocuções e os valores que são cultuados pela instituição militar.

##### **4.4.1 Representações sociais e imaginários sociodiscursivos**

O ser humano, com a finalidade de saber como agir, interpretar e portar-se nas diversas situações que se lhe apresentam no cotidiano, cria diversos

mecanismos que são partilhados com aqueles com quem convive por meio de representações. Para Jodelet (2001, p.22),

[...] representar ou se representar corresponde a um ato de pensamento pelo qual um sujeito se reporta a um objeto. Este pode ser tanto uma pessoa, quanto uma coisa, um acontecimento material, psíquico ou social, um fenômeno natural, uma ideia, uma teoria, etc.; pode ser tanto real quanto imaginário ou mítico, mas é sempre necessário. Não há representação sem objeto.

Esses mecanismos individuais que passam a integrar o coletivo são denominados representações sociais. Tais representações direcionam e regem a forma como os indivíduos de uma dada sociedade definem e interpretam os mais variados objetos da realidade que os cerca. Elas circulam nas produções de dado grupo social e é mediante esse conhecimento partilhado que o entendimento na comunicação é mais bem alcançado. Jodelet afirma que:

[...] a observação das representações sociais é algo natural em múltiplas ocasiões. Elas circulam nos discursos, são trazidas pelas palavras e veiculadas em mensagens e imagens midiáticas, cristalizadas em condutas e em organizações materiais e espaciais (2001, p.17-18).

Para exemplificar tal observação, pode-se citar o signo “caxias”, que circula nos discursos de nossa sociedade brasileira e cuja definição é

diz-se de, ou pessoa extremamente escrupulosa no cumprimento de suas obrigações” e diz-se de, ou pessoa que, no exercício de sua função, exige de seus subordinados o máximo rendimento no trabalho e extremado respeito às leis e aos regulamentos (FERREIRA, 1995, p.138).

Esse signo é uma representação social com base na conduta do Duque de Caxias, patrono do Exército Brasileiro. Devido a sua dedicação e a sua atuação, reconhecidas pelo senso comum, passou-se a qualificar as demais pessoas que se destacavam e se empenhavam em suas atribuições como ‘caxias’, nos discursos veiculados na sociedade brasileira.

A noção de representação surgiu com o sociólogo Durkheim (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2012, p. 431), com o nome de representação coletiva, tratando da relação entre realidade e significação, estabelecendo que tais representações são compostas de vários elementos, entre os quais estão elementos cognitivos e ideológicos. Elas impõem aos indivíduos de dada sociedade maneiras de agir.

Moscovici introduziu o termo representações sociais (CHARAUDEAU, 2007), no campo da psicologia social. Para essa ciência, as representações são apresentadas como “conjunto das crenças, dos conhecimentos e das opiniões produzidos e partilhados pelos indivíduos de um mesmo grupo a respeito de um dado objeto social” (CHARAUDEAU, 2006, p.196).

Jodelet, por sua vez, define a representação social como

[...] uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Igualmente designada como saber de senso comum (JODELET, 2001, p.22).

Nota-se que tal definição remete as representações a um contexto social em que determinado indivíduo está inserido; contexto este que exerce influência sobre as representações que são veiculadas, até mesmo delimitando as identidades individuais e sociais e determinando o pertencimento a dado grupo social por meio das condutas e outros aspectos adotados.

Mediante as representações, é possível interpretar a realidade; conseqüentemente, se numa dada interação os sujeitos não partilham a mesma representação, haverá mais chances de mal-entendidos no processo de interpretação.

No que tange ao cotidiano militar, pode-se dizer, então, que as representações sociais que circulam no âmbito das instituições militares exercem influência sobre as maneiras de agir e de dizer de seu público interno. De igual forma, no meio civil, as representações sociais também influenciam a forma de ver e avaliar que dada sociedade tem dos integrantes das suas Forças Armadas. Nos Estados Unidos, cujas Forças Armadas são constantemente empregadas ao redor do mundo, percebe-se uma valorização do militar, que se reflete nos mais variados discursos, provavelmente pelo fato de muitas famílias terem membros integrando as instituições militares.

Charaudeau (2006, p.195) afirma que as representações sociais possuem uma tripla dimensão: cognitiva, relativa à organização mental da percepção do mundo; simbólica, que se refere à interpretação feita do mundo real; e ideológica, que atribui valores e crenças aos diversos objetos do mundo real, estabelecendo normas para um dado grupo social. Essas representações definirão as maneiras de ver e de julgar de um grupo social, e, conseqüentemente, sobredeterminarão as

maneiras de dizer desse grupo, com base em seus saberes de conhecimento, também chamados de saberes científicos e em seus saberes de crença (procedentes de juízos e valores).

Os saberes de conhecimento estão relacionados à lógica formal, e como mencionado acima, a uma razão científica, não atrelados a um determinado indivíduo, mas a um fato que pode ser atestado e provado. Os saberes de crença, por sua vez, estão ligados ao que Charaudeau chama de 'lógica natural' (2006, p.194), ou seja, oriundos do sujeito e da forma de pensar sobredeterminada, em parte, pelo contexto social a que tal indivíduo está vinculado. Tais saberes estabelecem um julgamento sobre o mundo. Esses dois saberes constituem os pilares das representações, conforme postula Charaudeau (2006, p.198), "saberes de conhecimento e saberes de crença estruturam as representações sociais."

Um aspecto apresentado por Jodelet quanto às representações sociais é a adesão dos membros de um grupo social às formas de pensamento desse grupo, quando afirma:

Nesses casos de determinação, em que a partilha das representações é um dado preexistente à comunicação, podem-se observar fenômenos de aderência às formas de pensamento da classe, do meio ou do grupo a que se pertence, por causa da solidariedade e da afiliação sociais. Partilhar uma ideia ou uma linguagem é também afirmar um vínculo social e uma identidade (JODELET, 2001, p.34).

Segundo essa citação, nota-se que ideias e linguagem estão associadas à pertença a dado grupo social. Castro (2004) descreve esse pertencimento ao tratar dos espíritos das Armas. Ao escrever sobre os artilheiros, por exemplo, esse autor diz:

os artilheiros também procuram demonstrar no cotidiano as características necessárias às missões que cumprem no combate. Dessa forma, o principal **traço distintivo de seus cadetes** deve ser a meticulosidade, já que no combate, como foi visto, eles não podem 'errar um milésimo'. **Isso deve transparecer** na arrumação tanto pessoal quanto do ambiente. [...] Essa natureza simbólica da pureza artilheira parece estar relacionada com a figura de Mallet, patrono da Arma (CASTRO, 2004, p.75-77, grifo nosso).

Por um lado, espera-se que os integrantes da Arma de Artilharia sejam meticulosos; por outro, os próprios integrantes aderem a esse padrão como forma de pertencimento ao grupo. Segundo esse autor, para cada Arma, há padrões de

conduta partilhados que remetem ao vínculo social mencionado por Jodelet na citação acima.

Na citação de Castro, há a referência ao patrono Mallet, relacionando-o como símbolo da Arma ou sua essência. Monnerat (2012, p.307) também postula tal entendimento, afirmando que “o lugar da essência valoriza indivíduos como representantes de uma essência. Assim, por exemplo, admiramos o duque de Caxias como representante da essência do que seria um militar.” Características dos patronos passam a ser difundidas como representações sociais que regem determinado grupo. Castro menciona não apenas Mallet, patrono da Artilharia, mas também os demais patronos, como representantes da essência de cada Arma, cujos membros contribuem para perpetuar tais representações.

No que se refere à linguagem, ao ingressar na Força Terrestre, percebe-se como o novo integrante incorpora ao seu discurso signos específicos do cotidiano militar. Isso faz parte da representação social que lhe confere pertencimento ao grupo e, conseqüentemente, constrói sua identidade como militar.

A partir da percepção de que a representação social permite interpretar a realidade que nos cerca, Charaudeau postula a necessidade de uma interdisciplinaridade entre diversos campos do conhecimento para uma construção mais efetiva da classificação dos sistemas de pensamento. Através da metáfora de um imenso edifício, a ser construído com ‘pedras’ de diferentes ciências, o autor estabelece o que ele nomeia de ‘imaginários sociodiscursivos’ como a pedra fornecida pela Análise do Discurso para tal construção.

Ao verificar a definição de “imaginário”, de um dicionário, encontra-se: “que só existe na imaginação; ilusório; fantástico” (FERREIRA, 1995, p.350). Entretanto, o imaginário é uma imagem que, segundo Charaudeau, “interpreta a realidade, que a faz entrar em um universo de significações” (CHARAUDEAU, 2006, p.203). Por meio desses imaginários, é possível construir significações, criando uma identidade do grupo no qual tais imaginários circulam. Essas significações se dão, em parte, pela relação do indivíduo com a realidade e, por outra, por sua relação com o outro, estabelecendo parâmetros para uma significação compartilhada.

O conceito de imaginário social de Castoriadis (1982, p.13) diz:

O imaginário de que falo não é imagem de. É criação incessante e essencialmente indeterminada (social-histórica e psíquica) de figuras/formas/imagens, a partir das quais somente é possível falar-

se de ‘alguma coisa’. Aquilo que denominamos ‘realidade’ e ‘racionalidade’ são seus produtos.

Com base nessa noção, Charaudeau introduz o termo imaginário sociodiscursivo e o integra à análise do discurso como um ‘espelho identitário’, postulando que os imaginários “têm necessidade de ser materializados [...] de diferentes maneiras [...]. Mas essa mesma materialização tem necessidade de ser sustentada por uma racionalização discursiva” (2006, p.206). Entre os exemplos de materialização desses imaginários sociais discursivamente, apresentados pelo autor, estão os ditados e os provérbios.

Charaudeau (2006, p.207) afirma, ainda, que “frequentemente, esses imaginários se sobrepõem e constroem espécies de arquétipos coletivos inconscientes.” Assim, o arquétipo representa um ‘modelo’ construído pelos imaginários que circulam em dado grupo social.

Com relação à questão do arquétipo relacionado ao gênero, Monnerat (2008, p.95) diz:

O aspecto estático do feminino é expresso pela imagem arquetípica da ‘Grande Mãe’, imagem universal, que mostra a mulher como eterno ventre e eterna provedora. A imagem da ‘Mãe’ abriga, assim, as ideias de calor, alimentação, abrigo, segurança. (...) Por outro lado, o aspecto dinâmico do feminino é representado pela imagem da ‘Donzela /Virgem’, que acolhe as ideias de beleza, sedução, feitiço e perdição.

E:

A característica masculina estática é representada pelo *logos* (ordem e razão) e pelo arquétipo do ‘Grande Pai’. Os traços do ‘Grande Pai’ consistem em leis, regras organizativas e num sentido de ordem hierárquica, (...) São manifestações do ‘Grande Pai’ o *rei*, o *capitão de navio*, o *presidente*, o *diretor executivo de empresa*, o *mentor*, o *general* etc.. (...) O aspecto evolutivo, dinâmico da masculinidade é representado pelo arquétipo do ‘Guerreiro-Herói’, cujos traços positivos incluem independência, força e coragem. O ‘Guerreiro’ é o defensor da verdade e da justiça. São manifestações do ‘Guerreiro’ o *cavaleiro*, o *jogador de futebol*, o *homem de negócios*, o *gladiador*, o *policia*, o *soldado*, o *operário* etc. (MONNERAT, 2008, p.95).

Ao observar esses dois arquétipos ligados ao gênero, que circulam nos imaginários de nossa sociedade, percebe-se que tanto o arquétipo masculino de ‘Grande Pai’ quanto o de ‘Guerreiro-Herói’ encaixam-se perfeitamente com os imaginários sociais dos militares. Os arquétipos femininos, por sua vez, distanciam-se consideravelmente desses imaginários.

Para exemplificar tal fato com base no *corpus* da pesquisa, lê-se:



**Tal fato só seria descoberto** no combate na foz do rio Paraguaçu. Espantado com tamanho heroísmo e amor à Pátria, Dom Pedro I incorporou Maria Quitéria ao Batalhão dos Voluntários da Pátria, **tornando-a** a primeira mulher a sentar praça em uma unidade militar. Nos anos seguintes, ela **participou de vários combates**, sendo **merecedora** de condecorações (AMAN, p.8, 2013, grifo nosso).

Observa-se na menção à Maria Quitéria, patrono do Quadro Complementar de Oficiais, um esvaziamento de suas características femininas e uma aproximação das masculinas, pelos aspectos que são destacados nas alocações, como sua postura ao optar por esconder sua real identidade a fim de ingressar nas fileiras do Exército a fim de buscar seu ideal. Ao citar que sua real identidade 'só seria' descoberta quando ferida, percebe-se que a alocação destaca que sua postura não revelava as características femininas que circulam nos imaginários de nossa sociedade. Seu heroísmo e patriotismo propiciaram à Quitéria tornar-se a primeira mulher a ingressar nas Forças Armadas.

Com base nos exemplos citados e nos conceitos teóricos apresentados, nota-se que os imaginários sociodiscursivos manifestam-se em determinado grupo social, orientando e guiando as condutas e os discursos que nele são veiculados. São esses imaginários que propiciam aos indivíduos de dada sociedade se integrarem ao meio em que vivem e terem projetos de comunicação eficazes.

#### 4.4.2 Estereótipos

Neste momento, será abordada a questão de como as imagens preconcebidas exercem um papel relevante nos discursos. Um olhar mais aprofundado sobre a noção de estereótipo possibilita uma melhor compreensão das interações sociais, bem como da ligação entre discurso e sociedade.

No que tange ao discurso militar, será abordada a noção de estereótipo em relação aos militares de forma geral e, uma pequena parte, observando a referida noção vinculada ao gênero e à carreira militar. Tal referência será sucinta, visto não ser esse o enfoque principal da pesquisa. Entretanto, considera-se essencial tal apresentação pelo fato de que ela propicia um melhor entendimento quando da análise das alocações dos quadros em que há a presença feminina, principalmente, com relação ao Quadro Complementar de Oficiais, cujo patrono é Maria Quitéria de Jesus.

O termo estereótipo teve sua origem na tipografia, sendo definido por Larousse como “impresso com placas cujos caracteres não são móveis e que se conservam para novas tiragens.”<sup>14</sup> (AMOSSY e PIERROT, 2004, p.30, tradução nossa). A partir dessa ideia de algo fixo e que possibilita a reprodução, surge a noção de estereótipo introduzida por Lipmann na década de 20, do século passado, em sua obra *Opinion publique*. Segundo Lipmann, estereótipos são as imagens mentais que medeiam nossa relação com o real, ou seja, representações cristalizadas e esquemas culturais preexistentes, através dos quais cada indivíduo filtra a realidade a seu redor (AMOSSY; PIERROT, 2004, p.31-32).

Os estudos sobre esse tema desenvolveram-se muito a partir de então, em diferentes campos de estudo, mas uma conotação negativa, ou mesmo pejorativa, foi associada à noção de estereótipo, em oposição à percepção de Lipmann, pelo fato de esse processo estar relacionado à generalização e simplificação do real. Dentre as definições que incorporaram essa noção negativa ao termo estereótipo, Amossy cita a conceituação apresentada por Fischer: “Maneiras de pensar mediante ‘clichê’, que designam as categorias descritivas simplificadas baseadas em crenças e em imagens redutoras, por meio das quais qualificamos as demais pessoas ou outros grupos sociais, sujeitos a preconceitos”<sup>15</sup> (AMOSSY; PIERROT, 2004, p.33, tradução nossa). O signo ‘preconceito’, empregado nessa conceituação, é apenas um dos termos que demonstra a visão de valor negativo que surgiu em diversos estudos.

O senso comum parece aproximar-se dessa perspectiva que associa um cunho negativo à noção de estereótipo. A *doxa* apresenta essa noção como um modelo estabelecido como padrão, no qual a ideia de preconceito está atrelada.

Amossy e Pierrot (2004, p.41) postulam que nem sempre o estereótipo de determinado grupo social corresponde à realidade. Segundo as autoras, os estereótipos podem se propagar independente de uma base objetiva. Para elas, a mídia seria um dos vetores capazes dessa difusão.

Atualmente, junto às Ciências Humanas, a noção de estereótipo não está associada a uma conotação negativa, mas a um entendimento da necessidade de relacionar o real a um modelo preexistente como um ponto de partida para a

---

<sup>14</sup> “Impreso com planchas cuyos caracteres no son móviles, y que se conservan para nuevos tirajes.”

<sup>15</sup> “Maneras de pensar mediante clichés, que designan las categorías descriptivas simplificadas basadas en creencias y en imágenes reductoras, por medio de las cuales calificamos a las demás personas o a otros grupos sociales, sujetos a prejuicios.”

compreensão ou inteligibilidade do mundo, conforme propõe Charaudeau (2006, p. 187), quando afirma que

[...] o homem tem tanta necessidade da realidade para significá-la quanto a realidade tem necessidade do homem para ser significada.[...] o homem é dominado por um mundo que se impõe a ele, mas é pelos sistemas de representação que ele o apreende, sistemas que o próprio homem constrói e que dependem ao mesmo tempo de sua vivência.

A noção de estereótipo insere-se, juntamente com outras noções, nessas representações que o ser humano constrói do real. Dentre algumas definições nesse sentido, nas quais há uma neutralização dos aspectos negativos do signo 'estereótipo', podem ser citadas as apresentadas por Stroebe e Insko:

Conjunto de crenças relativas aos atributos pessoais de um grupo humano. Em razão ao desacordo sobre a questão da rigidez ou da adequação dos estereótipos, uma definição geral desta ordem oferece um ponto de partida razoável para a investigação. (STROEBE; INSKO *apud* AMOSSY; PIERROT, 2004, p.34, tradução nossa);<sup>16</sup>

e a definição de Leyens: “Crenças compartilhadas relativas às características pessoais, em geral, traços de personalidade, mas também com frequência comportamentos de um grupo de pessoas” (LEYENS *apud* AMOSSY; PIERROT, 2004, p.34, tradução nossa).

Ao estabelecer uma conexão entre estereótipo e um grupo social a que determinado indivíduo está vinculado, a Psicologia social passa a observar as imagens que esses indivíduos constroem de si mesmos e dos outros. Amossy e Pierrot ( 2004, p.37, tradução nossa) afirmam que “ao nome de um grupo se vincula uma constelação de seus supostos atributos”<sup>17</sup> e listam uma série de adjetivos que são associados a certos grupos étnicos, com base em pesquisa realizada na Universidade de Princeton. Aos alemães, por exemplo, são associadas as seguintes características: espírito científico, trabalhador, inteligente, extremamente nacionalista, entre outras

Sendo os estereótipos uma representação social, há, no senso comum, a construção da imagem do militar. Na maior parte das vezes, em uma visão do 'lá

<sup>16</sup> “Conjunto de creencias relativas a los atributos personales de un grupo humano. En razón Del desacuerdo sobre la cuestión de la rigidez o la justeza de los estereótipos, una definición general de este orden ofrece un punto de partida razonable para la investigación.”

<sup>17</sup> “Al nombre del grupo se vinculaba la constelación de sus supuestos atributos.”

fora', utilizando a metáfora inicial desta pesquisa, o militar é conceituado como alguém rígido, sério, autoritário e de poucas palavras. Para exemplificar essa questão, é interessante novamente observar o signo 'caxias', cuja definição é:

[...] diz-se de, ou pessoa extremamente escrupulosa no cumprimento de suas obrigações e diz-se de, ou pessoa que, no exercício de sua função, exige de seus subordinados o máximo rendimento no trabalho e extremado respeito às leis e aos regulamentos (FERREIRA, 1995, p.138).

Entretanto, pela associação às características estereotipadas do militar, esse signo parece refletir também um exagero nas atitudes, do ponto de vista do 'lá fora', agregando um sentido um tanto negativo, mas, ainda assim, há o reconhecimento do destaque das atitudes do patrono.

O antropólogo Castro (2004, p. 59), ao realizar sua pesquisa na AMAN, apresenta uma descrição do que ele denomina como o espírito militar. Para esse autor,

Os espíritos das Armas compõem um sistema classificatório que estabelece uma homologia entre as características pessoais exigidas pelas diferentes 'missões' (isto é , tarefas) de cada Arma numa situação de combate – as 'atividades-fim' – e os diferentes padrões de conduta e personalidade mantidos na situação de não-combate, no cotidiano. As características exigidas no combate certamente correspondem a exigências táticas, práticas. Mas elas também são utilizadas - e é isto que nos interessa aqui – para, numa outra ordem de realidade, produzir significação, cultura. Temos então uma espécie de 'totemismo' no qual os membros de cada Arma compartilham entre si regras de conduta mais ou menos obrigatórias e um estoque de símbolos comuns (emblemas, canções, motes, patrono etc.) relacionado ao espírito da Arma.

Com base em depoimentos de cadetes, o autor estabelece uma lista de qualificações dos militares e dentro dessa categoria, apresenta ainda, atributos específicos de cada Arma, segundo o ponto de vista dos integrantes da Força àquela época. A partir desses atributos, é possível a construção de estereótipos no 'aqui dentro', ou seja, a visão que os militares constroem de si mesmos. Com base na pesquisa citada, será confeccionado um quadro, apresentando apenas as principais características positivas de militar apontadas a respeito das três Armas, cujas alocações serão analisadas.

Quadro 05 – Os espíritos das Armas:

Infantaria	Cavalaria	Artilharia
Desprendimento, coragem, vibração, preocupação com o físico, rusticidade, liderança, disciplina.	Rapidez, combatividade, coragem, flexibilidade, determinação, desprendimento, vontade de superar obstáculos, 'sem frescuras'.	Meticulosidade, organização, boa apresentação pessoal.

Fonte: CASTRO, 2004<sup>18</sup>

Castro também apresenta certas características de cunho negativo, apontadas por integrantes de outras Armas e ligadas aos estereótipos que são construídos. Dos infantistas, por exemplo, é dito que são mais dados à ação do que aos aspectos cognitivos. Dos cavalarianos, destaca-se que são grossos, bagunceiros e que o espírito da Arma é o 'rápido e malfeito'. Dos artilheiros, ressalta-se um exagero em seu senso de organização (CASTRO, 2004). Sendo uma concepção negativa, ou não, há de se aceitar a relevância da noção de estereótipo nos estudos de linguagem e, conseqüentemente, em Análise do Discurso, pois um indivíduo ao construir imagens dos outros, ou mesmo de si mesmo, realiza categorizações e vinculações a determinados grupos sociais.

Com base nesses estereótipos apresentados, percebe-se que, do ponto de vista do 'lá fora', há uma homogeneização da figura construída dos militares. Da visão do 'aqui dentro', há uma hierarquização dos atributos que se referem aos militares, de forma geral, mas também são construídas estereotipagens particulares, como as apresentadas no quadro 05 (p.74) para as três Armas combatentes, cujas alocações são alvo desta pesquisa.

A figura do patrono apresenta-se como o cerne ou a essência na construção da identidade dos integrantes da Arma, conforme postula Castro: "Vale a pena aqui comentar a força evocativa dos patronos das Armas. Veremos como as características dos espíritos das Armas têm uma estreita correspondência com aspectos consignados às biografias dos patronos" (CASTRO, 2004, p.77). Assim, ao

<sup>18</sup> O Quadro 05 foi confeccionado pelo autor desta dissertação, com base nos depoimentos apresentados na pesquisa de Castro (2004, p.62-82).

descrevê-los, a qualificação aproxima-se dos atributos valorizados pela Força e, ao mesmo tempo, das características descritas por Castro e citadas no quadro 05. Neste rol de qualidades, há uma aproximação com o arquétipo masculino. Retomando a citação de Monnerat (2008, p.95, grifo nosso)

A característica masculina estática é representada pelo *logos* (ordem e razão) e pelo **arquétipo do ‘Grande Pai’**. Os traços do ‘Grande Pai’ consistem em **leis, regras organizativas e num sentido de ordem hierárquica**, (...) São manifestações do ‘Grande Pai’ o *rei*, o *capitão de navio*, o *presidente*, o *diretor executivo de empresa*, o *mentor*, o **general** etc.. (...) O aspecto evolutivo, dinâmico da masculinidade é representado pelo arquétipo do **‘Guerreiro-Herói’**, cujos traços positivos incluem **independência, força e coragem**. O ‘Guerreiro’ é o **defensor da verdade e da justiça**. São manifestações do ‘Guerreiro’ o *cavaleiro*, o *jogador de futebol*, o *homem de negócios*, o *gladiador*, o *policial*, o **soldado**, o *operário* etc.

Nota-se, nos fragmentos grifados, tal aproximação. Tanto o arquétipo masculino de ‘Grande Pai’ quanto o de ‘Guerreiro-Herói’ participam da construção do estereótipo do militar, quer na visão do ‘aqui dentro’, quer no olhar do ‘lá fora’.

Observou-se, com relação às três Armas base, que a figura do patrono simboliza a essência dessas Armas e participa da construção da identidade de seus integrantes. Na página do EB, na internet, há referência ao valor do patrono como:

A mais autêntica homenagem que se pode prestar aos grandes vultos da Pátria é manter viva a lembrança de seus feitos, interpretar os acontecimentos de que participaram e recolher os dignos exemplos que nos legaram.  
As magistras lições que emanam de suas incomuns existências constituem a imortal seiva que robustece crenças, revigora forças para a travessia do presente e inspira a busca do futuro (EXÉRCITO, 2015, p.1).

Passando aos Quadros e Serviços não combatentes, novamente a descrição do patrono funciona como um símbolo, um referencial a ser seguido.

O Quadro Complementar, conforme descrito em suas alocações, foi instituído em 1990, apenas para integrantes de sexo masculino. Apenas dois anos mais tarde, em 1992, as mulheres puderam ingressar nesse Quadro. Em junho de 1996, Maria Quitéria de Jesus foi instituída como patrono do quadro. Quitéria, como essência do primeiro quadro do Exército a incorporar mulheres, destaca-se, nas alocações, por seus atributos ligados ao arquétipo masculino. Ao descrever o arquétipo feminino, Monnerat (2008, p. 95) diz:

O aspecto estático do feminino é expresso pela imagem arquetípica da 'Grande Mãe', imagem universal, que mostra a mulher como eterno ventre e eterna provedora. A imagem da 'Mãe' abriga, assim, as ideias de calor, alimentação, abrigo, segurança. (...) Por outro lado, o aspecto dinâmico do feminino é representado pela imagem da 'Donzela /Virgem', que acolhe as ideias de beleza, sedução, feitiço e perdição.

Nota-se um esvaziamento das características apresentadas no arquétipo feminino ao descrever a imagem de Quitéria. Na alocução de 2013, por exemplo, é mencionado que sua identidade foi descoberta apenas quando ferida em combate. Carreiras, que escreve sobre essa questão em referência ao Exército Português, também aponta essa aproximação da identidade militar ao arquétipo masculino, quando diz:

A posição que poderemos designar como tradicionalista, dominante sobretudo em meios militares conservadores, sublinha como elementos centrais da identidade e atividade militares o que considera serem as naturais características físicas e psíquicas dos homens, tais como agressividade, força física, orientação para a ação, frieza, *stamina*, capacidade de exposição a perigo físico extremo e aos sangrentos requisitos da guerra. A esta imagem adere, simetricamente, o estereótipo da mulher como genuinamente pacífica, conciliadora, passiva e destituída de todas as características anteriores (CARREIRAS, 2013, p.5).

Ainda em relação à noção de estereótipo vinculada ao gênero, Wood e KASHY postulam que:

De acordo com estereótipos de gênero, homens e mulheres diferem no número de dimensões psicológicas que são relevantes para o desempenho militar. Acredita-se que os homens tomam decisões mais facilmente e são mais independentes, autoconfiantes, competitivos e propensos à liderança do que as mulheres. Acredita-se que as mulheres sejam mais ajudadoras, amáveis, gentis e emocionalmente mais expressivas que os homens. As crenças dos estereótipos de gênero sobre mulheres estão em um contraste acentuado com os atributos requisitados para um desempenho bem sucedido como soldado. Os atributos psicológicos requisitados para um soldado bem-sucedido são também estereótipos dos homens, enquanto que as qualidades estereotipadas possuídas pelas mulheres são explicitamente rejeitadas <sup>19</sup>(2001, p.2, tradução nossa).

---

<sup>19</sup> "According to gender stereotypes, men and women differ on a number of psychological dimensions that are relevant for military performance. Typical men are believed to make decisions more easily and to be more independent, self-confident, competitive and leader-like than typical women. Typical women are believed to be more helpful, kind, gentle, and emotionally expressive than men. The gender-stereotypic beliefs about women are in marked contrast to the attributes required for successful performance as a soldier. The psychological attributes required of a successful soldier are also stereotypic of men, whereas the stereotypic qualities possessed by women are explicitly rejected."

As autoras citadas realizaram pesquisa em relação ao Exército Americano. Suas observações, entretanto, confirmam a visão adotada nas alocações de aproximação ao arquétipo masculino, como essência do estereótipo de militar.

Embora o Serviço de Saúde também conte com mulheres em suas fileiras, não há menção a esse fato. Talvez, por não ter sido o primeiro grupo a incorporar mulheres ao EB e também pela escolha de seu patrono ter sido a de um homem, o General Severiano da Fonseca.

Para finalizar, é interessante ressaltar que, sendo os estereótipos um tipo de representação social, eles concorrem para a construção da identidade do sujeito, quer como ser individual quer como ser coletivo. A respeito dessa construção, Rambaud afirma que:

Um dos traços característicos de toda busca de identidade é a afirmação, simultânea, e como que dialética, **das diferenças e igualdades**. [...] Com efeito, a identidade é constituída por modificações e por continuidades, **criadoras de um 'nós'** onde se articulam **elementos subjetivos e situações objetivas**. Ela é a acumulação dinâmica e muitas vezes conflituosa de uma memória coletiva, de um projeto social, de uma ação, que se combinam e onde os componentes formam uma totalidade. Esta **exprime uma ideologia, através de práticas e símbolos** (RAMBAUD *apud* SANTOS, 2004, p.51, grifo nosso).

Através das práticas da caserna, busca-se manter as tradições e perpetuar os valores da instituição, que contribuem para a formação de sua ideologia.

Rambaud ( *apud* SANTOS, 2004), ao salientar que a identidade se afirma nas diferenças e nas igualdades, remete à metáfora inicial do 'aqui dentro' / 'lá fora' (militares e civis). Mediante os atributos e características levantados pelos integrantes do EB na pesquisa de Castro (2004) são construídos estereótipos. Tal noção proporciona o entendimento que os integrantes da Força Terrestre têm de si mesmos, ou seja, a imagem preconcebida dos militares que circula no âmbito do próprio meio militar.

#### 4.4.3. Lugares / valores argumentativos

Ao abordar o conceito de situação de comunicação, foram apontados alguns fatores que devem ser levados em conta em um contrato de comunicação. Um desses aspectos é a identidade dos sujeitos a quem o ato é direcionado. A identidade do sujeito destinatário/interpretante precisa ser observada e isso implica



considerar seus valores a fim de obter êxito em determinado projeto de comunicação.

Ao dirigir-se a um público, é primordial refletir sobre os valores que esse auditório compartilha. Lidar com tais valores de maneira adequada é uma valiosa estratégia. Abreu (2000) postula que há uma hierarquia de valores, ou seja, embora um indivíduo admita ter determinados valores, cabe ao orador perceber que nível cada um deles ocupa. Esse autor afirma que: “As hierarquias de valores variam de pessoa para pessoa, em função da cultura, das ideologias e da própria história pessoal” (ABREU, 2000, p.77). Assim, o sujeito comunicante/enunciador não pode desprezar tal hierarquia ao produzir sua alocução para que seu projeto seja eficaz. A alocução, para ser selecionada, precisa atender às expectativas do concurso e isso significa lidar com os valores da instituição de forma apropriada.

Ao tratar da noção de valores, Abreu (2000) propõe sua divisão em dois grupos: valores ligados ao útil e valores ligados ao sensível. Os valores ligados ao útil referem-se, como o próprio nome já diz, a tudo o que apresenta uma finalidade ou funcionalidade. Os valores sensíveis, por sua vez, não estão primordialmente relacionados a uma finalidade, mas àquilo que tal bem desperta. O autor exemplifica tais valores com o exemplo do relógio. Um relógio barato serve para marcar as horas e é, por isso, um bem útil. Um Rolex, além de ser um bem útil por ter a finalidade de marcar as horas, é também um bem sensível, por ter um sentido a mais que sua simples utilidade.

Com base no exemplo acima, percebe-se que o signo valores refere-se tanto aos valores concretos, como automóveis, joias etc., quanto aos abstratos como patriotismo e honestidade, por exemplo. Segundo Ros e Gouveia (2011, p. 96), valores são

[...] crenças hierarquizadas sobre os estilos de vida e formas de existência que orientam nossas atitudes e comportamentos. Rokeach destacou que os valores são o componente central da personalidade, enquanto as atitudes e comportamentos seriam mais periféricos e, portanto, os valores seriam o núcleo central do autoconhecimento e da autoestima.

Nessa citação, o enfoque recai sobre valores abstratos e, novamente, o entendimento da existência de uma hierarquia entre esses valores é apresentada.

No Caderno de Instrução do Projeto Liderança da AMAN, propõe-se a distinção entre caráter e valores, conforme:

[...] caráter é um conjunto de características individuais, de condições fundamentais de inteligência, sensibilidade e vontade que distinguem um indivíduo dos demais. Sob o aspecto moral, é a energia da vontade e a firmeza de princípios e propósitos que conferem ao indivíduo uma diretriz bem definida em sua conduta. Esta é a 'pessoa de caráter', que possui senso moral corretamente orientado. O caráter da pessoa se consolida à medida que ela internaliza valores nos cinco níveis taxonômicos do domínio afetivo: receptividade, resposta, valorização, organização e caracterização. Nas escolas de formação de oficiais e sargentos do Exército, procura-se obter uma adequação do caráter dos discentes. O que se deseja é desenvolver neles um caráter compatível com as exigências da cidadania e com as necessidades da vida militar, particularmente aquelas impostas pelas situações de combate, dando-lhes, além disto, instrumentos que os capacitem a estabelecer sólidos laços de liderança com seus comandados (AMAN, 2014b, p. 22-3).

Percebe-se, nesse trecho, a importância que é dada à adoção dos valores da instituição e à ênfase em desenvolvê-los nas escolas de formação do EB. No cotidiano dessas escolas, buscar-se-á, em suas atividades, tal desenvolvimento a fim de entregar à sociedade oficiais comprometidos com sua missão constitucional. Retornando ao *corpus*, há nas alocações, também um enfoque nesses valores, visto que o sujeito comunicante/enunciador deseja adequar-se a seu público. Em relação a isso, Abreu (2000, p. 75) afirma que:

Um outro dado fundamental é que os valores não são impostos a todo mundo. Eles estão ligados à multiplicidade de grupos e de emoções. Aquele que quer persuadir deve saber previamente quais são os verdadeiros valores de seu interlocutor ou do grupo que constitui seu auditório.

Se, para persuadir, é necessário conhecer a hierarquia de valores do auditório, quais seriam, então, os valores cultuados no EB? De acordo com o Estatuto dos Militares, a lista desses valores é a seguinte: “patriotismo, civismo, fé na missão do Exército, amor à profissão, espírito de corpo e aprimoramento técnico-profissional” (BRASIL, 1980). Na página oficial do Exército na internet, também são apresentados os valores da instituição, com suas devidas definições, conforme transcrição a seguir:

**Síntese dos Deveres, Valores e da Ética do Exército**  
 Patriotismo – amar à Pátria – História, Símbolos, Tradições e Nação – sublimando a determinação de defender seus interesses vitais com o sacrifício da própria vida. Dever – cumprir a legislação e a regulamentação a que estiver submetido, com autoridade, determinação, dignidade e dedicação, assumindo a responsabilidade pelas decisões que tomar. Lealdade – cultivar a verdade, sinceridade

e sãdia camaradagem, mantendo-se fiel aos compromissos assumidos. Probidade – pautar a vida, como soldado e cidadão, pela honradez, honestidade e pelo senso de justiça. Coragem – ter a capacidade de decidir e a iniciativa de implementar a decisão, mesmo com o risco de vida ou de interesses pessoais, no intuito de cumprir o dever, assumindo a responsabilidade por sua atitude (EXÉRCITO, 2015c, p.1).

Embora não sejam idênticas, as listas de valores das duas fontes citadas se complementam. Abreu (2000) postula que, para definir a hierarquia de valores, é necessário observar a intensidade de adesão a eles e propõe a utilização de técnicas denominadas ‘Lugares da Argumentação’: “locais virtuais facilmente acessíveis, onde o orador pudesse ter argumentos à disposição, em momento de necessidade” (ABREU, 2000, p.81).

Segundo o autor, os lugares de argumentação são os seguintes: lugar de quantidade, lugar de qualidade, lugar de ordem, lugar de essência, lugar de pessoa e lugar do existente.

O primeiro deles, o lugar de quantidade, apela para razões quantitativas e apresenta maior adesão e índices, como, por exemplo, dados estatísticos. Na alocução do Serviço de Saúde, do ano de 2013, lê-se:

Anualmente, o Serviço de Saúde efetua mais de **5 milhões de atendimentos**, por meio de uma estrutura que envolve **545 seções**, instaladas em organizações militares da Força. **Somam-se, ainda, a esse número: 23** postos médicos de guarnição, **4** policlínicas militares, **15** hospitais de guarnição, **11** hospitais gerais e ainda o Hospital Central do Exército (AMAN, 2013, p.9, grifo nosso).

Na citação, as partes grifadas ressaltam a presença de números que exemplificam o lugar da quantidade. Ao mencionar toda a estrutura de que o Serviço de Saúde dispõe e ao enfatizar também seu número de atendimentos, valoriza-se a quantidade.

No que diz respeito ao lugar de qualidade, há, como diz Gavazzi e Eduardo (2005), uma contestação à verdade dos números, dando-se destaque ao que é considerado superior, diferente e único, quer sejam fatos, quer sejam pessoas. No trecho a seguir, o sujeito comunicante/enunciador refere-se à Artilharia como “o **principal vetor** do sistema operacional Apoio de Fogo do Exército” (AMAN, 2012, p.3, grifo nosso). Ao descrever dessa forma a Artilharia, argumenta-se com base no lugar da qualidade, enfatizando a superioridade dessa Arma ao propiciar apoio de fogo às demais Armas.

Com relação ao lugar de ordem, valoriza-se o que surgiu primeiro ou o que atingiu o lugar mais elevado. Como diz ABREU, “o lugar de ordem aparece como um elemento hierarquizador” (2000, p. 86), estabelecendo o que é superior. Para exemplificar o lugar de ordem, pode-se citar a alocução do Serviço de Saúde, do ano de 2012: “A origem do Serviço de Saúde remonta à criação da própria Força Terrestre, uma vez que, desde os primeiros entreveros ocorridos em solo brasileiro, percebeu-se a necessidade de se prestar apoio àqueles que caíam feridos em combate” (AMAN, 2012, p.9). Ao datar sua origem como equivalente à do próprio Exército, o Serviço de Saúde argumenta a partir do lugar de ordem para expressar seu valor dentro da Força.

No lugar de essência, valoriza-se, como diz Abreu (2000, p. 90), “indivíduos como representantes bem caracterizados de uma essência”. O autor apresenta, nesse rol, os vultos históricos, dando o exemplo do “Duque de Caxias, como representante da essência daquilo que seria um militar” (ABREU, 2000, p.90). Tal lugar de argumentação é apontado por Castro (2004, p. 77) ao referir-se à figura do patrono: “Vale a pena aqui comentar a força evocativa dos *patronos* das Armas. Veremos como as características dos espíritos das Armas têm uma estreita correspondência com aspectos consignados às biografias dos patronos”. Enfim, a figura do patrono simboliza o lugar da essência e isso se manifesta na totalidade das alocuções, pois a menção aos patronos é sempre apresentada e eles figuram como exemplos que precisam ser seguidos e perpetuados, ou seja, a própria imagem da Arma.

A própria definição de patrono remete a esse lugar de essência: “Chefe militar ou personalidade civil **escolhida como figura tutelar** de uma força armada, de uma arma, de uma unidade, etc., cujo nome mantém vivas tradições militares e o culto cívico dos Heróis” (FERREIRA, 1995, p.488, grifo nosso). Na página do EB na internet, ao mencionar o valor dos patronos, é dito:

A mais autêntica homenagem que se pode prestar aos grandes vultos da Pátria é manter viva a lembrança de seus feitos, interpretar os acontecimentos de que participaram e recolher os dignos **exemplos** que nos legaram. As **magistrais lições que emanam de suas incomuns existências** constituem a imortal seiva que robustece crenças, revigora forças para a travessia do presente e **inspira** a busca do futuro (EXÉRCITO, 2015b, p.1, grifo nosso).

Em suma, o valor da essência é destacado na totalidade das alocações, pois seu lugar recai sobre a menção do patrono como símbolo da Arma aniversariante.

O lugar de pessoa, por sua vez, confere primazia ao que se refere às pessoas. As demais coisas ficam num segundo plano. O EB ao afirmar que “o principal patrimônio do Exército Brasileiro consiste em ter homens e mulheres motivados e capazes de cumprir sua missão [...]” (EXÉRCITO, 2013, p.1) insere-se nesse lugar argumentativo em que o valor de pessoa é enfatizado.

O lugar do existente confere maior importância àquilo que efetivamente existe e é real em comparação com o que ainda não se concretizou. Um famoso ditado brasileiro expressa esse lugar argumentativo: “mais vale um pássaro na mão do que dois voando.” Esse provérbio refere-se ao existente como superior ao duvidoso e ainda incerto.

O sujeito comunicante/ enunciador, sabedor dos valores da instituição, fará uso dessas estratégias argumentativas para atingir a finalidade de seu projeto de comunicação e ter sua alocação selecionada. A fim de alcançar tal finalidade, lidará com a hierarquia de valores de seu auditório para expor suas ideias e argumentar. A partir da análise das alocações do *corpus*, poder-se-ão observar os valores mais destacados, estabelecendo o nível hierárquico que cada um deles ocupa.

#### **4.5 Seleção lexical**

Ao longo desta dissertação, várias referências foram feitas a respeito da seleção lexical nas alocações, pois tal escolha exerce papel primordial no êxito desse projeto de comunicação. Uma das características desse êxito recai no fato de a alocação ser considerada vencedora e, conseqüentemente, ser lida na solenidade militar em comemoração ao aniversário de determinada Arma, Quadro ou Serviço do EB.

Este capítulo objetiva, portanto, analisar a seleção lexical no discurso militar das alocações, visto que essa escolha é a base da argumentação do sujeito comunicante/enunciador, pois, por meio dela, esse sujeito expressa seu ponto de vista. Será conferida uma atenção a tais escolhas, com enfoque especial ao emprego de substantivos e adjetivos no *corpus* da pesquisa.

O sujeito comunicante/enunciador, ao ser informado sobre a necessidade de elaboração de uma alocação alusiva ao aniversário de determinada Arma, tem

conhecimento prévio do que é esperado de seu discurso, em virtude de sua participação em várias solenidades em que alocações foram lidas. A fim de atingir o objetivo proposto no Plano Geral de Ensino (PGE), documento que rege todas as atividades de ensino da AMAN, tal sujeito fará uso de estratégias. Koch afirma que:

[...] temos sempre objetivos, fins a serem atingidos; há relações que desejamos estabelecer, efeitos que pretendemos causar, comportamentos que queremos ver desencadeados, isto é, pretendemos atuar sobre o(s) outro(s) de determinada maneira (KOCH, 2012, p.29).

Uma das ferramentas para alcançar o objetivo desejado na interação é uma escolha lexical adequada aos valores do auditório a que o discurso é dirigido, pois, como postula Perelman:

Querer persuadir um auditor significa, antes de mais nada, reconhecer-lhe as capacidades e as qualidades de um ser com o qual a comunicação é possível e, em seguida, renunciar a dar-lhe ordens que expressem uma simples relação de força, mas sim procurar ganhar a sua adesão intelectual (PERELMAN, 1987, p.235).

A seleção lexical está intimamente ligada à visão de mundo do sujeito comunicante/enunciador e essa visão de mundo é fruto das vivências e da adesão a grupos sociais aos quais o indivíduo está vinculado. É uma marca de pertencimento à instituição. Bakhtin estabelece que há uma conexão da relação do sujeito comunicante/enunciador com o objeto tratado e, que há ainda, uma relação destes à seleção lexical ao postular que:

O segundo elemento do enunciado, que lhe determina a composição e o estilo, é o elemento expressivo, isto é, **a relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado**. Nos diferentes campos da comunicação discursiva, o elemento expressivo tem significado vário e grau vário de força, mas ele existe em toda parte: um enunciado absolutamente neutro é impossível. A relação valorativa do falante com o objeto do seu discurso (seja qual for esse objeto) também **determina a escolha dos recursos lexicais**, gramaticais e composicionais do enunciado (BAKHTIN, 2010, p.289, grifo nosso).

Assim, com base no trecho citado, entende-se que a escolha lexical é reveladora de pontos de vista e do grau de subjetividade de determinado discurso. Ela mostra a intencionalidade do sujeito comunicante/enunciador e veicula suas ideologias e valores.

Kerbrat-Orecchioni propõe a existência de dois modos básicos de discurso: o objetivo e o subjetivo. No primeiro deles, há uma busca pelo esvaziamento do que a autora denomina de “existência de um enunciador individual” (KERBRAT-ORECCHIONI, 1980, p.93). Em um texto científico, por exemplo, o uso da terceira pessoa demonstra esse apagamento e, conseqüentemente, reflete a busca pela objetividade. No segundo tipo de discurso, por sua vez, percebe-se um enunciador, que, como diz a autora, “se confessa explicitamente ou se reconhece implicitamente como a fonte avaliativa da afirmação” (KERBRAT-ORECCHIONI, 1980, p.93). Assim, no discurso subjetivo, há a manifestação desse sujeito. Conforme Benveniste, “a ‘subjetividade’ de que tratamos aqui é a capacidade do locutor para se propor como ‘sujeito’” (1988, p.286). O fragmento, a seguir, extraído da alocução da Cavalaria, do ano de 2012, ilustra um discurso subjetivo:

Nobres cavalarianos, que a história de nosso patrono nos seja eterna fonte de orgulho. Seguindo os passos de Osório e os valores e as tradições de nossa Arma, estaremos sempre prontos para o cumprimento do nosso dever (AMAN, 2012, p.2).

Nessa citação, há o uso de dêiticos (nosso, nossa), que deixam claro que o sujeito comunicante/enunciador é um integrante da Arma de Cavalaria e mostram explicitamente o enunciador. A escolha do adjetivo ‘nobres’, que se refere aos cavalarianos, reflete um juízo de valor e o posicionamento do sujeito comunicante/enunciador em face do mundo significado.

Kerbrat-Orecchioni postula que as unidades lexicais estariam em uma escala ou, como denomina a autora, em um ‘índice de subjetividade’ (1980, p.95). Por conseguinte, um enunciado subjetivo é marcado por um número maior de signos com índice de subjetividade mais alto. Se forem comparados os signos ‘branco’ e ‘belo’, por exemplo, percebe-se um posicionamento diferente deles quanto a uma escala de subjetividade. Branco é constatável e belo reflete a posição do locutor frente ao objeto tratado. Retomando o fragmento citado da alocução da Cavalaria, o adjetivo ‘nobre’, definido por Ferreira como: “muito conhecido; notável, ilustre, célebre” (FERREIRA, p.456), seria um exemplo de signo com índice de subjetividade alto.

O sujeito comunicante/enunciador se vale de um determinado signo, que, por sua vez, possui um índice de subjetividade. Esse índice pode, ainda, ser atenuado ou acentuado a fim de que se atinja o efeito desejado. Retornando ao *corpus*,

observa-se, nas alocações, uma tendência em salientar o índice dos vocábulos escolhidos. No trecho da alocação da Cavalaria, lê-se: “Na Batalha de Tuiuti, Osório destacou-se como um líder nato, vocacionado para o comando, fascinando seus subordinados pelo exemplo, pela coragem e pela bravura” (AMAN, 2013, p.2). Nesse trecho, o autor descreve o patrono da Cavalaria como ‘líder nato’ e ‘vocacionado para o comando’. Duas definições de sentido semelhante que poderiam ser excludentes uma da outra. Entretanto, ao empregar esses dois sintagmas nominais, o sujeito comunicante/enunciador acentua o sentido e, assim, reforça as qualidades do patrono Osório e marca categoricamente seu posicionamento. A acentuação do sentido ocorreu, no exemplo citado, pelo reforço da ideia de liderança. Em outros momentos, a qualificação é responsável por tal intensificação da significação.

Sendo o propósito das alocações enaltecer a Arma que aniversaria e exaltar a figura do patrono, os substantivos e adjetivos que compõem esses textos possuem uma significação positiva, como os substantivos da citação anterior: líder, exemplo, coragem e bravura.

Ao expor sobre o duplo processo de semiotização do mundo (CHARAUDEAU, 2005), que ocorre mediante os processos de transação e de transformação, observou-se que o primeiro rege o segundo, pois a identidade dos sujeitos envolvidos no contrato de comunicação e a situação de comunicação determinam o segundo e, conseqüentemente, a seleção lexical.

Esse processo de transformação, que diz respeito à forma como o mundo a significar é transformado em mundo significado, apresenta quatro operações: identificação, qualificação, ação e causação, que já foram definidas anteriormente. Ao se concentrar no emprego de substantivos e adjetivos nas alocações, verificar-se-á, especificamente, as duas primeiras operações. Na identificação, os seres do mundo são nomeados e, assim, são transformados em mundo significado; na qualificação, por sua vez, são atribuídas características que os determinam. Feres afirma que:

É na forma e no modo de identificação dos seres no mundo que se apreende a realidade sob o ponto de vista de um determinado grupo – e é a identificação o primeiro movimento descritivo de que se lança mão para ter acesso à realidade. Além disso, ao atribuir aos seres já nomeados características que os singularizam, assim como servem de comentários a seu respeito, denunciam-se, muitas vezes, aspectos valorizados ou não (FERES, 2012, p.130).



Percebe-se que Feres descreve esses dois processos, estabelecendo uma implicação entre eles e a subjetividade, visto que a forma como são desenvolvidos é reveladora de crenças e valores.

Os falantes de uma língua possuem a habilidade de reconhecer as classes de palavras intuitivamente, o que Perini diz ser “parte do nosso conhecimento gramatical implícito” (PERINI, 2000, p.41). Assim sendo, tal falante é capaz de distinguir um verbo de um substantivo em seu enunciado, por exemplo, na forma como os emprega.

Segundo sua classe gramatical, substantivo

[...] é a classe de lexema que se caracteriza por significar o que convencionalmente chamamos objetos substantivos, isto é, em primeiro lugar, substâncias (homem, casa, livro) e, em segundo lugar, quaisquer outros objetos mentalmente apreendidos como substâncias, quais sejam qualidades (bondade, brancura), estados (saúde, doença), processos (chegada, entrega, aceitação) (BECHARA, 2009, p.93).

Tal classe pode ser dividida em: nomes próprios e comuns e estes, por sua vez, em concretos e abstratos. A referência por meio deles realizada propicia a construção da visão de mundo.

Perini postula que os limites entre as classes gramaticais nem sempre são claros e bem definidos, afirmando que “a linguística também tem seus ornitorrincos” (PERINI, 2000, p.40). Tal comparação se deve ao fato de que esse animal apresenta características de categorias distintas (de mamíferos e de répteis), dificultando sua classificação. Isso assemelha-se, principalmente, aos substantivos e adjetivos quanto à sua classificação. A fim de ilustrar a comparação, o autor apresenta uma série de exemplos em que a definição da gramática tradicional, que caracteriza os substantivos como ‘nome de coisas’ e os adjetivos como ‘qualidades’, é incapaz de delimitar essas duas classes, propondo a junção dessas duas classes em uma classe única denominada de ‘nominais’ (PERINI, 2000, p.45).

Um aspecto que ratifica essa nuance entre as duas classes repousa no fato de que os substantivos não se limitam à operação de identificação, mas inserem-se também na qualificação. Monnerat afirma que:

[...] os nomes não nomeiam apenas. Podem ultrapassar sua simples função de nomeação e sugerir significações outras, relacionadas às atitudes, comportamentos e aparências dos nomeados, significações essas muitas vezes inferíveis do contexto e (sub-repticiamente) passíveis de demonstrar o ponto de vista pessoal do sujeito

enunciador, podendo-se, portanto, qualificar também por meio de substantivos, já que qualificar um ser ou objeto é apresentar um julgamento sobre ele (MONNERAT, 2009, p.8).

Sendo assim, o substantivo integra o processo de identificação ao construir referências (como núcleo do sintagma nominal) que, como diz Azeredo, “remetem para conhecimentos integrantes de nossa conceptualização de mundo” (AZEREDO, 2009, p.237); mas integra também a qualificação. O título ‘o Legendário’, por exemplo, atribuído ao Marechal Osório e citado na alocução da Cavalaria de 2013 possui autonomia referencial e, ao mesmo tempo, agrega em sua carga semântica uma série de qualificações ao patrono.

O adjetivo, por sua vez, partindo da definição apresentada por Bechara,

[...] é a classe de lexema que se caracteriza por constituir a delimitação, isto é, por caracterizar as possibilidades designativas do substantivo, orientando delimitativamente a referência a uma parte ou a um aspecto do denotado. (2009, p.121)

Vários autores, ao tratar dos adjetivos, propõem uma distinção, que basicamente os fragmentaria em dois grupos, com base em aspectos semânticos.

Kerbrat-Orecchioni (1980, p.110), por exemplo, divide os adjetivos em duas categorias: os objetivos e os subjetivos. Na primeira categoria, a autora inclui as cores, que podem ser mais facilmente constatáveis. Assim como as cores, integram essa categoria, outros adjetivos que reflitam a imparcialidade e, portanto, cooperem na construção de um discurso objetivo. Sobre a segunda categoria, entretanto, é que a autora dispensa uma maior consideração, subdividindo-a em afetivos e avaliativos.

Os adjetivos afetivos são definidos como os que “enunciam, ao mesmo tempo uma propriedade do objeto a que determinam e uma reação emocional do sujeito falante frente a esse objeto”<sup>20</sup> (KERBRAT-ORECCHIONI, 1980, p.111, tradução nossa). A subjetividade desse grupo se deve ao fato de incluírem o sujeito comunicante/enunciador no enunciado, por exporem suas impressões e sentimentos em relação ao objeto tratado.

Relativamente aos adjetivos avaliativos, Kerbrat-Orecchioni sugere seu desmembramento em não axiológicos e axiológicos. No tocante aos não axiológicos, a definição que a autora propõe é a de uma classe que

---

<sup>20</sup> “enuncian, al mismo tiempo que una propiedad del objeto al que determinan, una reacción emocional del sujeto hablante frente a esse objeto.”

[...] comprende a todos os adjetivos, que sem enunciar um juízo de valor nem um compromisso afetivo do locutor (ao menos com respeito a sua estrita definição léxica: no contexto podem naturalmente revestir-se afetiva ou axiológicamente), implicam uma avaliação qualitativa ou quantitativa do objeto denotado pelo substantivo a que determinam [...]<sup>21</sup> (KERBRAT-ORECCHIONI, 1980, p.113, tradução nossa).

Segunda a autora, os adjetivos avaliativos axiológicos atribuem ao substantivo um juízo de valor e marcam o posicionamento do sujeito comunicante/enunciador em relação ao objeto. Por meio do adjetivo escolhido, é possível determinar se o locutor é favorável ou contrário a determinado tema, assim refletindo suas crenças e ideologias.

Ainda a respeito da classificação dos adjetivos, Carneiro (1992) propõe uma classificação em três grupos: qualificações, informações e caracterizações. O primeiro grupo, o das qualificações, engloba os adjetivos que expressam a opinião do sujeito comunicante/ enunciador, sendo, portanto, marcado pela subjetividade. No grupo dos adjetivos de informações, encontram-se os que expressam um conhecimento do sujeito comunicante/ enunciador. E no grupo das caracterizações, situam-se os adjetivos que também expressam um conhecimento do sujeito comunicante/enunciador, mas um conhecimento baseado em dados obtidos do próprio objeto ou ser à que o adjetivo se refere. Para Charaudeau, “esse tipo consiste em descrever uma pessoa ou um objeto por uma qualidade que o caracteriza em próprio, de maneira circunstancial, ou de maneira externa” (CHARAUDEAU,1992, p.343).

Charaudeau (1992), ao tratar dos adjetivos, propõe sua divisão em dois grupos: os adjetivos qualificativos e os determinantes. Ao expor sobre a qualificação, esse autor postula a existência de três modos de visão: a objetiva, a subjetiva e a objetiva relativa. A visão objetiva caracteriza-se por uma percepção física de determinado objeto, assemelhando-se à classificação de adjetivos objetivos de Kerbart-Orecchioni. Adjetivos relacionados à forma e à cor de um objeto inserem-se nessa categoria. A visão subjetiva, por sua vez, reflete um juízo de valor, quer seja de caráter positivo quer negativo. Nota-se um predomínio dessa visão nas alocações.

---

<sup>21</sup> “[...] comprende a todos los adjetivos que, sin enunciar un juicio de valor ni un compromiso afectivo del locutor (al menos con respecto a su estricta definición léxica: en el contexto pueden naturalmente colorear-se afectiva o axiológicamente), implican una evaluación cualitativa o cuantitativa del objeto denotado por el sustantivo al que determinan [...]”

Os diferentes autores citados possuem visão semelhante com relação aos adjetivos, propondo uma diferenciação mínima entre objetivos e subjetivos, em face do efeito que eles despertam, classificação essa que será adotada na presente pesquisa. Em um *corpus* no qual a subjetividade está presente, o emprego de adjetivos é uma das maneiras pelas quais tal subjetividade é manifesta. Conforme afirma Koch, “A atitude subjetiva do locutor em face de seu enunciado pode traduzir-se também numa avaliação ou valoração dos fatos, estados ou qualidades atribuídas a um referente” (KOCH, 2012, p.53).

Na alocução do Quadro Complementar de Oficiais do ano de 2012, ao descrever Quitéria, o sujeito comunicante/enunciador menciona que sua condecoração ocorreu por “seus feitos heroicos” (AMAN, 2012, p.8). O substantivo ‘feitos’ já possui uma valoração positiva, mas ao ser associado ao adjetivo ‘heroicos’, tal valoração é acentuada.

Importante mencionar a relação entre a posição do adjetivo na língua portuguesa e a subjetividade. Há mudança na significação decorrente da anteposição ou da posposição do adjetivo. No uso comum, o adjetivo é posposto. A escolha por sua anteposição confere maior subjetividade. Assim, empregar “homem grande” ou “mulher grande” diz respeito ao uso mais objetivo relacionado ao tamanho ou estatura da pessoa, enquanto que a anteposição do adjetivo em “grande homem” ou em “grande mulher” expressa alguém de destaque e valor, refletindo a subjetividade.

Em síntese, as alocuções caracterizam-se como enunciados marcados pela subjetividade, fruto de uma escolha lexical que reflete o juízo de valor do enunciador. Por meio do processo de transformação, as operações de identificação, qualificação, ação e causação são realizadas com a visada de obtenção da adesão de seu público alvo. A argumentação se fundamenta na apresentação valorativa das Armas e dos patronos, por meio de escolha lexical criteriosa, que traz consigo as representações sociais da instituição. Os valores que circulam e são difundidos no âmbito da AMAN e do Exército materializam-se no enunciado mediante a escolha lexical. Assim, é possível perceber a construção de uma identidade, a identidade almejada do ‘aqui dentro’.

## 5 ANÁLISE

Nas solenidades militares, como as formaturas, em que há um cerimonial estabelecido em manual, determinou-se que, em datas significativas, haja a leitura de uma alocução referente à data festiva. Na AMAN, tais alocuções são produzidas e lidas por seus discentes.

Para cada aniversário de uma Arma, um Quadro ou um Serviço do Exército Brasileiro, é realizado um concurso interno para a produção de uma alocução, conduzido pela Cadeira de Português da AMAN. No Plano Geral de Ensino, documento que rege todas as atividades escolares dessa instituição de ensino, fica estabelecido o Curso que participará do concurso. Também nesse documento, estão relacionados os parâmetros para a realização do referido texto. Cabe à Cadeira de Português selecionar a alocução vencedora, propor eventuais correções e preparar o cadete para realizar a leitura durante a solenidade.

O *corpus* da pesquisa engloba um total de dez alocuções, produzidas nos anos de 2012 e 2013, para as Armas de Infantaria, Cavalaria, Artilharia, do Quadro Complementar de Oficiais e do Serviço de Saúde. Serão realizadas considerações sobre essas alocuções, que podem ser encontradas, na íntegra, no Anexo A. Nesta análise, tomar-se-á, por base, os pressupostos teóricos já apresentados, ressaltando que a pesquisa é realizada sobre o ‘aqui dentro’, sob a ótica “de dentro”.

No *corpus* analisado, os textos produzidos pelos cadetes são considerados como gênero textual alocução. Optou-se por apenas inserir tais produções como gênero textual alocução, e não em desmembrá-las num subgênero alocução militar. A razão se deve ao fato de que não há a pretensão de generalizar as características dos textos que compõem o *corpus* e julgar que essas características sejam comuns a todas as alocuções produzidas nas três Forças (Marinha, Exército e Força Aérea) e nas Forças auxiliares. Mesmo se fossem consideradas apenas as alocuções produzidas pelo EB, seria uma classificação desprovida de embasamento necessário para tal afirmação, visto que, nesta pesquisa, temos acesso apenas a uma amostra de um *corpus* bastante delimitado. Para propor tal classificação, seria necessário elencar quais seriam as semelhanças e distinções entre as produções de alocuções entre militares e civis, observando uma variedade muito grande de *corpora*. Em virtude do exposto acima, os textos componentes do *corpus* desta

análise foram tratados como o gênero textual alocução.

Como os gêneros proporcionam meios para que a comunicação ocorra de forma adequada, pode-se dizer que a ‘competência genérica’ (MAINGUENEAU, 2001, p.64) é um dos fatores que asseguram a seleção de determinada alocução como vencedora e propiciam uma interação apropriada entre os sujeitos envolvidos no projeto de comunicação dessas alocuções.

Bakhtin (2010, p.282) divide os gêneros em dois grandes grupos: os primários ou simples e os gêneros secundários ou complexos, conforme exposto na parte teórica. As alocuções que compõem o *corpus* se inserem nos gêneros secundários, por serem produções mais elaboradas e predominantemente escritas.

Segundo a denominação de Maingueneau (2001), que também apresenta uma divisão em dois grupos, nos quais estão os gêneros conversacionais e os gêneros instituídos, as alocuções inserem-se no segundo grupo por serem textos mais elaborados e que apresentam uma estabilidade institucional.

Conforme nomenclatura proposta por Marcuschi, no que concerne à tipologia textual, o *corpus* é formado por textos tipologicamente variados. Serão citados trechos de quatro alocuções diferentes que ilustram tal fato. Na alocução referente à Infantaria, o tipo textual exposição é encontrado no trecho: “Arma-base por excelência, incluída no sistema manobra, a Infantaria é preparada para operar em qualquer tipo de terreno e sob quaisquer condições de tempo” (AMAN, 2013, p.1); mas também há trechos nos quais se encontra a injunção, em: “Infantes, orgulhem-nos dos feitos heroicos daqueles que tanto enobreceram o nome da Infantaria brasileira. Tenhamos a certeza de que, em qualquer ponto do território nacional, por mais longínquo que seja, haverá sempre um infante disposto a lutar.” (AMAN, 2013, p.1); e também a narração, conforme: Nascido em Tamboril, interior do Estado do Ceará, em 24 de maio de 1810, Sampaio sentou praça no 22º Batalhão de Caçadores, em 1830.

Na alocução da Artilharia, a mesma tipologia textual variada pode ser observada. Observa-se a exposição em:

O objetivo da Artilharia, em combate, consiste no apoio de fogo às armas-base e, também, na defesa antiaérea. Para o cumprimento dessas missões, a Arma se divide em três tipos básicos: de costa, antiaérea e de campanha. Ela se caracteriza pelo emprego de materiais autopropulsados e autorrebocados de grande calibre, além de sofisticados sistemas antiaéreos (AMAN, 2013, p.3).

A narração, por sua vez, pode ser vista na referida alocução em: “Assentou praça em 13 de novembro de 1822, como cadete, após ser convidado pelo Imperador Dom Pedro I. Optou pela artilharia, para realizar sua caminhada profissional (AMAN, 2013, p.3).

Na alocução do Quadro Complementar de Oficiais, nota-se a narração em: “Ela nasceu, em 1797, na cidade de São José de Itaporocas, na Bahia. Em 1822, contrariando a vontade de seu pai, fugiu de casa, alistou-se na Junta Conciliadora de Defesa,” (AMAN, 2013, p.8); e a injunção em: “Continuem a honrar o nome de Maria Quitéria” (AMAN, 2013, p.8); entre outros.

No trecho, a seguir, da alocução do Serviço de Saúde, nota-se a descrição em :

Composto por uma estrutura bastante complexa, o Serviço de Saúde conta com 545 seções de saúde distribuídas pelas organizações militares, 23 postos médicos de guarnição, 4 policlínicas, 15 hospitais de guarnição e o Hospital Central do Exército. Somam-se, ainda, a este complexo, o Instituto de Biologia do Exército e o Laboratório Químico e Farmacêutico do Exército (AMAN, 2012, p.10).

E a narração em:

Nascido em 27 de maio de 1836, na antiga cidade de Alagoas, atual Marechal Deodoro, no Estado de Alagoas, inicialmente optou pela carreira médica e, só depois de formado, ingressou no Exército Imperial, em 29 de janeiro de 1862, como segundo-tenente (AMAN, 2012, p.10).

Tais exemplos extraídos das alocuções da Infantaria, da Artilharia, do Quadro Complementar e do Serviço de Saúde confirmam o postulado de Marcuschi de que comumente os textos são heterogêneos quanto à tipologia e, também comprovam o ponto de vista de Charaudeau de que “um mesmo gênero pode resultar de um ou vários modos de organização de discurso [...]” (2014, p.68).

Ainda relacionado às noções de gênero e tipo textual, há o termo ‘domínio discursivo’, apresentado por Marcuschi (2008, p.196) e que se refere à esfera de atividade social ou institucional em que determinado texto é produzido. Cada domínio discursivo rege suas práticas sociais e os gêneros que surgem a partir de tais práticas. Esse autor lista alguns gêneros dentro do domínio discursivo militar, tanto na modalidade escrita quanto na oral. Com base no quadro elaborado por Marcuschi, foi proposto um quadro ampliado, no qual foi inserido o gênero alocução, componente do *corpus* desta pesquisa.

Quadro 04 – Gêneros textuais por domínios discursivos e modalidades II:

Domínio discursivo	MODALIDADES DE USO DA LÍNGUA	
	Escrita	Oralidade
Militar	Ordem de operação, ordem do dia, ordem de serviço, DIEx, roteiro de cerimônia oficial, roteiro de formatura, boletim, ofício, <b>alocução</b> , referência elogiosa, manual, relatório, artigo científico.	Brados, comandos, canções, ordem do dia, aula, instrução, palestra, <i>briefing</i> , <b>alocução</b> , agradecimento.

Fonte: Marcuschi, 2008, p.196 (Adaptado pelo autor)

Percebe-se que o gênero textual alocução insere-se tanto na modalidade escrita quanto na oral, em virtude dos dois momentos de apresentação do referido texto. No primeiro momento, ou seja, durante o concurso, a alocução é apresentada ao seu destinatário na forma escrita. Em seu segundo momento, durante a solenidade militar, a alocução é recebida oralmente.

Outro aspecto mencionado na parte teórica é a distinção dos termos cena englobante, cena genérica e cenografia, propostos por Maingueneau (2001). A cena englobante assemelha-se ao que foi tratado por Marcuschi como domínio discursivo. É possível perceber, ao ler ou ouvir determinado texto, a que cena englobante tal discurso pertence. Essa cena está relacionada a um grupo social e a uma época. Com relação ao *corpus*, a cena englobante é o discurso militar. A cena genérica, por sua vez, assemelha-se à noção de gênero de discurso e estabelece os papéis que os sujeitos do discurso desempenharão. No *corpus* desta pesquisa, a cena genérica é a alocução, na qual o sujeito comunicante dirige-se à tropa a fim de enaltecer a figura do patrono e as atividades desempenhadas por determinada Arma. Quanto à cenografia, três fatores estão intimamente envolvidos e nortearão a cenografia a ser adotada: os interlocutores, o momento e o lugar de um determinado enunciado. Ao elaborar sua alocução, o cadete precisa levar em conta esses três fatores que são, respectivamente, a tropa em forma, o aniversário da Arma e a Formatura militar.

Charaudeau (2010a) apoia a noção de gênero em três níveis: o nível do contrato global de comunicação, que orienta os sujeitos de um ato a partir dos dados situacionais; o nível discursivo, que considera os modos de organização do discurso;



e o nível das formas textuais, que concerne às marcas linguísticas e suas recorrências. Esses três níveis, que são interdependentes, manifestam-se nas alocuções. Primeiro, o contrato determina o gênero a ser empregado. O Plano Geral de Ensino (PGE) estabelece o gênero esperado, e a participação em solenidades militares propicia a competência para reconhecer as características desse gênero. Segundo, a argumentação e a visada do projeto são obtidas mediante a adoção de modos de organização, dos quais, os predominantes são a narração e a descrição. As formas textuais apontam para um discurso subjetivo que reflete o ponto de vista do grupo social. E, por fim, as marcas linguísticas são caracterizadas pela escolha de signos, dotados de significação particular, recorrentes no enunciado das alocuções e que refletem os saberes de senso comum do grupo social.

No que se refere ao contrato de comunicação, as alocuções lidas nas formaturas militares caracterizam-se por uma situação monolocutiva, em que não há troca ou em que a mesma é postergada, pois não há alternância nos papéis dos sujeitos envolvidos no projeto de comunicação. Nas formaturas da AMAN, a tropa segue os comandos dados mediante toque de corneta e não lhe é dado o direito à palavra, durante a leitura da alocução.

Conforme a exposição apresentada na parte teórica, há dois tipos de contrato de comunicação no meio militar: entre pares (indivíduos de mesmo posto ou graduação) e de subordinação. Nas alocuções, a situação de comunicação mostra a presença de diferentes postos e graduações, caracterizando-se, então, como um contrato de subordinação.

A fim de definir o tipo de contrato de comunicação, é preciso levar em consideração os sujeitos envolvidos. No contrato das alocuções ora analisadas, percebe-se o desdobramento desses sujeitos. O sujeito comunicante, ser social, é o cadete, discente da AMAN. De acordo com seu posto, o sujeito comunicante não teria o direito à fala durante a solenidade, visto que apenas o comandante ou outro militar mais antigo presente têm essa prerrogativa. Isso remete à citação de Charaudeau (2009, p.4) de que “a identidade social tem como particularidade a necessidade de ser reconhecida pelos outros. Ela é o que confere ao sujeito seu ‘direito à palavra’”. Entende-se, portanto, que nesse contrato de comunicação das formaturas, a identidade social de cadete não lhe conferiria tal direito.

Mesmo que o cadete, ser social, tivesse direito à palavra, seguindo as regras do contrato de comunicação, ou seja, as regras do contrato de subordinação, no

qual há indivíduos de graus hierárquicos diferentes, ele deveria endereçar-se aos sujeitos interpretantes, militares de diversos postos que integram a tropa que está em forma, por 'senhores', pelo fato de que há militares de postos superiores ao seu no local. Entretanto, nota-se que, nas alocações, ao endereçar-se ao sujeito interpretante, isso não acontece. Nas alocações da Artilharia e do Quadro Complementar, por exemplo, lê-se:

Artilheiros, seguindo o exemplo de nosso patrono, estaremos reacendendo em nosso peito a vibração e o entusiasmo. Perpetuando os valores de Mallet, estaremos sempre engrandecendo o valor da poderosa artilharia para o Exército Brasileiro, pois continua, como no passado, a ter papel fundamental nos campos de batalha (AMAN, 2012, p.3).

E:

Integrantes do Quadro Complementar de Oficiais, parabéns pelo seu dia. Inspirados no espírito de luta de Maria Quitéria, tenham sempre a certeza de que o trabalho que desempenham é primordial para que o Exército continue a trilhar pelo seu caminho de luta e de glória. (AMAN, 2012, p.9)

No primeiro trecho, o sujeito comunicante/enunciador opta pelo emprego da primeira pessoa do plural, colocando-se no mesmo nível que o sujeito destinatário/interpretante. Na alocação do Quadro Complementar, por sua vez, emprega-se a expressão 'tenham sempre', mostrando um discurso de autoridade do sujeito comunicante/enunciador.

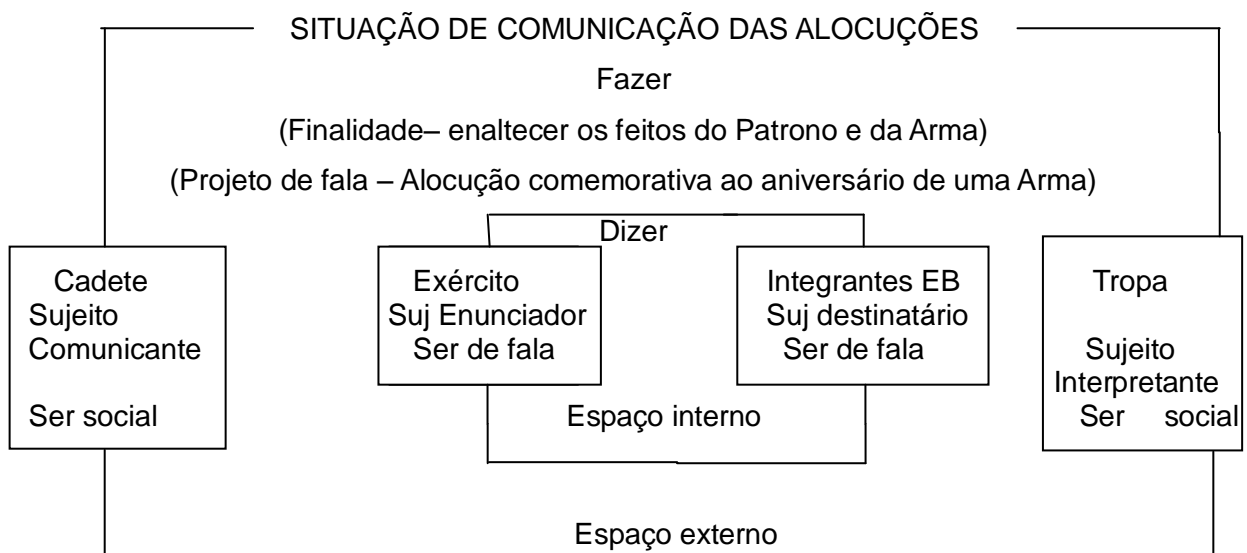
Tal atitude do sujeito comunicante/enunciador é esclarecida no espaço interno. Ao observar esse espaço do projeto de fala das alocações, percebe-se a identidade discursiva desse ser psicossocial. O sujeito comunicante é o cadete, ser social, que se desdobra em sujeito enunciador, ser de fala. Esse sujeito enunciador, pela legitimidade que lhe foi conferida ao ser vencedor de concurso interno, assume a posição de porta-voz da instituição. Assim, ao conquistar a legitimidade por reconhecimento, o sujeito enunciador assume o papel de representante do Exército e, por meio de estratégias, buscará atingir a finalidade de seu projeto de fala. Sua intenção é de ser porta-voz da instituição a que pertence. O sujeito discursivo, portanto, é o próprio Exército.

Em virtude desse desdobramento, o contrato de comunicação, que, *a priori*, seria de subordinação, partindo de alguém de posto inferior que se dirige a outro de posto superior, inverte-se e passa a ser um discurso de autoridade, por ser a voz da

instituição. Assim, embora o contrato ainda seja de subordinação, fica evidenciado que ele parte de alguém superior, ou seja, o EB. Isso é semelhante ao que ocorre com o Porta-Bandeira, por exemplo. O Porta-Bandeira é o oficial ou aspirante-a-oficial mais moderno da OM, conforme prescreve o Vade-Mécum 04 de Cerimonial Militar do Exército (EXÉRCITO, 2006). Entretanto, não é o posto do militar que está em questão na solenidade militar, mas sim, a Bandeira Nacional. As alocações seguem este modelo, em que o cadete é apenas o porta-voz.

Com base no quadro proposto por Charaudeau (2014, p.52) e adaptando-o ao contrato de comunicação ora analisado, percebe-se o seguinte esquema:

Quadro 06:



Fonte: CHARAUDEAU (2014, p.77) ( Adaptado pelo autor)

Em face do exposto, entende-se como os sujeitos envolvidos no projeto das alocações exercem um papel definidor do tipo de contrato de comunicação, não apenas os do espaço externo, mas também os do interno.

Na medida em que assume a posição de porta-voz da instituição, verifica-se nas alocações que ora são analisadas, uma atitude de engajamento do sujeito enunciador.

Charaudeau (2005, p.14) postula que a semiotização ocorre mediante um duplo processo: de transformação e de transação. O processo de transformação, que diz respeito à forma como o mundo a significar é transformado em mundo significado, ocorre por meio de quatro operações: identificação, qualificação, ação e causação. A seleção lexical (marcas linguísticas) nas alocações mostra a posição

discursiva assumida e confirma a posição de Bakhtin (2010) de que não há neutralidade ou grau zero nos enunciados.

Ao expor sobre o processo de transformação, um trecho da alocução da Infantaria foi destacado. Esse trecho, retomado a seguir, descreve como Sampaio, patrono da Infantaria, atuou. Por meio da qualificação valorativa, uma imagem desse patrono pode ser construída, conforme:

Essa natureza combativa do infante, **aguerrido e abnegado**, espelha a figura do patrono da Infantaria, o Brigadeiro Antônio de Sampaio.

Nascido em Tamboril, interior do Estado do Ceará, em 24 de maio de 1810, Sampaio sentou praça no 22º Batalhão de Caçadores, em 1830. **Galgou por mérito todos os postos de sua brilhante carreira militar** e, por sua **tenacidade, inteligência e bravura, atuou decisivamente** em várias batalhas em prol da manutenção da integridade territorial brasileira, tais como Cabanagem, Balaiada, Farroupilha, Revolta Praieira, Guerra contra Oribe e Rosas e Guerra da Tríplice Aliança, onde comandou a histórica Divisão Encouraçada. Nessa sua última empreitada, em plena Batalha de Tuiuti, em 1866, o **bravo guerreiro e inconteste líder militar** sofreu três ferimentos de bala. Após combater **até o limite de suas forças**, Sampaio veio a falecer a bordo do vapor hospital Eponina, em 24 de maio. (AMAN, p.1, 2013, grifo nosso)

No que concerne à seleção lexical, fazendo uma apropriação apenas dos trechos grifados, percebe-se que essa seleção permite a construção do perfil de um militar ideal: aguerrido, abnegado, líder, bravo guerreiro, tenaz, inteligente e que combate até o limite de suas forças, enfim, um exemplo a ser seguido. O patrono Sampaio é apresentado por meio dos atributos listados e destaca-se, ainda, o signo líder, que lhe é atribuído. Esse signo é acrescido por inconteste e militar, revelando o posicionamento do produtor do texto e seu ponto de vista (FERES, 2012, p.131). Esse ponto de vista valorativo, na qualificação, permeia as alocuções. Retornando ao trecho citado, pode ser destacada, também, a seguinte expressão: “bravo guerreiro”, junção na qual um dos signos, bravo, parece já estar inserido e implícito na noção de guerreiro, mas sua menção reflete um reforço na valoração do signo “guerreiro”. Percebe-se que o sujeito comunicante opta por não empregar o adjetivo, em seu uso comum, posposto, o que lhe conferiria a ideia de alguém agressivo, irado. A anteposição do adjetivo “bravo”, posição que propicia maior subjetividade ao adjetivo, lhe confere um sentido diferente, de alguém que não teme o perigo, valente.

A anteposição do adjetivo pode ser observada em outras alocuções do

*corpus*, podendo ser destacado o seguinte trecho como exemplo:

Em Tuiuti, a previsão e a criatividade desse chefe militar asseguraram a **importante vitória** de nosso Exército. O **profundo fosso** que Mallet fez construir para proteção de suas peças constituiu-se em **eficiente obstáculo** que impediu o avanço da tropa inimiga (AMAN, 2012, p.3, grifo nosso).

Ao optar pela anteposição do adjetivo, o sujeito comunicante/enunciador confere um maior destaque aos substantivos empregados (vitória, fosso e obstáculo). Ao dizer, por exemplo, ‘importante vitória’ em vez de ‘vitória importante’, uma ênfase é dada ao signo ‘vitória’, elevando seu valor.

Nessa citação, nota-se, ainda, um discurso subjetivo no qual o enunciador “se confessa explicitamente ou se reconhece implicitamente como a fonte avaliativa da afirmação” (KERBRAT-ORECCHIONI, 1980, p.93). Ao usar dêiticos como “nosso”, fica evidente que o sujeito comunicante/enunciador é um integrante do Exército, fato que se repete em quase todas as demais alocações do *corpus*.

Retomando a qualificação da carreira militar de Sampaio e a citação da Infantaria da página 98, emprega-se o adjetivo ‘brilhante’ em ‘brilhante carreira’, de valor positivo e alto índice de subjetividade, que, novamente, mostra o ponto de vista do produtor do texto, remetendo ao que diz Hunt: “os códigos linguísticos não refletem a realidade de maneira neutra; eles interpretam, organizam e classificam os objetos do discurso. Eles corporificam teorias de como o mundo está organizado: visões de mundo ou ideologias.” (HUNT *apud* FERES, 2012, p.144).

Um novo olhar para os signos empregados para descrever Sampaio (conforme citação anterior) e os demais patronos revela uma escolha por unidades lexicais que apresentam alto índice de subjetividade, conforme propõe Kerbrat-Orecchioni (1980), subjetividade que aponta para o enunciador em seu discurso e possibilita a percepção da visão de mundo, crenças e valores desse sujeito comunicante/enunciador. Ainda para ilustrar o emprego de signos com alto índice de subjetividade, pode-se citar o trecho:

Teve destacada ação na Batalha de Tuiuti, quando impediu a passagem de uma numerosa tropa inimiga, utilizando um grande fosso como obstáculo. Tal fato entrou para história militar brasileira, juntamente com a frase dita antes da batalha: “Eles que venham, por aqui não passam”. Mallet foi promovido a Marechal de Exército em 15 de julho de 1885 e faleceu em 02 de janeiro de 1886 (AMAN, 2013, p.3).

Ao descrever a ação do patrono Mallet, a unidade empregada é ‘destacada’,

que se reveste de subjetividade, conforme postula Kerbrat-Orecchioni. Uma progressão se desenvolverá, então, para explicar e argumentar o porquê de tal ação ser considerada destacada. São narradas, então, algumas atitudes por ele adotadas que justifiquem o emprego do termo ‘destacada’.

Nesse processo de transformação, a construção valorativa não se restringe às operações de identificação e qualificação. Na operação de ‘ação’, nota-se o emprego de verbos que colaboram na descrição de uma carreira que valoriza o esforço e o empenho. Nas alocações da Infantaria de 2012 e de 2013, emprega-se o verbo ‘galgar’, conforme: “a partir de então, resultado de sua elevada capacidade profissional e de seu espírito aguerrido, galgou, por merecimento, os postos de uma carreira integralmente dedicada à Força Terrestre” (AMAN, 2012, p.1) e “Galgou por mérito todos os postos de sua brilhante carreira militar” (AMAN, 2013, p.1). Esse verbo traz consigo a noção de esforço, mostrando que houve atitudes do patrono que o levaram a atingir os vários postos da carreira. Tal esforço se deu ‘por mérito’, conforme descrição das alocações, ou seja, ressaltando a legitimidade da obtenção, que implica postura e atitudes notórias. Enfim, as escolhas lexicais revelam ideologias da instituição da qual o sujeito comunicante/enunciador faz parte.

Na alocação da Cavalaria, os verbos empregados também ressaltam a subjetividade e revelam o ponto de vista do sujeito comunicante/enunciador:

**Consagrou-se** na Guerra da Tríplice Aliança, inicialmente como Comandante em chefe das Forças de Terra, **comandando** o III Corpo de Exército e, na fase final, o I Exército. **Sobressaiu-se**, particularmente, nas batalhas de Passo da Pátria e em Tuiuti, o maior embate campal da América do Sul. (AMAN, 2012, p.2, grifo nosso)

Nota-se que os verbos ‘consagrar’, ‘sobressair’ e ‘comandar’, empregados no trecho citado, demonstram atitudes de destaque e são eficazes quanto à visada do projeto das alocações de enaltecer a figura do patrono.

Ainda com relação ao processo de transformação, no trecho que trata do patrono do Quadro Complementar de Oficiais, lê-se:

Espantado com **tamanho heroísmo** e **amor à Pátria**, Dom Pedro I incorporou Maria Quitéria ao Batalhão dos Voluntários da Pátria, tornando-a a primeira mulher a sentar praça em uma unidade militar. Nos anos seguintes, ela participou de vários combates, sendo **merecedora de condecorações** (AMAN, 2013, p.8, grifo nosso).

Novamente, as escolhas lexicais conduzem à construção valorativa do patrono. Ao retratar a figura de Quitéria, a expressão utilizada é ‘tamanho heroísmo’.

O signo heroísmo traz em si, um alto valor positivo. Mesmo assim, esse valor é acentuado ao ser combinado com 'tamanho'. Outros vocábulos colaboram, ainda, com esse ponto de vista, dos quais se destacam: 'amor à Pátria' e 'merecedora'.

Segundo Charaudeau, o processo de transformação é regido pelo de transação. Este, por sua vez, baseia-se em quatro princípios: alteridade, influência, regulação e pertinência.

No projeto de comunicação das alocuções, o princípio de alteridade, que estabelece que no ato de linguagem os sujeitos precisam reconhecer-se mutuamente, conferindo legitimidade um ao outro em uma dada interação, é percebido no momento em que o oficial responsável pela condução do cerimonial da formatura menciona o fato de o cadete ter tido seu trabalho selecionado pela Cadeira de Português. Após a leitura, o cadete recebe os cumprimentos do comandante e é premiado pelo oficial mais antigo da Arma que aniversaria. Tais atitudes mostram quem é o cadete para estar fazendo uso da palavra durante a formatura. A alteridade é satisfeita mediante a legitimidade por reconhecimento, ou seja, pela seleção feita mediante concurso.

O princípio de influência está ligado à visada do sujeito comunicante, ou seja, à intencionalidade de seu ato e ao resultado que ele deseja alcançar. Os exemplos extraídos das alocuções a respeito do processo de transformação satisfazem esse princípio na medida em que fornecem argumentos mediante uma narrativa que demonstra como a dedicação dos patronos os levou a serem figuras de destaque no cenário nacional. A descrição subjetiva valorativa também corrobora com argumentos para que o sujeito destinatário/interpretante se identifique com a figura apresentada e o princípio de influência seja alcançado. Do Marechal Sampaio, por exemplo, é dito que “desde cedo já revelava aptidão pela carreira das armas” e suas conquistas na carreira são fruto de “sua elevada capacidade profissional e de seu espírito aguerrido” (AMAN, 2012, p.1). Ao descrever os feitos de Mallet, por sua vez, diz-se que “a previsão e a criatividade desse chefe militar asseguraram a importante vitória” do Exército (AMAN, 2012, p.3). Tais exemplos confirmam o peso exercido pela descrição subjetiva valorativa na obtenção do princípio de influência.

Ainda em relação a isso, as alocuções do *corpus* apresentam uma saudação final, dirigida aos integrantes da arma, quadro ou serviço que homenageia. Neste momento, há um novo direcionamento da alocução. Embora as alocuções sejam dirigidas a todos os presentes na solenidade militar, em seu último parágrafo, na

saudação final, o endereçamento é feito particularmente aos integrantes da Arma, numa conclamação a uma tomada de posição. Na alocução referente ao dia da Infantaria, lê-se: “Infantes, orgulhemo-nos dos feitos heroicos daqueles que tanto enobreceram o nome da Infantaria brasileira. Tenhamos a certeza de que, em qualquer ponto do território nacional, por mais longínquo que seja, haverá sempre um infante disposto a lutar.” (AMAN, 2013, p.1) Mediante a adesão dos presentes, mais particularmente dos infantes, as tradições dessa arma poderão ser mantidas. A última frase “haverá sempre um infante disposto a lutar” depende do engajamento desses infantes para se perpetuar. Por meio do discurso, o sujeito produtor busca satisfazer o princípio de influência e, assim, obter tal engajamento.

No princípio de regulação, o objetivo é que o projeto de comunicação seja mantido e que sejam evitados rupturas ou confrontos. O sujeito comunicante/enunciador, então, fará uso de estratégias que garantam uma intercompreensão mínima de forma que a interação seja eficaz.

A fim de atingir essa intercompreensão, definida por Charaudeau (1994, p.8) como um ponto comum entre o sentido de discurso do sujeito comunicante e o do sujeito interpretante, por não haver coincidência total entre a construção desses dois sujeitos, em virtude das diferenças entre seus saberes, cabe ao sujeito comunicante/enunciador propiciar uma base referencial para seus sujeitos destinatários/interpretantes. Ressalta-se que, nas formaturas, há militares de postos e graduações que variam de soldado até general. Isso, por si só, evidencia diferentes saberes de conhecimentos e crenças, em virtude das mais variadas experiências de cada um desses sujeitos. Juntem-se a isto, as diferenças de Armas, de faixa etária, de escolaridade etc. O locutor precisa, portanto, respeitar esse princípio de regulação de forma que todos tenham um grau de recuperação ou intercompreensão mínimo. Assim, nas alocuções, o sujeito comunicante/enunciador explica o papel da Arma. Como exemplos, podem ser citados trechos das alocuções da Infantaria e da Cavalaria:

Arma-base por excelência, incluída no sistema manobra, a Infantaria é preparada para operar em qualquer tipo de terreno e sob quaisquer condições de tempo. Para tanto, e com o objetivo de bem cumprir suas missões nos mais diversos ambientes operacionais, tais como o urbano, o de selva, o de caatinga, o de pantanal e o de montanha, a Rainha das Armas se divide em suas várias especialidades: Blindada, Motorizada, Paraquedista, Aeromóvel, Leve, de Selva e de Polícia do Exército (AMAN, 2013, p.1).



E:

Nas guerras modernas, a Cavalaria é empregada na vanguarda, realizando reconhecimento do inimigo e do teatro de operações. Além disso, participa de ações ofensivas e defensivas, aproveitando com eficácia suas características básicas: mobilidade, potência de fogo, ação de choque e proteção blindada. Na sua organização, encontramos elementos que podem ser blindados, mecanizados e de guardas (AMAN, 2013, p.2).

As informações prestadas nesses trechos podem ser de todo ou, em parte conhecidas, ou até mesmo, totalmente desconhecidas, mas ao estruturar sua alocação e fornecer uma base de conhecimento aos sujeitos destinatários/interpretantes, o sujeito comunicante/enunciador lida com o princípio da regulação e concede ferramentas para que o sentido de discurso atinja um grau de recuperação maior. O mesmo ocorre nas demais alocações do *corpus*, do qual foi extraído mais um exemplo:

A Arma de Artilharia é o principal vetor do sistema operacional Apoio de Fogo do Exército e tem por missão apoiar as armas-base com seus canhões, obuseiros, mísseis e foguetes, destruindo ou neutralizando os alvos que ameacem o êxito das operações (AMAN, 2012, p.3).

O princípio de pertinência, por sua vez, ampara-se na finalidade e na situação de comunicação. Manter-se voltado a esse princípio tornará o projeto de comunicação apropriado. Retomando o quadro 06, da página 97, nota-se que a finalidade das alocações é enaltecer os feitos do Patrono e da Arma que aniversaria. Para atingir essa finalidade que se integra à situação de comunicação, percebe-se que o sujeito comunicante/enunciador faz uso do processo de transformação, descrito anteriormente e, por meio das operações de identificação, qualificação, ação e causação exemplificadas, tal finalidade é atingida. Na alocação do Serviço de Saúde, assim é descrito seu patrono:

O General de Brigada Médico João Severiano da Fonseca nasceu em Alagoas. Além de médico e militar, era escritor, historiador e diplomata. Participou, **brilhantemente**, na Guerra da Tríplice Aliança, sendo **merecedor de elogios** de seu chefe, em virtude da **excelência do serviço prestado**. Severiano combateu as epidemias de varíola e cólera, lutando contra a precariedade do estado sanitário da tropa, reafirmando ser **um homem zeloso, humanitário e inteligente**. (AMAN, 2013, p. 9, grifo nosso)

Por meio das unidades lexicais destacadas, é possível constatar o princípio de pertinência sendo buscado. De forma clara, há a exaltação da figura do patrono.

O mesmo ocorre ao descrever Quitéria, patrono do Quadro Complementar, lê-se:

Dom Pedro I incorporou Maria Quitéria ao Batalhão dos Voluntários da Pátria, tornando-a a primeira mulher a sentar praça em uma unidade militar. Nos anos seguintes, ela participou de vários combates, sendo **merecedora de condecorações** (AMAN, 2013, p.8).

O princípio da pertinência que visa a enaltecer o patrono pode ser evidenciado também nesse trecho em: ‘tornando-a a primeira mulher a sentar praça’, o que reflete seu destaque; e ainda em ‘participou de vários combates’ e ‘merecedora de condecorações’.

Com esse último signo, ‘merecedora’, signo que também é mencionado na citação do Serviço de Saúde, nota-se a manifestação do *ethos* militar. Numa carreira baseada na meritocracia, na qual há o postulado de que todos ingressam em igualdade de condições e o mérito definirá todas as escolhas na carreira, percebe-se que tal característica é apontada na vida de Quitéria, de Severiano da Fonseca e em outras alocações do *corpus* ao tratar do patrono de determinada Arma. O mérito remete ao que Charaudeau apresenta como *ethos* de competente. Na alocução sobre a Infantaria, a questão do mérito é apresentada em: “Galgou por mérito todos os postos de sua brilhante carreira militar” (AMAN, 2013, p.1). No Quadro Complementar, como o patrono é uma mulher e, portanto, não poderia galgar postos na carreira àquela época, o mérito é ressaltado pelo fato de que ela conquistou direitos reservados apenas a homens, tais como o reconhecimento mediante a entrega de condecoração e de pagamento de vencimentos de alferes de linha.

Outro aspecto mencionado na alocução do Quadro Complementar é o fato de Quitéria ter usado disfarce e ocultado sua identidade. No trecho a seguir, lê-se:

Com a impossibilidade de combater com sua real identidade, haja vista que as mulheres não eram aceitas na Junta, Maria Quitéria **viu-se obrigada** a disfarçar-se de homem, com o nome de Soldado Medeiros. Tal fato só seria descoberto no combate na foz do rio Paraguaçu (AMAN, 2013, p.8, **grifo nosso**).

O *ethos* militar se manifesta pelo fato de que Quitéria é apresentada como alguém que, por ter valores superiores de amor à Pátria, ‘viu-se obrigada’ a tomar tal atitude para obter seu ideal. Charaudeau, ao tratar do *ethos*, introduz a noção de justificação por uma razão maior, conforme é demonstrado na alocução citada. Assim, o ocultar sua verdadeira identidade é justificado por estar revestido de um

ideal e de valores, ou seja, uma razão maior, que é o patriotismo de Quitéria. Alguém que se destacou em sua época, pelos valores e ideais que possuía. O patriotismo do patrono do Quadro Complementar reflete o *ethos* de virtude como um exemplo a ser seguido.

Nas citações das alocações há diversas expressões que visam a enaltecer a figura do patrono, como símbolo da essência (MONNERAT, 2012, p.307) da Arma que aniversaria. Ao tratar da essência, um signo recebe valor considerável no meio militar: 'líder'. Embora tal signo possa ser apresentado nos dicionários e mesmo no senso comum (doxa) como sinônimo de 'chefe', há um implícito que diferencia líder, de chefe, em que o líder é alguém que influencia, principalmente, numa atividade em que há risco de vida; enquanto chefe tem as atribuições legais, uma função; sendo desejável que o chefe seja um líder. Novamente destaca-se a questão do *ethos* militar. Essa distinção foi percebida por Castro (2004), quando cita os conceitos de Georg Simmel sobre ascendência por meio de autoridade e ascendência por meio de prestígio, estabelecendo um paralelo entre essas duas formas de ascendência e a distinção entre os signos 'chefe' e 'líder' no âmbito militar. Em uma instituição na qual o mais antigo será o chefe, entende-se o anseio da junção das características do líder ao chefe. O trecho a seguir reforça tal diferenciação, quando Castro diz que: "É atribuída ao 'líder' uma valoração superior do que ao 'chefe'[...]. Para os cadetes, os líderes são aqueles oficiais que despertam *confiança*. Por um lado 'dão o exemplo', isto é, mantêm uma postura pessoal em consonância com aquilo que exigem de seus subordinados" (2004, p.27).

Ao descrever o patrono, nota-se a manifestação do *ethos*. Uma imagem é construída no enunciado das alocações. Esse *ethos* é materializado no discurso, apontando, no patrono, os *ethé* de credibilidade e de identificação, propostos por Charaudeau (2006).

Dentre os *ethé* de credibilidade, percebe-se uma imagem construída com base na virtude e na competência, como na alocação da Artilharia em:

Em tempos de paz, fruto de seu acentuado profissionalismo, Osório desempenhou profícua carreira política como senador e Ministro da Guerra. Faleceu no Rio de Janeiro em 4 de outubro de 1879, aos setenta e um anos, deixando o exemplo de uma vida totalmente dedicada à nação brasileira." (AMAN, 2012, p.2).

Quanto aos *ethé* de identificação, há a manifestação dos seguintes *ethé*: *ethos* de potência, na alocação da Cavalaria em: "Ainda alferes, durante a Guerra

Cisplatina, rompeu, de forma espetacular e audaz, o cerco inimigo em Sarandi” (AMAN, 2012, p.2) ; de caráter, na alocução da Infantaria em: “esse exemplo de soldado e cidadão” (AMAN, 2012, p.1); de inteligência, ao descrever o patrono do Serviço de Saúde em: “Homem de grande conhecimento, Severiano da Fonseca escreveu sobre medicina, geografia, história e etnologia [...]” (AMAN, 2012, p.9); de humanidade, conforme relato sobre Severiano da Fonseca: “[...] recebendo inúmeros elogios por sua atuação em benefício de seus companheiros, com seu elevado senso humanitário.” (AMAN, 2012, p.9); e de chefe, na alocução da Cavalaria: “Na Batalha de Tuiuti, Osório destacou-se como um líder nato, vocacionado para o comando, fascinando seus subordinados pelo exemplo, pela coragem e pela bravura” (AMAN, 2013, p.3).

O *ethos* coletivo se manifesta no *corpus*, revelando uma busca por uma identidade da Arma aniversariante. Sendo assim, há diversos trechos que mostram essa imagem do grupo social, dos quais podem ser destacados: “O espírito aguerrido dos artilheiros [...]” (AMAN, 2012, p.3); “Esses abnegados oficiais contribuem com seu trabalho, nas mais variadas organizações militares, em todas as regiões do país, para o aprimoramento das atividades que conduzem ao pleno cumprimento da missão [...]” (AMAN, 2012, p.8); “[...] haverá sempre um infante disposto a lutar.” (AMAN, 2013, p.1) e “Anualmente, o Serviço de Saúde efetua mais de 5 milhões de atendimentos [...]” (AMAN, 2013, p.9)”. Nos trechos citados, são manifestos tanto os *ethé* de credibilidade quanto os de identificação. Percebe-se, no discurso, que o *ethos* de competência, de virtude, de potência, de inteligência e de caráter são enfatizados, em uma referência à coletividade.

Os exemplos citados em referência ao *ethos* demonstram o lado discursivo dessa noção, ou seja, o *ethos* construído na enunciação. Entretanto, a preocupação com uma leitura com pausas e entonação adequadas por parte do sujeito comunicante/enunciador reflete o *ethos* prévio ou pré-construído. A principal característica apreendida pelos índices corporais, mímicos, comportamentais e verbais (CHARAUDEAU, 2006, p.120) aponta para o *ethos* de sério, ratificando a posição adotada na pesquisa de que o *ethos* é tanto prévio quanto discursivo. O *ethos* de competente recai no fato de o sujeito comunicante ter sido vencedor de um concurso.

Com relação aos modos de organização do discurso, as alocuções apresentam uma saudação final, dirigida aos integrantes da Arma, Quadro ou

Serviço que homenageiam. Conforme mencionado anteriormente, há, nesse momento, uma mudança no direcionamento da alocação. As alocações são dirigidas a todos os presentes na solenidade militar, no entanto, em sua parte final, dirigem-se especificamente aos integrantes da Arma, num apelo a uma tomada de posição. Há uma conclamação feita aos integrantes da Arma a também assumirem uma posição de engajamento e propagação das tradições, conforme se pode ver, por exemplo, nas expressões: 'orgulhemo-nos', e 'continuem a honrar', extraídas das saudações das alocações da Infantaria e do Quadro Complementar, respectivamente, conforme trechos a seguir:

Infantes, orgulhemo-nos dos feitos heroicos daqueles que tanto enobreceram o nome da Infantaria brasileira. Tenhamos a certeza de que, em qualquer ponto do território nacional, por mais longínquo que seja, haverá sempre um infante disposto a lutar (AMAN, 2013, p.1).

E: “companheiros do Quadro Complementar de Oficiais. Parabéns por esta data. Continuem a honrar o nome de Maria Quitéria, que tanto lutou pelos interesses de nosso país (AMAN, 2013, p.9).”

Nota-se, então, uma diferença quanto ao modo de organização do discurso. Na conclamação da Infantaria, o sujeito comunicante é integrante da Arma sobre a qual escreve (lê), por isso, ele se inclui no processo, numa postura elocutiva, que inclui a si mesmo, ou seja, centrada no 'eu'. Na alocação sobre o Quadro Complementar, por sua vez, o sujeito comunicante escreve sobre um quadro do qual não faz parte, assumindo um posicionamento alocutivo, ou seja, ele implica o interlocutor no seu projeto, impondo-lhe seu propósito.

Quanto às representações sociais, no momento em que o processo de transformação foi abordado, pode-se constatar que as escolhas lexicais feitas nas alocações apontavam para uma atitude discursiva de engajamento, ou seja, as operações de identificação, qualificação, ação e causação revelavam o ponto de vista do sujeito comunicante/enunciador. Tais escolhas também refletem as representações sociais que fazem parte da instituição. Charaudeau (2006, p.198) afirma que “saberes de conhecimento e saberes de crença estruturam as representações sociais”.

Os saberes de conhecimento, vinculados à razão e ao conhecimento científico, refletem-se tanto na descrição da função quanto em uma narrativa histórica dos fatos relacionados a cada Arma, Quadro ou Serviço. Podem ser observados, por exemplo, nos seguintes trechos da alocação da Infantaria (AMAN,

2013, p.1): “Caracterizada pela mobilidade de suas frações, pelo fogo e pelo combate aproximado,” e “Nascido em Tamboril, interior do estado do Ceará, em 24 de maio de 1810, Sampaio sentou praça no 22º Batalhão de Caçadores, em 1830.” Nos trechos citados, nota-se a apresentação de saberes de conhecimento, ou seja, questões constatáveis cientificamente e historicamente.

Associados aos saberes de conhecimento estão os saberes de crença, que veiculam valores e percepções de dado grupo social. O trecho citado acima, em sua íntegra, diz: “Caracterizada pela mobilidade de suas frações, pelo fogo e pelo combate aproximado, a Infantaria **demonstra seu valor no entusiasmo inexorável** de seus integrantes” (AMAN, 2013, p.1). Devido à importância da Infantaria no combate e às situações adversas que os infantess enfrentam no campo de batalha, faz parte das representações da instituição militar, o valor do infante. Une-se a isso a noção de que é necessário mais do que entusiasmo para pertencer a essa Arma, mas um ‘entusiasmo inexorável’, conforme descrito na alocução.

Percebe-se nos trechos citados das alocuções, a junção dos saberes de conhecimento e de crença, estabelecendo representações sociais do Exército Brasileiro, que se manifestam no discurso por meio dos imaginários sociodiscursivos.

O mesmo ocorre na alocução do Quadro Complementar do ano de 2013. O primeiro parágrafo restringe-se a descrever o surgimento do quadro e sua finalidade. No segundo parágrafo, novamente os saberes de conhecimento estão manifestos, detalhando-se a forma como a preparação dos oficiais do referido Quadro se dá. Os saberes de crença são inseridos, mais especificamente, na última frase desse parágrafo que diz: “Tal fato teve **notável importância** para a história do Exército Brasileiro,” (AMAN, 2013, p.8, grifo nosso). Essa frase mostra o enaltecimento do Quadro por meio da escolha lexical grifada na citação e denota a política do Exército de valorização de seu pessoal. Novamente, a combinação dos saberes de conhecimento e de crença que Charaudeau postula como alicerces das representações sociais aparece na alocução.

As descrições dos patronos coincidem com os imaginários que circulam na sociedade. À figura do militar, são associados tanto o arquétipo masculino de ‘Grande Pai’ quanto o de ‘Guerreiro-Herói’, mencionados por Monnerat (2008, p.95). Nas alocuções, características atreladas a esses arquétipos podem ser percebidas em vários trechos, dentre eles: “Essa natureza combativa do infante, aguerrido”

(AMAN, 2013, p.1); “Osório destacou-se como líder nato, vocacionado para o comando, fascinando seus subordinados pelo exemplo, pela coragem e pela bravura” (AMAN, 2013, p.2) e “Maria Quitéria de Jesus, cognominada pelos seus pares como ‘Mulher-soldado’” (AMAN, 2013, p.9). Nota-se que, mesmo ao descrever Quitéria, as características ressaltadas diferem do arquétipo feminino, fazendo-se uma construção dela como ‘mulher-soldado’, ou seja, suas atitudes no combate foram ligadas ao arquétipo de ‘Guerreiro-Herói’. Embora haja o signo mulher, a própria narrativa aponta que Quitéria era conhecida por Soldado Medeiros e só um incidente no campo de batalha revelou a identidade da mulher-soldado. Quitéria, como patrono e essência do primeiro quadro do Exército a incorporar mulheres, o Quadro Complementar de Oficiais, destaca-se por seus atributos ligados ao arquétipo masculino.

Charaudeau (2009, p. 8) postula que as competências de linguagem participam da construção do sentido de um ato de linguagem. Um sujeito que se dirige a outro, precisa basear seu projeto dentro de uma situação de comunicação particular. Tal situação sobredetermina parcialmente a escolha dos recursos de linguagem dos quais fará uso. Em virtude disso, o sujeito comunicante/enunciador apropriar-se-á de recursos que lhe conferirão tal competência. O autor menciona quatro competências de linguagem, que serão destacadas nas alocações.

Ao produzir sua alocação, o sujeito comunicante/enunciador faz uso da língua, com suas regras combinatórias. Sua competência semiolinguística é, assim, evidenciada e eventuais falhas nessa competência serão solucionadas mediante correções propostas pelos oficiais da Cadeira de Português.

Esse sujeito comunicante/enunciador também precisa atentar para produzir seu texto em conformidade com o gênero esperado. Ao seguir a proposta estabelecida no Plano Geral de Ensino quanto ao concurso e redigir sua alocação de acordo com os parâmetros especificados nesse documento, tal sujeito comprova sua competência discursiva.

Sendo as alocações textos a serem lidos em uma formatura, solenidade que segue um cerimonial militar, não caberia ao sujeito comunicante/enunciador adotar um tom informal, por isso, ao adequar-se à situação e fazer uso de um registro formal nas alocações, evidencia-se o domínio da competência comunicacional ou situacional.

Ao lidar com as representações sociais que circulam na Força, o sujeito comunicante/enunciador demonstra sua competência semântica. A escolha do signo líder ao invés do signo chefe, empregado nas alocuções da Infantaria e da Cavalaria, do ano de 2013, reflete essa referida competência por adequar-se aos valores e crenças cultuados na instituição.

No que concerne aos valores apregoados pela instituição, três diferentes fontes foram citadas: a página oficial do EB na internet, o Estatuto dos militares e o Perfil profissiográfico do concludente da AMAN. Os seguintes valores são propostos<sup>22</sup>:

Quadro 07 - Valores:

Página do EB	Estatuto dos militares	Perfil profissiográfico
Patriotismo, dever, lealdade, probidade e coragem.	Patriotismo, civismo, fé na missão do Exército, amor à profissão, espírito de corpo e aprimoramento técnico-profissional.	Amor à profissão, aprimoramento técnico-profissional, civismo, disciplina, entusiasmo profissional, espírito de corpo, fé na missão do Exército, patriotismo e respeito à hierarquia.

Fonte: EXÉRCITO (2015 c); BRASIL (1988); AMAN (2013 a, 2013 b, 2013 c) (Adaptado pelo autor)

O perfil profissiográfico (2013 a, 2013 b, 2013 c) faz distinção entre os termos valores e atitudes. No quadro anterior, foram listados os valores citados nesse documento. Torna-se interessante, entretanto, agregar também à lista, as atitudes esperadas do concludente da AMAN registradas no perfil: abnegação, adaptabilidade, autoconfiança, camaradagem, combatividade, cooperação, decisão, dedicação, disciplina, discricção, equilíbrio emocional, honestidade, iniciativa, lealdade, liderança, organização, persistência, responsabilidade, rusticidade e sociabilidade.

A partir da leitura das alocuções, é possível perceber os valores nela ressaltados e propagados.

Partindo da hipótese de que os valores apregoados pela instituição, resumidos no quadro 07 (p.110), deveriam participar da construção da identidade no *corpus*, é possível listá-los em uma hierarquia de valores, conforme seu emprego pelos instruendos da AMAN enquanto sujeitos comunicantes/enunciadores.

<sup>22</sup> No anexo B desta dissertação, é possível encontrar a definição dos valores, atributos e atitudes sob a ótica do Exército Brasileiro, extraídos da Portaria n° 012, de 12 de maio de 1998.



Na alocução da Infantaria de 2012, destacam-se os seguintes valores e conceitos, conforme citações dela retiradas:

Quadro 08 – Valores militares (Infantaria 2012):

Valor	Citação
Fé na missão do Exército	“[...] comemora no dia 24 de maio mais um ano de intensos e <b>importantes serviços prestados à nação.</b> ” “No entanto, diante dos novos cenários do campo de batalha, a necessidade de aperfeiçoamento profissional em busca de conhecimentos gerados pelas novas tecnologias tornou-se um <b>fator fundamental para o bom desempenho de suas atribuições.</b> ”
Aprimoramento técnico-profissional	“ <b>Arma que se caracteriza por estar preparada para combater</b> em quaisquer ambientes operacionais e sob quaisquer condições meteorológicas [...] aproveitando a capacidade do infante de progredir em pequenas frações.” “[...] resultado de sua <b>elevada capacidade profissional</b> e de seu espírito aguerrido, [...]”
Dever	“Motivados pelo <b>ideal de soberania nacional e apoio à população [...].</b> ” “ <b>Honremos em nossa conduta [...].</b> ”
Amor à profissão	“[...] os infantes de ontem e de hoje evidenciam a cada missão atributos que lhes distinguem, como <b>a vibração</b> e o espírito de corpo.”
Espírito de corpo	“[...] os infantes de ontem e de hoje evidenciam a cada missão atributos que lhes distinguem, como a vibração e o <b>espírito de corpo.</b> ”
Coragem	“Tal fato histórico mostrou ao mundo o valor e a <b>bravura do infante</b> brasileiro diante das adversidades da guerra.” “[...] resultado de sua elevada capacidade profissional e de <b>seu espírito aguerrido [...].</b> ”
Meritocracia	“[...] <b>galgou, por merecimento,</b> os postos de uma carreira integralmente dedicada à Força Terrestre.”
Civismo	“Aos <b>vinte anos de idade sentou praça</b> no 22º Batalhão de Caçadores, na cidade de Fortaleza [...]” “Durante a Batalha de Tuiuti, em 24 de maio de 1866, mesmo dia seu nascimento, <b>esse exemplo de soldado e cidadão</b> faleceu após sofrer três graves ferimentos.”
Ser Exemplo	“[...] os infantes de ontem e de hoje <b>evidenciam</b> a cada missão <b>atributos que lhes distinguem [...].</b> ” “Durante a Batalha de Tuiuti, em 24 de maio de 1866, mesmo dia seu nascimento, <b>esse exemplo de soldado e cidadão</b> faleceu após sofrer três graves ferimentos.” “[...] a Infantaria é um estado de espírito que reflete a <b>figura ímpar de Sampaio.</b> ” “ <b>Honremos em nossa conduta [...].</b> ”
Patriotismo	“Motivados pelo <b>ideal de soberania nacional [...].</b> ”
Vocação	“[...] desde cedo já revelava <b>aptidão pela carreira das armas.</b> ”

Fonte: AMAN, 2012, p.1 (Adaptado pelo autor)

No ano de 2013, por sua vez, foram destacados os seguintes valores:

Quadro 09 – Valores militares (Infantaria 2013):

Valor	Citação
Fé na missão do Exército	<p>“[...] com o objetivo de <b>bem cumprir suas missões nos mais diversos ambientes operacionais</b> [...]”</p> <p>“[...] <b>atuou decisivamente em várias batalhas em prol da manutenção da integridade territorial brasileira</b> [...]”</p> <p>“[...] <b>haverá sempre um infante disposto a lutar.</b>”</p>
Aprimoramento técnico-profissional	<p>“[...] a Infantaria é <b>preparada para operar</b> em qualquer tipo de terreno e sob quaisquer condições de tempo.”</p> <p>“Diante da evolução dos cenários de guerra, o Exército Brasileiro <b>está desenvolvendo a doutrina</b> da Infantaria Mecanizada, sua mais nova especialidade.”</p>
Dever	<p>“[...] a Infantaria é preparada para operar <b>em qualquer tipo de terreno e sob quaisquer condições de tempo.</b>”</p> <p>“<b>Após combater até o limite de suas forças</b> [...]”</p> <p>“[...] <b>haverá sempre um infante disposto a lutar.</b>”</p>
Amor à profissão	<p>“[...] a Infantaria demonstra seu valor <b>no entusiasmo inexorável de seus integrantes</b>, mesmo diante de situações adversas, como bem demonstraram os valorosos infantes durante a Segunda Guerra Mundial [...]”</p>
Espírito de corpo	<p>“[...] a Infantaria demonstra seu valor no entusiasmo inexorável de seus integrantes, mesmo diante de situações adversas, <b>como bem demonstraram os valorosos infantes durante a Segunda Guerra Mundial</b> [...]”</p>
Coragem	<p>“[...] a Infantaria demonstra seu valor no entusiasmo inexorável de seus integrantes, <b>mesmo diante de situações adversas</b>, como bem demonstraram os valorosos infantes durante a Segunda Guerra Mundial [...]”</p> <p>“Essa <b>natureza combativa do infante, aguerrido</b> e abnegado, espelha a figura do patrono da Infantaria, o Brigadeiro Antônio de Sampaio.”</p> <p>“[...] por sua tenacidade, inteligência e <b>bravura</b>[...]”</p> <p>“Nessa sua última empreitada, em plena Batalha de Tuiuti, em 1866, <b>o bravo guerreiro</b> e inconteste líder militar, sofreu três ferimentos de bala.”</p> <p>“[...] <b>haverá sempre um infante disposto a lutar.</b>”</p>
Meritocracia	<p>“<b>Galgou por mérito</b> todos os postos de sua brilhante carreira militar [...]”</p>
Exemplo	<p>“Essa natureza combativa do infante, aguerrido e abnegado, <b>espelha a figura do patrono da Infantaria, o Brigadeiro Antônio de Sampaio.</b>”</p> <p>“Infantes, orgulhemo-nos dos feitos heroicos <b>daqueles que tanto enobreceram o nome da Infantaria brasileira.</b>”</p>
Abnegação	<p>“Essa natureza combativa do infante, aguerrido e <b>abnegado</b>, espelha a figura do patrono da Infantaria, o Brigadeiro Antônio de Sampaio.”</p>
Liderança	<p>“[...] onde <b>comandou</b> a histórica Divisão Encouraçada.”</p> <p>“Nessa sua última empreitada, em plena Batalha de Tuiuti, em 1866, o bravo guerreiro e <b>inconteste líder militar</b>, sofreu três ferimentos de bala.”</p>
Patriotismo	<p>“[...] <b>haverá sempre um infante disposto a lutar.</b>”</p>

Fonte: AMAN, 2013, p.1 (Adaptado pelo autor)

Em relação à Cavalaria, no ano de 2012, os seguintes valores participam da construção da identidade militar nas alocações:

Quadro 10 – Valores militares (Cavalaria 2012):

Valor	Citação
Aprimoramento técnico-profissional	“À frente das demais armas, a Cavalaria está <b>plenamente capacitada</b> a buscar informações sobre o inimigo, a realizar reconhecimentos de área e a efetuar ações ofensivas e defensivas.”
Dever	“[...] estaremos sempre <b>prontos para o cumprimento do nosso dever.</b> ”
Amor à profissão	“[...] <b>fruto de seu acentuado profissionalismo</b> [...]”
Espírito de corpo	“[...] <b>estaremos sempre prontos</b> para o cumprimento do nosso dever.”
Coragem	“[...] a velocidade dos corcéis <b>propiciou ao guerreiro grande superioridade sobre seu oponente.</b> ” “[...] <b>rompeu, de forma espetacular e audaz,</b> o cerco inimigo em Sarandi.”
Meritocracia	“ <b>Consagrou-se</b> na Guerra da Tríplice Aliança [...]” “Em tempos de paz, fruto de seu <b>acentuado profissionalismo,</b> Osório <b>desempenhou profícua carreira</b> política como senador e Ministro da Guerra.”
Civismo	“[...] deixando o exemplo de uma <b>vida totalmente dedicada à nação brasileira.</b> ”
Ser Exemplo	“[...] <b>é responsável pelos cerimoniais e pela manutenção das mais caras tradições.</b> ” “[...] <b>deixando o exemplo</b> de uma vida totalmente dedicada à nação brasileira.” “ <b>Seguindo os passos de Osório</b> [...]”
Liderança	“Sobre o dorso de sua montaria, <b>muitos chefes militares fizeram-se gloriosos,</b> estenderam suas conquistas sobre povos e construíram grandes impérios.” “Após a Independência, a Cavalaria revelou-se <b>berço de líderes de indiscutível valor,</b> sintetizados na figura do ilustre patrono da Arma, o Marechal Manuel Luis Osório, o Marquês de Herval.” “ <b>Consagrou-se</b> na Guerra da Tríplice Aliança, inicialmente como <b>Comandante em chefe</b> das Forças de Terra, <b>comandando</b> o III Corpo de Exército e, na fase final, o I Exército.”
Patriotismo	“[...] deixando o exemplo de uma <b>vida totalmente dedicada à nação brasileira.</b> ”

Fonte: AMAN, 2012, p.2 (Adaptado pelo autor)

E em 2013:

Quadro 11 – Valores militares (Cavalaria 2013):

Valor	Citação
Fé na missão do Exército	“[...] <b>participa de ações</b> ofensivas e defensivas, <b>aproveitando com eficácia</b> suas características básicas[...].”
Aprimoramento técnico-profissional	“Desde a Antiguidade, a <b>incessante busca por melhores condições para combater</b> o inimigo, tem levado o homem a desenvolver novas maneiras de guerrear.”

Amor profissão	à	“[...] <b>sintam-se honrados em ostentar</b> as lanças que o Legendário fez credoras da esperança na conquista da vitória.”
Ser Exemplo		“[...] <b>fascinando seus subordinados pelo exemplo</b> , pela coragem e pela bravura.” “ <b>Tomem a figura de Osório como ‘estrela guia em negros horizontes’</b> [...]”
Liderança		“[...] o cavalo, nobre amigo do cavalariano, constitui um importante recurso para desenvolver atributos da área afetiva, como coragem, <b>liderança</b> e iniciativa.” “ <b>Osório destacou-se como um líder nato, vocacionado para o comando</b> [...]”
Iniciativa		“[...] o cavalo, nobre amigo do cavalariano, constitui um importante recurso para desenvolver atributos da área afetiva, como coragem, liderança e <b>iniciativa</b> .”
Patriotismo		“ <b>Sua trajetória, na carreira das armas, iniciou-se bem cedo</b> ; [...]”

Fonte: AMAN, 2013, p.2 (adaptado pelo autor)

Quanto à Artilharia, em sua alocução do ano de 2012, os seguintes valores são encontrados:

Quadro 12 – Valores militares (Artilharia 2012):

Valor	Citação
Aprimoramento técnico-profissional	“Com a evolução dos meios eletrônicos e de transporte, <b>a Artilharia ganhou características fundamentais para o combate atual</b> [...]”
Dever	“ <b>Perpetuando os valores de Mallet, estaremos sempre engrandecendo o valor da poderosa artilharia para o Exército Brasileiro</b> [...]”
Amor profissão	à “[...] na Segunda Guerra Mundial, apoiou as operações da FEB <b>com denodo</b> e coragem.” “Artilheiros, seguindo o exemplo de nosso patrono, estaremos <b>reacendendo em nosso peito a vibração e o entusiasmo</b> .”
Coragem	“[...] na Segunda Guerra Mundial, apoiou as operações da FEB com denodo e <b>coragem</b> .” “O <b>espírito aguerrido dos artilheiros</b> é reflexo da vida de seu patrono, o Marechal Emílio Luiz Mallet.” “Esse fato passou para a história com a célebre frase do bravo comandante da Artilharia brasileira: <b>‘Eles que venham. Por aqui não passarão’</b> .”
Civismo	“Em 1823, <b>com seu juramento</b> à Constituição do Império, adquiriu nacionalidade brasileira, iniciando, assim, <b>uma vida dedicada inteiramente ao Exército e ao Brasil</b> .”
Ser Exemplo	“A Artilharia tem <b>lugar de destaque</b> na história militar brasileira.” “O espírito aguerrido dos artilheiros é <b>reflexo da vida de seu patrono</b> , o Marechal Emílio Luiz Mallet.” “Artilheiros, <b>seguindo o exemplo de nosso patrono</b> , estaremos reacendendo em nosso peito a vibração e o entusiasmo. <b>Perpetuando os valores de Mallet</b> , estaremos sempre engrandecendo o valor da poderosa artilharia para o Exército Brasileiro[.]”

Abnegação	“Em 1823, com seu juramento à Constituição do Império, adquiriu nacionalidade brasileira, iniciando, assim, <b>uma vida dedicada inteiramente ao Exército e ao Brasil.</b> ”
Liderança	“Em Tuiuti, a previsão e a criatividade desse chefe militar asseguraram a importante vitória de nosso Exército.” “Esse fato passou para a história com a célebre frase <b>do bravo comandante da Artilharia brasileira</b> : ‘Eles que venham. Por aqui não passarão’.”
Patriotismo	“[...] <b>fazendo o inimigo sentir o valor do soldado brasileiro.</b> ”

Fonte: AMAN, 2012, p.3 (Adaptado pelo autor)

E em 2013:

Quadro 13 – Valores militares (Artilharia 2013):

Valor	Citação
Fé na missão do Exército	“ <b>O objetivo da Artilharia, em combate, consiste no apoio de fogo às armas-base e, também, na defesa antiaérea. Para o cumprimento dessas missões, a Arma se divide em três tipos básicos[...]</b> ”
Aprimoramento técnico-profissional	“ <b>Cada vez mais se moderniza e se adapta às novas formas de combate[...]</b> ”
Dever	“[...] <b>sempre cumprindo o objetivo</b> de neutralizar ou destruir o inimigo.”
Coragem	“Teve destacada ação na Batalha de Tuiuti, quando <b>impediu a passagem de uma numerosa tropa inimiga</b> , utilizando um grande fosso como obstáculo.”
Ser Exemplo	“ <b>Teve destacada ação</b> na Batalha de Tuiuti[...] “[...] Os feitos desse insigne líder militar são <b>exemplos marcantes</b> de que a Artilharia tem papel fundamental na obtenção do êxito no campo de batalha.”
Liderança	“Os feitos desse <b>insigne líder militar</b> são exemplos marcantes de que a Artilharia tem papel fundamental na obtenção do êxito no campo de batalha.”
Patriotismo	“[...] <b>sempre cumprindo o objetivo de neutralizar ou destruir o inimigo.</b> ”

Fonte: AMAN, 2013, p.3 (Adaptado pelo autor)

Em seguida, verificar-se-ão, nas alocações dos Quadros não-combatentes, os valores destacados. Iniciando pelas alocações do Quadro Complementar de Oficiais, em 2012, são difundidos os seguintes valores:

Quadro 14 – Valores militares (QCO 2012):

Valor	Citação
Fé na missão do Exército	“Esses abnegados oficiais <b>contribuem com seu trabalho</b> , nas mais variadas organizações militares, em todas as regiões do país, para o aprimoramento das atividades que conduzem <b>ao pleno cumprimento da missão institucional do Exército Brasileiro.</b> ”

Aprimoramento técnico-profissional	“[...] para atender às necessidades da Instituição de <b>pessoal especializado</b> para o desempenho de atividades complementares.” “Nesse período, homens e mulheres recebem instruções que visam prepará-los para a carreira militar, <b>adequando seus conhecimentos às práticas castrenses.</b> ”
Amor à profissão	“ <b>Esses abnegados oficiais contribuem com seu trabalho</b> , nas mais variadas organizações militares, em todas as regiões do país, para o aprimoramento das atividades que conduzem ao pleno cumprimento da missão institucional do Exército Brasileiro.” “[...] <b>essa humilde sertaneja fugiu da casa paterna, com os cabelos cortados e usando o uniforme de seu cunhado, para lutar contra o dominador português, que se negava a aceitar a independência do Brasil.</b> ”
Coragem	“[...] essa humilde sertaneja fugiu da casa paterna, com os cabelos cortados e usando o uniforme de seu cunhado, <b>para lutar contra o dominador português</b> , que se negava a aceitar a independência do Brasil.” “Seu <b>batismo de fogo</b> deu-se em combate na foz do Rio Paraguaçu, ocasião em que ficaram evidenciados seu patriotismo e <b>sua bravura.</b> ”
Meritocracia	“ <b>Devido a seus feitos heroicos, foi agraciada por D. Pedro I com a condecoração de Cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro e lhe foi concedido o soldo de alferes de linha.</b> ”
Ser Exemplo	“A Heroína da Independência faleceu em 21 de agosto de 1853, <b>deixando marcado na história o seu nome</b> junto àqueles que sonharam com uma nação livre e que lutaram para consolidar esse ideal.” “ <b>Inspirados no espírito de luta de Maria Quitéria</b> [...].”
Abnegação	“Esses <b>abnegados oficiais</b> contribuem com seu trabalho[...].”
Patriotismo	“[...] <b>essa humilde sertaneja fugiu da casa paterna, com os cabelos cortados e usando o uniforme de seu cunhado, para lutar contra o dominador português, que se negava a aceitar a independência do Brasil.</b> ” “[...] ocasião em que ficaram evidenciados <b>seu patriotismo</b> e sua bravura.” “A Heroína da Independência faleceu em 21 de agosto de 1853, deixando marcado na história o seu nome junto àqueles que <b>sonharam com uma nação livre e que lutaram para consolidar esse ideal.</b> ”

Fonte: AMAN, 2012, p.8 (Adaptado pelo autor)

E em 2013:

Quadro 15 – Valores militares (QCO 2013):

Valor	Citação
Aprimoramento técnico-profissional	“O Quadro Complementar de Oficiais foi criado no dia 02 de outubro de 1989, com a finalidade de <b>preparar militares, para assessoramento nos comandos de organizações militares, para a docência em Escolas Militares e para atividades complementares de saúde, por meio de diversas áreas do conhecimento.</b> ”
Dever	“ <b>Continuem a honrar o nome de Maria Quitéria</b> [...].”

Coragem	<p>“Em 1822, contrariando a vontade de seu pai, fugiu de casa, alistou-se na Junta Conciliadora de Defesa, <b>para combater o dominador português</b> que se negava a conceder a Independência ao povo brasileiro.”</p> <p>“Espantado com <b>tamanho heroísmo</b> e amor à Pátria[...].”</p>
Meritocracia	<p>“O curso, inicialmente restrito ao segmento masculino, foi modificado, dois anos após a sua criação, incluindo o segmento feminino na carreira <b>em igualdade de condições com os demais.</b>”</p> <p>“Nos anos seguintes, ela participou de vários combates, sendo <b>merecedora de condecorações [...].</b>”</p>
Civismo	<p>“Continuem a honrar o nome de Maria Quitéria, que tanto <b>lutou pelos interesses de nosso país.</b>”</p>
Patriotismo	<p>“Em 1822, contrariando a vontade de seu pai, fugiu de casa, <b>alistou-se na Junta Conciliadora de Defesa, para combater o dominador português que se negava a conceder a Independência ao povo brasileiro.</b>”</p> <p>“Maria Quitéria <b>viu-se obrigada</b> a disfarçar-se de homem, com o nome de Soldado Medeiros.”</p> <p>“Espantado com tamanho heroísmo e <b>amor à Pátria[...].</b>”</p> <p>“Continuem a honrar o nome de Maria Quitéria, que <b>tanto lutou pelos interesses de nosso país.</b>”</p>

Fonte: AMAN, 2013, p.8 (Adaptado pelo autor)

Na alocução do Serviço de Saúde de 2012, os seguintes valores são apontados:

Quadro 16 – Valores militares (Serviço de Saúde 2012):

Valor	Citação
Fé na missão do Exército	<p>“Responsáveis pela manutenção da higidez da tropa, <b>os integrantes desse Serviço levam seu trabalho até os rincões mais distantes do território nacional</b>, estendendo seu apoio à população menos assistida pelos órgãos públicos, em ações cívico-sociais implementadas pelo Exército.”</p>
Aprimoramento técnico-profissional	<p>“<b>Homem de grande conhecimento</b>, Severiano da Fonseca <b>escreveu sobre medicina, geografia, história e etnologia e, como militar, teve participação destacada em solo paraguaio [...].</b>”</p> <p>“Por suas <b>elevadas qualidades de médico, soldado e cidadão</b>, Severiano da Fonseca tornou-se o primeiro médico militar a ser membro da Academia Imperial de Medicina.”</p>
Dever	<p>“<b>Responsáveis pela manutenção da higidez da tropa, os integrantes desse Serviço levam seu trabalho até os rincões mais distantes do território nacional, estendendo seu apoio à população menos assistida pelos órgãos públicos, em ações cívico-sociais implementadas pelo Exército.</b>”</p> <p>“[...] parabéns pela excelência de seu trabalho e por sua <b>incansável dedicação à Força Terrestre</b>, trazendo a todos nós os cuidados que possibilitam prosseguirmos no <b>cumprimento do nosso dever.</b>”</p>

Meritocracia	<p>“[...] <b>recebendo inúmeros elogios</b> por sua atuação em benefício de seus companheiros, com seu elevado senso humanitário.”</p> <p><b>“Por suas elevadas qualidades de médico, soldado e cidadão, Severiano da Fonseca tornou-se o primeiro médico militar a ser membro da Academia Imperial de Medicina.”</b></p> <p><b>“Como resultado de uma brilhante carreira</b> construída sob bases de extremado profissionalismo, tornou-se o Patrono do Serviço de Saúde do Exército Brasileiro.”</p>
Liderança	<p>“Ainda naquele conflito, <b>sobressaiu</b> a figura ímpar do General-de-Brigada Médico João Severiano da Fonseca.”</p>
Ser exemplo	<p>“Ainda naquele conflito, <b>sobressaiu a figura ímpar do General-de-Brigada Médico João Severiano da Fonseca.</b>”</p> <p><b>“Homem de grande conhecimento,</b> Severiano da Fonseca escreveu sobre medicina, geografia, história e etnologia e, como militar, teve <b>participação destacada</b> em solo paraguaio[...].”</p> <p>“Como resultado de uma brilhante <b>carreira construída sob bases de extremado profissionalismo,</b> tornou-se o Patrono do Serviço de Saúde do Exército Brasileiro.”</p>
Espírito de corpo	<p>“[...] recebendo inúmeros elogios por sua atuação <b>em benefício de seus companheiros, com seu elevado senso humanitário.</b>”</p>
Abnegação	<p>“[...] parabéns pela excelência de seu trabalho e por sua <b>incansável dedicação à Força Terrestre[...].</b>”</p>

Fonte: AMAN, 2012, p.9 (Adaptado pelo autor)

Na alocução de 2013, por sua vez, são encontrados:

Quadro 17 – Valores militares (Serviço de Saúde 2013):

Valor	Citação
Fé na missão do Exército	<p><b>“Para cumprir tão nobre missão,</b> o Serviço de Saúde presta apoio às organizações militares por meio de uma Seção de Saúde [...].”</p>
Aprimoramento técnico-profissional	<p>“Além disso, completam essa estrutura a Escola de Saúde, <b>encarregada da formação de pessoal de Saúde;</b> o Instituto de Biologia, <b>encarregado das pesquisas biológicas;</b> e o Laboratório Químico Farmacêutico, responsável pela produção de medicamentos.”</p>
Dever	<p><b>“[...] continuem cumprindo, com excelência, a missão de curar e salvar!”</b></p>
Meritocracia	<p>“[...] sendo <b>merecedor de elogios</b> de seu chefe, em virtude da excelência do serviço prestado.”</p>
Ser exemplo	<p><b>“Além de médico e militar, era escritor, historiador e diplomata. Participou, brilhantemente,</b> na Guerra da Tríplice Aliança [...].”</p> <p>“[...] inspirem-se na <b>insigne figura de seu patrono [...].</b>”</p>

Fonte: AMAN, 2013, p.10 (Adaptado pelo autor)

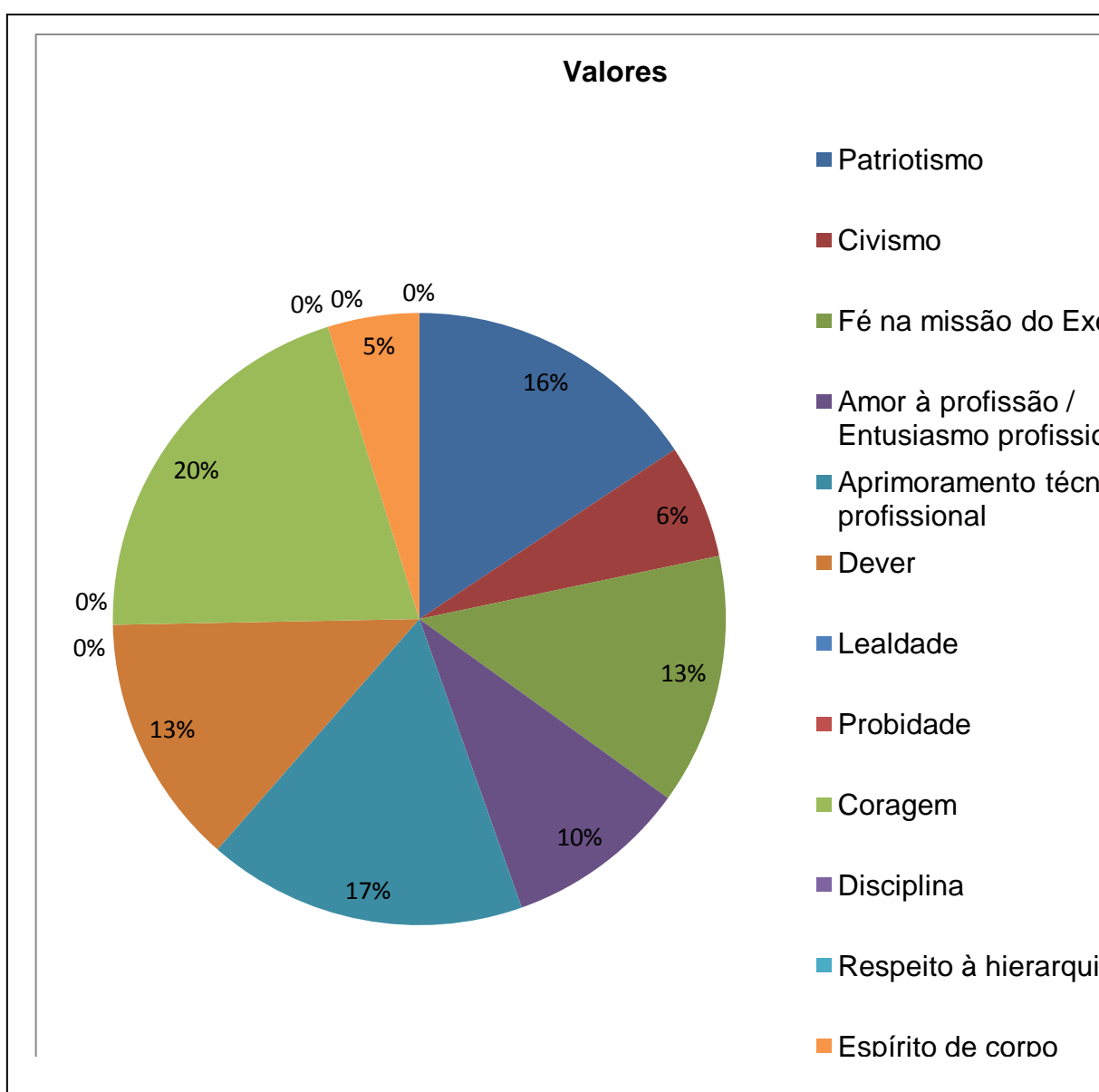
Percebe-se que as alocuções estão apoiadas nos valores da instituição pelo número de referências que a eles são feitas, conforme quadros de números 08 a 17. Em algumas alocuções, por exemplo, quase a totalidade das orações se encaixa com algum valor. Tal constatação confirma a hipótese inicial, da página 11, de que os



valores da instituição manifestar-se-iam nas alocações a fim de construir uma identidade que figure como essência de cada Arma, em face da importância a eles conferida na formação do oficial do Exército Brasileiro.

Apenas considerando os valores descritos nos três documentos de referência (a página do Exército Brasileiro na internet, o Estatuto dos militares e o Perfil profissiográfico do concludente da AMAN), apresentados no quadro 07, da página 107, o seguinte gráfico pode ser formado a partir das alocações do *corpus*:

Gráfico 01 – Valores militares nas alocações:



Fonte: Adaptado pelo autor

Com base nesse gráfico, construído a partir do número de citações para cada valor, é possível perceber uma ênfase maior em certas características da identidade militar, como coragem, aprimoramento técnico-profissional, patriotismo, dever e fé na missão.

Além dos valores propostos nos documentos de referência do quadro 07, da página 107, algumas atitudes e representações da instituição parecem ser recorrentes nas alocações. Dentre elas destacam-se a liderança, a meritocracia, a abnegação e o servir de exemplo. Fazendo a junção dos valores e das atitudes de maior ênfase nas alocações do *corpus*, constrói-se a seguinte lista, citando apenas os dez primeiros itens:

Quadro 18 – Hierarquia de valores nas alocações:

Ordem	Valores, atitudes e crenças
1º	Coragem e ser exemplo
3º	Aprimoramento técnico-profissional
4º	Patriotismo
5º	Fé na missão, dever, liderança e meritocracia
9º	Amor à profissão
10º	Civismo

Fonte: Adaptado pelo autor

Esse quadro permite afirmar que os valores da instituição são adotados pelo sujeito comunicante/enunciador, em seu discurso, que deles faz uso a fim de apresentar argumentos a seu auditório e obter êxito em seu projeto. Por meio de seu enunciado, como porta-voz da instituição, esse sujeito participa da disseminação de tais valores junto aos sujeitos interpretantes/destinatários. O quadro 18 (p.120) permite apontar os valores mais recorrentes nas alocações e, assim, perceber que é uma lista bastante próxima das três fontes de referência, mas com algumas diferenças, talvez fruto da percepção dos instruendos das representações da instituição e da hierarquia de valores por eles estabelecida.

Para atingir sua visada, o sujeito comunicante/enunciador faz uso de lugares argumentativos. Dentre esses lugares apresentados na parte teórica, qual seria o lugar argumentativo de maior recorrência nas alocações?

Observando o *corpus*, constata-se que o lugar argumentativo de maior emprego diz respeito ao lugar da essência. Em cada uma das dez alocações analisadas, o patrono é citado como referencial e essência da Arma aniversariante. Para exemplificar tal fato, três trechos de alocações diferentes serão citados.

No primeiro, lê-se:

O espírito aguerrido dos artilheiros é reflexo da vida de seu patrono, o Marechal Emílio Luiz Mallet. [...] Participou da Campanha da Cisplatina, da Guerra do Prata, da Guerra da Tríplice Aliança, da Guerra dos Farrapos, dentre outras, fazendo o inimigo sentir o valor do soldado brasileiro. Em Tuiuti, a previsão e a criatividade desse chefe militar asseguraram a importante vitória de nosso Exército. (AMAN, 2012, p.3) ,

Como essência dos artilheiros, o Marechal Mallet aponta para um militar aguerrido e, ao mesmo tempo, de previsão e criatividade. Reflete, ainda, conforme descrição do sujeito comunicante/enunciador, a postura de um chefe militar e o valor do soldado brasileiro.

O segundo trecho é da alocução do Serviço de Saúde:

Por suas **elevadas qualidades de médico, soldado** e cidadão, Severiano da Fonseca tornou-se o primeiro **médico militar** a ser membro da Academia Imperial de Medicina. Foi ainda Inspetor Geral do Serviço Sanitário, atual Diretoria de Saúde, constituiu o Conselho Supremo Militar de Justiça e foi eleito senador. Como resultado de uma brilhante carreira construída sob bases de extremado profissionalismo, tornou-se o Patrono do Serviço de Saúde do Exército Brasileiro. (AMAN, 2012, p.9, grifo nosso)

Nessa citação, Severiano da Fonseca sintetiza o modelo de alguém que une características de médico e de militar, na essência esperada dos integrantes do Serviço de Saúde: um indivíduo com dupla vocação.

Por último, na alocução do QCO de 2013, lê-se:

Como forma de ressaltar o retorno das mulheres às fileiras do Exército Brasileiro e, ainda, resgatar parte da história dos heróis da Pátria, foi escolhida para Patrono do Quadro Complementar de Oficiais: Maria Quitéria de Jesus, cognominada pelos seus pares como “Mulher-soldado”.[...] Espantado com tamanho heroísmo e amor à Pátria, Dom Pedro I incorporou Maria Quitéria ao Batalhão dos Voluntários da Pátria, tornando-a a primeira mulher a sentar praça em uma unidade militar. Nos anos seguintes, ela participou de vários combates, sendo merecedora de condecorações [...]. (AMAN, 2013, p.8)

Nesse trecho, Quitéria é apresentada como a essência do Quadro Complementar, fazendo-se menção a sua característica de ‘mulher-soldado’ que lhe agrega o arquétipo masculino de guerreiro-herói.

Não apenas do lugar de essência o sujeito comunicante/enunciador argumenta. É possível verificar o emprego de outros lugares argumentativos,

conforme exemplos citados na parte teórica. Para ilustrar o emprego de outros lugares argumentativos, pode-se citar o lugar da quantidade, empregado nas duas alocações do Serviço de Saúde em:

Composto por uma estrutura bastante complexa, o Serviço de Saúde conta com 545 seções de saúde distribuídas pelas organizações militares, 23 postos médicos de guarnição, 4 policlínicas, 15 hospitais de guarnição e o Hospital Central do Exército. Somam-se, ainda, a este complexo, o Instituto de Biologia do Exército e o Laboratório Químico e Farmacêutico do Exército (AMAN, 2012, p.10).

E:

Anualmente, o Serviço de Saúde efetua mais de 5 milhões de atendimentos, por meio de uma estrutura que envolve 545 seções de saúde, instaladas em organizações militares da Força. Somam-se, ainda, a esse número: 23 postos médicos de guarnição, 4 policlínicas militares, 15 hospitais de guarnição, 11 hospitais gerais e ainda o Hospital Central do Exército. Além disso, completam essa estrutura a Escola de Saúde, encarregada da formação de pessoal de Saúde; o Instituto de Biologia, encarregado das pesquisas biológicas; e o Laboratório Químico Farmacêutico, responsável pela produção de medicamentos. (AMAN, 2013, p.11)

Embora ocorra o uso de outros lugares argumentativos, é constatável no *corpus* a predominância do lugar de essência, provavelmente fruto da intencionalidade do sujeito comunicante/enunciador de enaltecer a pessoa do patrono e nele agregar a essência da Arma aniversariante.

## 6 CONCLUSÃO

A presente dissertação insere-se na temática do discurso militar em uma perspectiva “de dentro”. Tomando por base pressupostos teóricos da Semiolinguística, foi realizada a análise de discurso em textos produzidos na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) para as formaturas de aniversário das Armas.

A partir da metáfora ‘Aqui dentro’ x ‘Lá fora’, apresentada pelos discentes da AMAN em pesquisa antropológica realizada nessa instituição, no final da década de oitenta, houve um entendimento de que há diferenças quanto ao estudo na caserna e o estudo em instituições civis. Essa metáfora se expande em sua significação, conforme propõe Castro (2004), tornando-se muito mais abrangente ao representar militares e civis.

Apropriando-se dessa metáfora em relação a seus aspectos linguísticos, percebe-se a construção de uma identidade. Ao ingressar na Força Terrestre e passar a fazer parte do ‘aqui dentro’, o cadete, futuro oficial do Exército e responsável pela propagação de seus valores e tradições, precisará dominar as regras do contrato de comunicação da instituição. Essas regras passam por diversas questões, que vão desde o reconhecimento do outro (princípio da alteridade) a fim de determinar se o contrato será entre pares ou de subordinação, até a aplicação de seus saberes de conhecimento e de crença nos discursos que circulam no cotidiano militar.

Em uma carreira cuja atuação principal ocorre em ambientes incertos e adversos, como a guerra, a fim de preservar a soberania nacional e manter a paz; ou ainda, prestar apoio e socorro em calamidades e tragédias, os valores e ideais assumem um papel fundamental. No ‘aqui dentro’, a totalidade dos que são formados são empregados na própria instituição, por isso, a construção desses valores é tão relevante. Analisar as alocações produzidas pelos cadetes da AMAN para datas significativas mostra um fragmento dessa construção. Percebe-se um sujeito comunicante/enunciador, em fase final de sua formação na AMAN, apropriando-se dos valores do EB, fazendo uso, assim, de estratégias argumentativas para cumprir a finalidade de seu projeto.

A própria seleção de determinada alocação como vencedora já implica que a mesma atendeu a vários requisitos, dos quais se destacam: a adequada utilização

do gênero textual proposto, a argumentação mediante os valores de seu público alvo, o emprego do registro formal, o uso de uma seleção lexical apropriada, entre outros.

Nas alocações, o sujeito comunicante, ser social, desdobra-se em sujeito enunciador, como porta-voz da instituição a que pertence. Como seu porta-voz, o *ethos* coletivo transparece assim como as representações sociais da instituição. Por meio de escolhas lexicais valorativas, percebe-se um sujeito engajado em satisfazer a proposta da situação de comunicação em que está inserido.

No *corpus*, é possível ver a manifestação da construção de uma identidade coletiva, que tem no patrono sua essência. O patrono, figura que simboliza um ideal e um exemplo a ser seguido, é descrito mediante uma seleção lexical criteriosa e sob a ótica de uma hierarquia de valores apregoados pela instituição. Por meio dos atributos apresentados desses representantes, há a propagação das tradições do EB e uma imagem de militar ideal é projetada, com uma expectativa de adesão e identificação.

Ainda há poucos estudos no campo do discurso militar e, por certo, esta pesquisa está longe de esgotar o tema. Mas há uma busca em fugir de um enfoque mais comum, cuja abordagem recai sobre figuras militares de destaque no cenário histórico nacional e em concentrar-se no cotidiano militar, assim, possibilitando um maior conhecimento do 'aqui dentro' e de suas práticas discursivas.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Antônio S. **A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção**. São Paulo: Ateliê, 2000.

ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS (AMAN). **Histórico**. Resende, 2015. Disponível em <<http://www.aman.ensino.eb.br/index.php/informacoes/historico>>. Acesso em: 02 set. 2015.

\_\_\_\_\_. **Alocações para datas significativas: Anexo Q do Plano geral de ensino**. Resende, 2014a. Disponível em :<<http://webaman.amanet/de/pgeatual/2volume/Arquivos%20PDF/Anexo%20Q%20%20Alocu%C3%A7%C3%B5es%20para%20datas%20significativas%20-%202014.pdf>>. Acesso em: 14 maio 2014.

\_\_\_\_\_. **Caderno de Instrução do Projeto Liderança da Academia Militar das Agulhas Negras (CIPL)**. Resende, 2014b.

\_\_\_\_\_. **Alocações para datas significativas: Anexo Q do Plano Geral de Ensino**. Resende, 2013.

\_\_\_\_\_. **Perfil profissiográfico do concludente do curso de formação e graduação de oficiais de artilharia da AMAN**. Resende, 2013a.

\_\_\_\_\_. **Perfil profissiográfico do concludente do curso de formação e graduação de oficiais de cavalaria da AMAN**. Resende, 2013b.

\_\_\_\_\_. **Perfil profissiográfico do concludente do curso de formação e graduação de oficiais de infantaria da AMAN**. Resende, 2013c.

\_\_\_\_\_. **Alocações para datas significativas:** Anexo Q do Plano Geral de Ensino. Resende, 2012.

AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso:** a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2013.

AMOSSY, Ruth.; PIERROT, Anne Herschberg. **Stéréotypes et Clichés:** langue, discours, société. Paris: Armand Colin, 2004.

ARISTÓTELES. **Retórica.** Lisboa : Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa.** São Paulo: Publifolha, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa.** 37ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENVENISTE, Émile. Da subjetividade na linguagem. In: **Problemas de Linguística Geral I.** Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** 1988. Disponível em: <[http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988\\_04.02.2010/CON1988.pdf](http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988_04.02.2010/CON1988.pdf)>. Acesso em: 27 jun. 2014.

\_\_\_\_\_. **Estatuto dos Militares o código de ética da profissão militar.** Lei Nº 6.880, de 9 de dezembro de 1980, da Presidência da República. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L6880.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L6880.htm). Acesso em: 10 nov. 2015.

CALDAS, Gilberto. **Tempestades no céu do Cruzeiro do Sul.** 2014. Disponível em: <<http://www.ternuma.com.br/index.php/art/1940-tempestades-no-ceu-do-cruzeiro-do-sul-gilberto-caldas-sociologo>>. Acesso em: 10 out. 2014.



CARNEIRO, Agostinho et al. O adjetivo e a progressão textual. In: **Letras & Letras**. Uberlândia: EDUFU, 1992.

CARREIRAS, Helena. Mulheres, direitos e eficácia militar: o estado do debate. In: **Revista militar**. 2013. Disponível em: <[http://www.revistamilitar.pt/artigo.php?art\\_id=826](http://www.revistamilitar.pt/artigo.php?art_id=826)>. Acesso em: 15 abr. 2015.

CASTORIADIS, C. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. Tradução de Guy Reynaud. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/99524757/CASTORIADIS-Cornelius-A-Instituicao-Imaginaria-da-Sociedade#scribd>>. Acesso em: 17 jun. 2015.

CASTRO, Celso. **O espírito militar**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso**: modos de organização. São Paulo: Contexto, 2014.

\_\_\_\_\_. Uma problemática comunicacional dos gêneros discursivos. In: **Revista Signos**, vol. 43, 2010 a.

\_\_\_\_\_. Um modelo sócio comunicacional do discurso: entre situação de comunicação e estratégias de individualização. In: STAFUZZA, Grenissa. PAULA, Luciane de (Orgs.). **Da análise do discurso no Brasil à análise do discurso do Brasil**. Uberlândia: Edufu, 2010 b.

\_\_\_\_\_. Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional. In: PIETROLUONGO, Márcia (Org). **O trabalho da tradução**. Rio de Janeiro. 2009.

\_\_\_\_\_. **O discurso político**. São Paulo: Contexto, 2008.

\_\_\_\_\_. Les stéréotypes, c'est bien, les imaginaires, c'est mieux. In: BOYER, Henri (Org). **Stéréotypage, stéréotypes**: fonctionnements ordinaires et mises en scène. Paris: L'Harmattan, pp.49-63, 2007.

\_\_\_\_\_. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino. GAVAZZI, Sigrid (Orgs.) **Da língua ao discurso**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

\_\_\_\_\_. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, Ida Lucia. MELLO, Renato de (Orgs.). **Gêneros reflexões em análise do discurso**. Belo Horizonte, Nad/Fale-UFMG, 2004.

\_\_\_\_\_. Les conditions de compréhension du sens de discours. In: Langage en FLE Texte et compréhension, Revue ICI et LÀ. Madrid: Soc. General Española de Libreria, 1994.

\_\_\_\_\_. **Gramática do sentido e da expressão**. Tradução de Thayrine Muzy Pezé e Marie Philippe Geneviève Boxus. Hachette, Paris, 1992.

CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto. 2012.

DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. **Leitura: inferências e contexto sociocultural**. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

ECO, Umberto. **A estrutura ausente**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

EXÉRCITO BRASILEIRO. **Missão e visão de futuro**. 2015a. Disponível em: <<http://www.eb.mil.br/missao-e-visao-de-futuro>>. Acesso em: 19 ago. 2015.

\_\_\_\_\_. **Patronos**. 2015b. Disponível em: <[http://www.eb.mil.br/patronos/-/asset\\_publisher/e1fxWhhfx3Ut/content/maria-quiteria-1](http://www.eb.mil.br/patronos/-/asset_publisher/e1fxWhhfx3Ut/content/maria-quiteria-1)>. Acesso em: 07 set. 2015.

\_\_\_\_\_. **Valores**. 2015c. Disponível em: <http://www.eb.mil.br/valores>. Acesso em: 07 set. 2015.

\_\_\_\_\_. **AMAN**. 2014a. Disponível em: <http://www.eb.mil.br/web/ingresso/aman>. Acesso em: 31 maio 2014.

\_\_\_\_\_. **Postos e graduações**. 2014b. Disponível em: <http://www.eb.mil.br/postos-e-graduacoes>. Acesso em: 21 maio 2014.

\_\_\_\_\_. **Pessoal**. 2013. Disponível em: [http://www.eb.mil.br/o-exercito?p\\_p\\_auth=BKxFtjdl&p\\_p\\_id=3&p\\_p\\_lifecycle=0&p\\_p\\_state=maximized&p\\_p\\_mode=view&\\_3\\_struts\\_action=%2Fsearch%2Fsearch&\\_3\\_redirect=%2Fweb%2Fgu%2Fest%2Fo-exercito&\\_3\\_keywords=pessoal&\\_3\\_groupId=0](http://www.eb.mil.br/o-exercito?p_p_auth=BKxFtjdl&p_p_id=3&p_p_lifecycle=0&p_p_state=maximized&p_p_mode=view&_3_struts_action=%2Fsearch%2Fsearch&_3_redirect=%2Fweb%2Fgu%2Fest%2Fo-exercito&_3_keywords=pessoal&_3_groupId=0). Acesso em: 25 ago. 2015.

\_\_\_\_\_. **Portaria nº 012**. 1998. Disponível em: [www.decex.ensino.eb.br/.../5\\_port\\_012\\_DEP\\_12Maio1998\\_AtribAreaAfetiva](http://www.decex.ensino.eb.br/.../5_port_012_DEP_12Maio1998_AtribAreaAfetiva). Acesso em 04 nov. 2015.

\_\_\_\_\_. **Guarda Bandeira**. Disponível em: <http://www.sgex.eb.mil.br/index.php/vadem-mercum/86-cerimonial/vade-mecum/113-guarda-bandeira>. Acesso em: 09 set. 2015.

\_\_\_\_\_. **Revista Verde-Oliva**, ano XXXIX, nº 209 (esp). Brasília-DF, 2011.

\_\_\_\_\_. **Regulamento de Uniformes do Exército**. Brasília: EGGCF, 1986. Disponível em: <http://www.sgex.eb.mil.br/Rue%20web/FRAMES.htm>. Acesso em: 14 maio 2014.

FERES, Beatriz dos Santos. A qualificação implícita no livro ilustrado A princesa desejosa. In: **Revista Signum**, vol 15/3 (esp), 2012.

FERREIRA, Aurélio. **Dicionário básico da língua portuguesa**. São Paulo: Nova Fronteira, 1995.

FREITAS, Jânio de. **Nunca mais**. Disponível em : <<http://tools.folha.com.br/print?site=emcimadahora&url=http://www1.folha.uol.com.br/colunas/janiodefretas/2014/04/1433958-nunca-mais.shtml>>. Acesso em 28 nov. 2014.

GAVAZZI, Sigrid Castro; EDUARDO, Silvana. Lugares/ valores argumentativos no ensino médio. In: **Da língua ao discurso: reflexões para o ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In JODELET, Denise (Org.) **Representações sociais**. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

KAPPEN, Patrícia. Falso coronel é preso com farda no Rio, diz polícia. In: **O Globo**. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2011/05/preso-suspeito-de-se-passar-por-coronel-do-exercito-no-rio.html>>. Acesso em: 29 jul. 2011.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **La enunciacion da la subjetividad en el lenguaje**. Paris: Colin, 1980.

KOCH, Ingedore. **A Inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2012.

\_\_\_\_\_. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de si no discurso**. São Paulo: Contexto, 2013.

\_\_\_\_\_. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, Luiz. **A Produção Textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARTELLOTA, Mário. **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2013.

MONNERAT, Rosane Santos Mauro. As herdeiras de uma revolução : imaginários sociodiscursivos e estereótipos. In: **Cadernos do CNLF**, Vol. XVI, Nº 04, t. 1 –Anais do XVI CNLF, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/xvi\\_cnlf/tomo\\_1/tomo\\_1.pdf](http://www.filologia.org.br/xvi_cnlf/tomo_1/tomo_1.pdf)> Acesso em: 16 fev. 2015.

\_\_\_\_\_. **As faces n(o)/o (e)/espelho: seleção lexical e a construção de identidade**. 2009. Disponível em: <[www.ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/.../Rosane%20Monnerat.pdf](http://www.ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/.../Rosane%20Monnerat.pdf)>. Acesso em: 28 out. 2015.

\_\_\_\_\_. Os homens são mulheres felizes: seleção lexical e polifonia na construção da identidade de gênero. In: SIMÕES, Darcília; HENRIQUES, Claudio Cezar. (Orgs.). **Língua portuguesa, Educação & Mudança**. Rio de Janeiro: Europa, 2008, p. 93-105.

OLIVEIRA, Ieda de. **O contrato de comunicação da literatura infantil e juvenil**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino. Processos de discursivização: da língua ao discurso. Caracterizações genéricas e específicas do texto argumentativo. 2009. **Veredas**, revista de estudos lingüísticos Juiz de Fora, v. 4, n. 2 p. 89-96.

PERELMAN, Chaim. Argumentação. In: **Einaudi: Oral/Escrito, Argumentação**. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, v.11, 1987. Disponível em: <<https://filobaltar.wordpress.com/2012/12/09/argumentacao-chaim-perelman-2/>>. Acesso em: 28 out. 2015.

PERINI, Mário. **Sofrendo a gramática**. Rio de Janeiro: Ática, 2000.

ROS, Maria & GOUVEIA, Valdiney. **Psicologia Social dos Valores Humanos**. Tradução de Olga Cafalcchio. São Paulo: SENAC, 2011.

SANTOS, Miriam de O. **Berços de heróis**: o papel das escolas militares na formação de "salvadores de pátria". São Paulo: Annablume, 2004.

WOOD, Jennifer; KASHY, Deborah. Gender Stereotypes and the evaluation of men and women in military training. In: **Journal of Social Issues**, vol. 57, nº 04, 2001.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz (Org.) **Identidade e diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000.

## RESUMO

MELLO, Luciana Cavalcante Matos de Mello. **A construção da identidade militar nas alocações**. Niterói: UFF, 2016.

Este trabalho visa a analisar o gênero textual alocução, com base nos pressupostos teóricos da Teoria Semiolinguística de análise do discurso. Considerações a respeito da construção da identidade militar no contrato de comunicação desse gênero serão feitas, considerando textos produzidos por cadetes da Academia Militar das Agulhas Negras, em 2012 e 2013, para as formaturas em comemoração ao aniversário das Armas do Exército Brasileiro. Defende-se a hipótese de que os valores do Exército assim como o *ethos* assumirão importante papel nessa construção por meio dos processos de transação e transformação.

Palavras-chave: contrato de comunicação, valores, *ethos*.

## ABSTRACT

MELLO, Luciana Cavalcante Matos de Mello. **The construction of military identity on the allocutions**. Niterói: UFF, 2016.

This paper aims to analyze the textual genre allocution, based on the theoretical assumptions of Semiolinguistic Discourse Analysis. Considerations in relation to the construction of the military identity in the communication contract of this genre will be made, considering texts produced by cadets of Agulhas Negras Military Academy, in 2012 and 2013, for the parades in celebration of the anniversary of the Brazilian Army branches. We shall hereby defend a hypothesis that the Army values as well as the ethos will assume an important role in this construction by means of the processes of transaction and transformation.

Key words: communication contract, values, *ethos*.



## ANEXO A

### 1. ALOCUÇÕES DO ANO DE 2012:

#### DIA DA ARMA DE INFANTARIA

A Arma de Infantaria do Exército Brasileiro comemora no dia 24 de maio mais um ano de intensos e importantes serviços prestados à nação. Arma que se caracteriza por estar preparada para combater em quaisquer ambientes operacionais e sob quaisquer condições meteorológicas, tem como principal missão conquistar e manter o terreno, aproveitando a capacidade do infante de progredir em pequenas frações.

Espalhadas por todo o território nacional, as unidades de infantaria dividem-se em diversas especialidades, sendo elas: motorizada, blindada, paraquedista, leve, de selva, de montanha, de caatinga, de polícia do Exército e de guarda.

Motivados pelo ideal de soberania nacional e apoio à população, os infantes de ontem e de hoje evidenciam a cada missão atributos que lhes distinguem, como a vibração e o espírito de corpo.

Durante a Segunda Guerra Mundial, nossos infantes integraram a Força Expedicionária Brasileira, obtendo importantes vitórias nas batalhas de Montese e de Monte Castelo, ao lado dos aliados na Itália. Tal fato histórico mostrou ao mundo o valor e a bravura do infante brasileiro diante das adversidades da guerra.

Em sua essência, os infantes de hoje não se diferenciam em nada dos seus antecessores. No entanto, diante dos novos cenários do campo de batalha, a necessidade de aperfeiçoamento profissional em busca de conhecimentos gerados pelas novas tecnologias tornou-se um fator fundamental para o bom desempenho de suas atribuições.

O patrono da Arma de Infantaria é o Brigadeiro Antônio de Sampaio. Nascido em 24 de maio de 1810, na cidade de Tamboril, no Estado do Ceará, desde cedo já revelava aptidão pela carreira das armas. Aos vinte anos de idade sentou praça no 22º Batalhão de Caçadores, na cidade de Fortaleza e, a partir de então, resultado de sua elevada capacidade profissional e de seu espírito aguerrido, galgou, por merecimento, os postos de uma carreira integralmente dedicada à Força Terrestre.

Sampaio participou de importantes campanhas de manutenção da integridade territorial brasileira, como a Cabanagem, a Balaiada, a Guerra dos Farrapos e a Guerra da Tríplice Aliança. Durante a Batalha de Tuiuti, em 24 de maio de 1866, mesmo dia seu nascimento, esse exemplo de soldado e cidadão faleceu após sofrer três graves ferimentos.

Mais que uma Arma, a Infantaria é um estado de espírito que reflete a figura ímpar de Sampaio. Parabéns a todos nós, soldados da Rainha das Armas! Honremos em nossa conduta todos aqueles valores que foram cultuados por nosso patrono e que são tão caros ao Exército Brasileiro.

## DIA DA ARMA DE CAVALARIA

Ao longo da história da arte da guerra, o cavalo foi o animal que melhor se adaptou ao combate, pois a velocidade dos corcéis propiciou ao guerreiro grande superioridade sobre seu oponente. Sobre o dorso de sua montaria, muitos chefes militares fizeram-se gloriosos, estenderam suas conquistas sobre povos e construíram grandes impérios.

Entretanto, com a evolução bélica, houve o advento dos carros de combate. Desde a Segunda Guerra Mundial, os blindados substituíram o cavalo como instrumento de guerra, devido à ação de choque, à mobilidade, à proteção blindada e à potência de fogo.

A partir de então, por suas características, as tropas mecanizadas e blindadas tornaram-se de vital importância no teatro de operações. À frente das demais armas, a Cavalaria está plenamente capacitada a buscar informações sobre o inimigo, a realizar reconhecimentos de área e a efetuar ações ofensivas e defensivas. No entanto, pode-se contar, ainda hoje, com Cavalaria Hipomóvel, que, além de atuar em operações de controle de distúrbios, é responsável pelos cerimoniais e pela manutenção das mais caras tradições.

No Brasil, as origens da Cavalaria remontam à organização do Regimento de Dragões Auxiliares, em Pernambuco, ao término da resistência contra os holandeses, em meados do século XVII. Após a Independência, a Cavalaria revelou-se berço de líderes de indiscutível valor, sintetizados na figura do ilustre patrono da Arma, o Marechal Manuel Luis Osório, o Marquês de Herval.

Osório, o Legendário, nasceu no seio de família humilde, em 10 de maio de 1808, na Vila de Nossa Senhora da Conceição do Arroio, Província do Rio Grande. Nos seus quatorze anos, assentou praça na Cavalaria da Legião de São Paulo e teve seu batismo de fogo em 13 de maio de 1823, nos embates de consolidação da Independência. Ainda alferes, durante a Guerra Cisplatina, rompeu, de forma espetacular e audaz, o cerco inimigo em Sarandi. Consagrou-se na Guerra da Tríplice Aliança, inicialmente como Comandante em chefe das Forças de Terra, comandando o III Corpo de Exército e, na fase final, o I Exército. Sobressaiu-se, particularmente, nas batalhas de Passo da Pátria e em Tuiuti, o maior embate campal da América do Sul.

Em tempos de paz, fruto de seu acentuado profissionalismo, Osório desempenhou profícua carreira política como senador e Ministro da Guerra. Faleceu no Rio de Janeiro em 4 de outubro de 1879, aos setenta e um anos, deixando o exemplo de uma vida totalmente dedicada à nação brasileira.

Nobres cavalarianos, que a história de nosso patrono nos seja eterna fonte de orgulho. Seguindo os passos de Osório e os valores e as tradições de nossa Arma, estaremos sempre prontos para o cumprimento do nosso dever.

## DIA DA ARMA DE ARTILHARIA

A Arma de Artilharia é o principal vetor do sistema operacional Apoio de Fogo do Exército e tem por missão apoiar as armas-base com seus canhões, obuseiros, mísseis e foguetes, destruindo ou neutralizando os alvos que ameacem o êxito das operações.

A Artilharia tem lugar de destaque na história militar brasileira. No século XIX, foi fundamental para a vitória dos aliados na Campanha da Tríplice Aliança, e, no século passado, integrando a Força Expedicionária Brasileira, na Segunda Guerra Mundial, apoiou as operações da FEB com denodo e coragem.

Com a evolução dos meios eletrônicos e de transporte, a Artilharia ganhou características fundamentais para o combate atual, como a rapidez e a precisão. Valendo-se de viaturas, de blindados e de aeronaves, ganhou excepcional mobilidade. Nos novos cenários da guerra, a informática e os equipamentos eletrônicos tornaram-se fatores preponderantes para o êxito das operações.

O espírito aguerrido dos artilheiros é reflexo da vida de seu patrono, o Marechal Emílio Luiz Mallet. Nascido em 10 de junho de 1801, em Dunquerque, na França, veio para o Brasil em 1818 e, a convite de Dom Pedro I, ingressou nas fileiras do Exército Imperial, assentando praça como 1º cadete. Em 1823, com seu juramento à Constituição do Império, adquiriu nacionalidade brasileira, iniciando, assim, uma vida dedicada inteiramente ao Exército e ao Brasil.

Participou da Campanha da Cisplatina, da Guerra do Prata, da Guerra da Tríplice Aliança, da Guerra dos Farrapos, dentre outras, fazendo o inimigo sentir o valor do soldado brasileiro. Em Tuiuti, a previsão e a criatividade desse chefe militar asseguraram a importante vitória de nosso Exército. O profundo fosso que Mallet fez construir para proteção de suas peças constituiu-se em eficiente obstáculo que impediu o avanço da tropa inimiga. Esse fato passou para a história com a célebre frase do bravo comandante da Artilharia brasileira: “Eles que venham. Por aqui não passarão”.

Mallet faleceu aos 84 anos, em 2 de janeiro de 1886, no Rio de Janeiro, e seus restos mortais repousam em mausoléu sob os cuidados do 3º Grupo de Artilharia de Campanha Autopropulsado, o Regimento Mallet, localizado na cidade de Santa Maria, no Estado do Rio Grande do Sul.

Artilheiros, seguindo o exemplo de nosso patrono, estaremos reacendendo em nosso peito a vibração e o entusiasmo. Perpetuando os valores de Mallet, estaremos sempre engrandecendo o valor da poderosa artilharia para o Exército Brasileiro, pois continua, como no passado, a ter papel fundamental nos campos de batalha.

## DIA DO QUADRO COMPLEMENTAR DE OFICIAIS

O Quadro Complementar de Oficiais foi criado, em 2 de outubro de 1989, com o objetivo de formar oficiais, já possuidores de curso superior, em áreas de interesse do Exército, para atender às necessidades da Instituição de pessoal especializado para o desempenho de atividades complementares.

Inicialmente, o Quadro era direcionado apenas para homens; entretanto, dois anos após a sua criação, as mulheres também passaram a participar do processo de seleção. O Exército, assim, reintegrava em suas fileiras o segmento feminino, distante das atividades castrenses desde a Segunda Guerra Mundial.

A formação dos oficiais ocorre na Escola de Formação Complementar do Exército, localizada na cidade de Salvador, Bahia. Nesse período, homens e mulheres recebem instruções que visam prepará-los para a carreira militar, adequando seus conhecimentos às práticas castrenses.

Esses abnegados oficiais contribuem com seu trabalho, nas mais variadas organizações militares, em todas as regiões do país, para o aprimoramento das atividades que conduzem ao pleno cumprimento da missão institucional do Exército Brasileiro.

O QCO tem como patrono a heroína Maria Quitéria. Nascida em 1797, em São José de Itapororocas, no interior baiano, essa humilde sertaneja fugiu da casa paterna, com os cabelos cortados e usando o uniforme de seu cunhado, para lutar contra o dominador português, que se negava a aceitar a independência do Brasil. Assim, em 1822, incorporou-se, com o nome de Soldado Medeiros, ao Corpo de Artilharia e, posteriormente, ao Batalhão de Caçadores. Seu batismo de fogo deu-se em combate na foz do Rio Paraguaçu, ocasião em que ficaram evidenciados seu patriotismo e sua bravura.

Ferida naquela luta, Maria Quitéria teve sua identidade revelada. Devido a seus feitos heroicos, foi agraciada por D. Pedro I com a condecoração de Cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro e lhe foi concedido o soldo de alferes de linha. A Heroína da Independência faleceu em 21 de agosto de 1853, deixando marcado na história o seu nome junto àqueles que sonharam com uma nação livre e que lutaram para consolidar esse ideal.

Integrantes do Quadro Complementar de Oficiais, parabéns pelo seu dia. Inspirados no espírito de luta de Maria Quitéria, tenham sempre a certeza de que o trabalho que desempenham é primordial para que o Exército continue a trilhar pelo seu caminho de luta e de glória.

## DIA DO SERVIÇO DE SAÚDE

O Serviço de Saúde do Exército Brasileiro faz-se presente em todos os momentos da vida militar, seja nos atendimentos de rotina aos militares e dependentes, seja no apoio às instruções, seja na fundamental assistência médico-hospitalar no campo de batalha. Responsáveis pela manutenção da higiene da tropa, os integrantes desse Serviço levam seu trabalho até os rincões mais distantes do território nacional, estendendo seu apoio à população menos assistida pelos órgãos públicos, em ações cívico-sociais implementadas pelo Exército.

Composto por uma estrutura bastante complexa, o Serviço de Saúde conta com 545 seções de saúde distribuídas pelas organizações militares, 23 postos médicos de guarnição, 4 policlínicas, 15 hospitais de guarnição e o Hospital Central do Exército. Somam-se, ainda, a este complexo, o Instituto de Biologia do Exército e o Laboratório Químico e Farmacêutico do Exército.

A origem do Serviço de Saúde remonta à criação da própria Força Terrestre, uma vez que, desde os primeiros entevos ocorridos em solo brasileiro, percebeu-se a necessidade de se prestar apoio àqueles que caíam feridos em combate. Entretanto, somente durante a Guerra da Tríplice Aliança, é que se tornou mais evidente a importância de se constituir um serviço que atuasse de forma mais organizada e eficiente no socorro aos enfermos. Naquela oportunidade, Caxias viu a saúde da tropa como fator decisivo na manutenção do moral e do poder combativo do soldado.

Ainda naquele conflito, sobressaiu a figura ímpar do General-de-Brigada Médico João Severiano da Fonseca. Nascido em 27 de maio de 1836, na antiga cidade de Alagoas, atual Marechal Deodoro, no Estado de Alagoas, inicialmente optou pela carreira médica e, só depois de formado, ingressou no Exército Imperial, em 29 de janeiro de 1862, como segundo-tenente. Homem de grande conhecimento, Severiano da Fonseca escreveu sobre medicina, geografia, história e etnologia e, como militar, teve participação destacada em solo paraguaio, recebendo inúmeros elogios por sua atuação em benefício de seus companheiros, com seu elevado senso humanitário.

Por suas elevadas qualidades de médico, soldado e cidadão, Severiano da Fonseca tornou-se o primeiro médico militar a ser membro da Academia Imperial de Medicina. Foi ainda Inspetor Geral do Serviço Sanitário, atual Diretoria de Saúde, constituiu o Conselho Supremo Militar de Justiça e foi eleito senador. Como resultado de uma brilhante carreira construída sob bases de extremado profissionalismo, tornou-se o Patrono do Serviço de Saúde do Exército Brasileiro.

Integrantes do Serviço de Saúde, parabéns pela excelência de seu trabalho e por sua incansável dedicação à Força Terrestre, trazendo a todos nós os cuidados que possibilitam prosseguirmos no cumprimento do nosso dever.

## 2. ALOCUÇÕES DO ANO DE 2013

### DIA DA INFANTARIA

Arma-base por excelência, incluída no sistema manobra, a Infantaria é preparada para operar em qualquer tipo de terreno e sob quaisquer condições de tempo. Para tanto, e com o objetivo de bem cumprir suas missões nos mais diversos ambientes operacionais, tais como o urbano, o de selva, o de caatinga, o de pantanal e o de montanha, a Rainha das Armas se divide em suas várias especialidades: Blindada, Motorizada, Paraquedista, Aeromóvel, Leve, de Selva e de Polícia do Exército. Diante da evolução dos cenários de guerra, o Exército Brasileiro está desenvolvendo a doutrina da Infantaria Mecanizada, sua mais nova especialidade.

Caracterizada pela mobilidade de suas frações, pelo fogo e pelo combate aproximado, a Infantaria demonstra seu valor no entusiasmo inexorável de seus integrantes, mesmo diante de situações adversas, como bem demonstraram os valorosos infantes durante a Segunda Guerra Mundial, com destaque para o Aspirante Mega e para o Sargento Max Wolf. Essa natureza combativa do infante, aguerrido e abnegado, espelha a figura do patrono da Infantaria, o Brigadeiro Antônio de Sampaio.

Nascido em Tamboril, interior do Estado do Ceará, em 24 de maio de 1810, Sampaio sentou praça no 22º Batalhão de Caçadores, em 1830. Galgou por mérito todos os postos de sua brilhante carreira militar e, por sua tenacidade, inteligência e bravura, atuou decisivamente em várias batalhas em prol da manutenção da integridade territorial brasileira, tais como Cabanagem, Balaiada, Farroupilha, Revolta Praieira, Guerra contra Oribe e Rosas e Guerra da Tríplice Aliança, onde comandou a histórica Divisão Encouraçada.

Nessa sua última empreitada, em plena Batalha de Tuiuti, em 1866, o bravo guerreiro e incontestado líder militar, sofreu três ferimentos de bala. Após combater até o limite de suas forças, Sampaio veio a falecer a bordo do vapor hospital Eponina, em 24 de maio, quando completava 56 anos de idade.

Infantes, orgulhem-nos dos feitos heroicos daqueles que tanto enobreceram o nome da Infantaria brasileira. Tenhamos a certeza de que, em qualquer ponto do território nacional, por mais longínquo que seja, haverá sempre um infante disposto a lutar.

## DIA DA CAVALARIA

Desde a Antiguidade, a incessante busca por melhores condições para combater o inimigo, tem levado o homem a desenvolver novas maneiras de guerrear. No início dos tempos, os exércitos fizeram uso de plataformas empurradas por soldados, que, mais tarde, e aos poucos, foram substituídas por animais.

Essa inovadora concepção de combate foi denominada, no idioma sânscrito, de AKVA, cujo significado é “combater em vantagem de posição”, originando, dessa forma, a Cavalaria como força de guerra.

Com a evolução das ferramentas de guerra, os animais foram substituídos pelos carros de combate. Assim, as possibilidades de combater com a incorporação de modernas inovações ampliaram as chances de sucesso.

Nas guerras modernas, a Cavalaria é empregada na vanguarda, realizando reconhecimento do inimigo e do teatro de operações. Além disso, participa de ações ofensivas e defensivas, aproveitando com eficácia suas características básicas: mobilidade, potência de fogo, ação de choque e proteção blindada. Na sua organização, encontramos elementos que podem ser blindados, mecanizados e de guardas.

Apesar de a Cavalaria montada não ser mais utilizada em combates convencionais, o cavalo, nobre amigo do cavalariano, constitui um importante recurso para desenvolver atributos da área afetiva, como coragem, liderança e iniciativa.

O patrono da Cavalaria, Marechal Manoel Luís Osório, o Legendário, nasceu em 10 de maio de 1808, na antiga vila de Santo Antônio do Arroio, hoje município de Osório, no Rio Grande do Sul. Sua trajetória, na carreira das armas, iniciou-se bem cedo; com apenas 15 anos acompanhou o Regimento de seu pai na luta contra tropas portuguesas, estacionadas na Cisplatina, durante as guerras da Independência. Ademais, fez-se presente nas campanhas pela manutenção e configuração de nossas fronteiras, até a Guerra da Tríplice Aliança. Na Batalha de Tuiuti, Osório destacou-se como um líder nato, vocacionado para o comando, fascinando seus subordinados pelo exemplo, pela coragem e pela bravura.

Cavalarianos! Tomem a figura de Osório como “estrela guia em negros horizontes” e sintam-se honrados em ostentar as lanças que o Legendário fez credoras da esperança na conquista da vitória.

## DIA DA ARTILHARIA

Conhecida pelo seu poder de fogo, flexibilidade e mobilidade, a Artilharia comemora, em 10 de junho, a data em que, em 1801, nasceu Emílio Luiz Mallet.

O objetivo da Artilharia, em combate, consiste no apoio de fogo às armas-base e, também, na defesa antiaérea. Para o cumprimento dessas missões, a Arma se divide em três tipos básicos: de costa, antiaérea e de campanha. Ela se caracteriza pelo emprego de materiais autopropulsados e autorrebocados de grande calibre, além de sofisticados sistemas antiaéreos. Entre eles, destacam-se os canhões, os obuses e os lançadores de foguetes.

A “última ratio regis” tem, como Patrono, o Marechal Mallet, que nasceu em Dunquerque, na França, e veio para o Brasil aos 17 anos, instalando-se no Rio de Janeiro.

Assentou praça em 13 de novembro de 1822, como cadete, após ser convidado pelo Imperador Dom Pedro I. Optou pela artilharia, para realizar sua caminhada profissional.

Dentre as inúmeras campanhas militares de que participou, destacam-se a Cisplatina, a Farroupilha, as Guerras do Prata e da Tríplice Aliança. Teve destacada ação na Batalha de Tuiuti, quando impediu a passagem de uma numerosa tropa inimiga, utilizando um grande fosso como obstáculo. Tal fato entrou para história militar brasileira, juntamente com a frase dita antes da batalha: “Eles que venham, por aqui não passam”. Mallet foi promovido a Marechal de Exército em 15 de julho de 1885 e faleceu em 02 de janeiro de 1886.

A Artilharia, ainda hoje, desempenha papel fundamental no combate, preparando o campo de batalha. Cada vez mais se moderniza e se adapta às novas formas de combate, sempre cumprindo o objetivo de neutralizar ou destruir o inimigo.

Parabéns, artilheiros; que a sabedoria do Marechal Mallet ilumine seus atos. Os feitos desse insigne líder militar são exemplos marcantes de que a Artilharia tem papel fundamental na obtenção do êxito no campo de batalha.



## DIA DO QUADRO COMPLEMENTAR DE OFICIAIS

O Quadro Complementar de Oficiais foi criado no dia 02 de outubro de 1989, com a finalidade de preparar militares, para assessoramento nos comandos de organizações militares, para a docência em Escolas Militares e para atividades complementares de saúde, por meio de diversas áreas do conhecimento.

Para isso, criou-se a Escola de Formação Complementar do Exército, localizada em Salvador. Ela recebeu a missão de formar, no período de aproximadamente nove meses, o Oficial do Exército, pronto para operar em diversas áreas de nossa Instituição. O curso, inicialmente restrito ao segmento masculino, foi modificado, dois anos após a sua criação, incluindo o segmento feminino na carreira em igualdade de condições com os demais. Tal fato teve notável importância para a história do Exército Brasileiro, pois as mulheres estavam afastadas das atividades militares desde a Segunda Guerra Mundial.

Como forma de ressaltar o retorno das mulheres às fileiras do Exército Brasileiro e, ainda, resgatar parte da história dos heróis da Pátria, foi escolhida para Patrono do Quadro Complementar de Oficiais: Maria Quitéria de Jesus, cognominada pelos seus pares como “Mulher-soldado”. Ela nasceu, em 1797, na cidade de São José de Itaporocas, na Bahia. Em 1822, contrariando a vontade de seu pai, fugiu de casa, alistou-se na Junta Conciliadora de Defesa, para combater o dominador português que se negava a conceder a Independência ao povo brasileiro. Com a impossibilidade de combater com sua real identidade, haja vista que as mulheres não eram aceitas na Junta, Maria Quitéria viu-se obrigada a disfarçar-se de homem, com o nome de Soldado Medeiros. Tal fato só seria descoberto no combate na foz do rio Paraguaçu.

Espantado com tamanho heroísmo e amor à Pátria, Dom Pedro I incorporou Maria Quitéria ao Batalhão dos Voluntários da Pátria, tornando-a a primeira mulher a sentar praça em uma unidade militar. Nos anos seguintes, ela participou de vários combates, sendo merecedora de condecorações, por exemplo, a de “Cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro” e recebeu, também, o soldo de “Alferes de Linha” até o seu falecimento, em 21 de agosto de 1853.

Companheiros do Quadro Complementar de Oficiais. Parabéns por esta data. Continuem a honrar o nome de Maria Quitéria, que tanto lutou pelos interesses de nosso país.

## DIA DO SERVIÇO DE SAÚDE

No dia 27 de maio, comemora-se o dia do Serviço de Saúde, em homenagem ao seu patrono, o General de Brigada Médico João Severiano da Fonseca. Essa importante vertente do Exército é responsável por prover a assistência médico-hospitalar à família militar, seja em tempo de paz ou de guerra.

Para cumprir tão nobre missão, o Serviço de Saúde presta apoio às organizações militares por meio de uma Seção de Saúde, composta por médicos, dentistas e enfermeiros, na qual se inicia o atendimento médico-odontológico. De acordo com a gravidade do problema, os enfermos são transferidos para os hospitais gerais ou os de guarnição, dando prosseguimento à sua recuperação.

Anualmente, o Serviço de Saúde efetua mais de 5 milhões de atendimentos, por meio de uma estrutura que envolve 545 seções de saúde, instaladas em organizações militares da Força. Somam-se, ainda, a esse número: 23 postos médicos de guarnição, 4 policlínicas militares, 15 hospitais de guarnição, 11 hospitais gerais e ainda o Hospital Central do Exército. Além disso, completam essa estrutura a Escola de Saúde, encarregada da formação de pessoal de Saúde; o Instituto de Biologia, encarregado das pesquisas biológicas; e o Laboratório Químico Farmacêutico, responsável pela produção de medicamentos.

O General de Brigada Médico João Severiano da Fonseca nasceu em Alagoas. Além de médico e militar, era escritor, historiador e diplomata. Participou, brilhantemente, na Guerra da Tríplice Aliança, sendo merecedor de elogios de seu chefe, em virtude da excelência do serviço prestado. Severiano combateu as epidemias de varíola e cólera, lutando contra a precariedade do estado sanitário da tropa, reafirmando ser um homem zeloso, humanitário e inteligente.

Integrantes do Serviço de Saúde, inspirem-se na insigne figura de seu patrono e continuem cumprindo, com excelência, a missão de curar e salvar! Que os avanços tecnológicos permitam que consigam atender, cada vez melhor, à família verde-oliva.

## ANEXO B

Extrato da Portaria 012, de 1998 que apresenta a definição dos valores, atributos e atitudes.

“HONESTIDADE - conduta que se caracteriza pelo respeito ao direito alheio, especialmente no que se refere à fraude e à mentira.

INTEGRIDADE - conduta orientada pelos valores morais e éticos próprios, da instituição e da sociedade em que vive.

LEALDADE - atitude de fidelidade a pessoas, grupos e instituições, em função dos ideais e valores que defendem e representam.

AUTOAPERFEIÇOAMENTO - (atitude para aprendizagem) disposição ativa para mobilizar seus recursos internos, visando aprimorar e atualizar seus conhecimentos.

CIVISMO - capacidade de fazer valer os direitos e cumprir com os deveres de cidadão.

ESPÍRITO DE CORPO - sentimento de identificação com os valores e tradições da organização e/ou do grupo, gerando interações positivas de apoio mútuo, que se prolongam no tempo.

IDEALISMO - representação dos sentimentos mais nobre em uma linha de conduta voltada para as causas em que acredita e para os princípios que adota.

PATRIOTISMO - atitude de amor à pátria e respeito aos símbolos e às instituições nacionais.

ABNEGAÇÃO - capacidade de renunciar aos interesses pessoais em favor da instituição, grupos e / ou pessoas.

ADAPTABILIDADE - capacidade de se ajustar apropriadamente às mudanças de situações.

APRESENTAÇÃO - capacidade de demonstrar atitudes e porte condizentes com os padrões militares.

AUTOCONFIANÇA - capacidade de demonstrar segurança e convicção em suas atitudes, nas diferentes circunstâncias.

AUTOCRÍTICA - capacidade de avaliar as próprias potencialidades e limitações frente à idéias, sentimentos e / ou ações.

CAMARADAGEM - capacidade de estabelecer relações amistosas com superiores, pares e subordinados.

CIVILIDADE - capacidade de agir de acordo com as normas que regem as relações interpessoais.

COERÊNCIA - capacidade de agir em conformidade com as próprias idéias e valores, em qualquer situação.

COMBATIVIDADE - capacidade de lutar, sem esmorecer, pelas idéias e causas em que acredita ou por aquelas sob sua responsabilidade.

COMPETITIVIDADE - capacidade de disputar, simultaneamente, com outrem, visando um objetivo.

COMUNICABILIDADE - capacidade de relacionar-se com outros por meio de idéias e ações.

COOPERAÇÃO - capacidade de contribuir espontaneamente para o trabalho de alguém e/ou de uma equipe.

CORAGEM - capacidade para agir de forma firme e destemida, diante de situações difíceis e perigosas, seguindo as normas de segurança.

CRIATIVIDADE - capacidade de produzir novos dados, idéias e/ou realizar combinações originais, na busca de uma solução eficiente e eficaz.

**DECISÃO** - capacidade de optar pela alternativa mais adequada, em tempo útil e com convicção.

**DEDICAÇÃO** - capacidade de realizar, espontaneamente, atividades com empenho e entusiasmo.

**DINAMISMO** - capacidade de atuar ativamente com intenção determinada.

**DIREÇÃO** - capacidade de conduzir e coordenar grupos e/ou pessoas, na consecução de determinado objetivo.

**DISCIPLINA** - capacidade de proceder conforme normas, leis e regulamentos que regem a instituição.

**DISCIPLINA INTELECTUAL** - capacidade de adotar e defender a decisão superior e/ou do grupo mesmo tendo opinado em contrário.

**DISCRIÇÃO** - capacidade de manter reserva sobre fatos de seu conhecimento que não devam ser divulgados.

**EQUILÍBRIO EMOCIONAL** - capacidade de controlar as próprias reações para continuar a agir, apropriadamente, nas diferentes situações.

**FLEXIBILIDADE** - capacidade de reformular planejamentos e comportamentos, com prontidão, diante de novas exigências.

**IMPARCIALIDADE** - capacidade de julgar, com isenção, sem se envolver emocionalmente.

**INICIATIVA** - capacidade para agir, de forma adequada e oportuna, sem depender de ordem ou decisão superior.

**LIDERANÇA** - capacidade de dirigir, orientar e propiciar modificações nas atitudes dos membros de um grupo, visando atingir os propósitos da instituição.

**METICULOSIDADE** - capacidade de agir atendo-se a detalhes significativos.

**OBJETIVIDADE** - capacidade de destacar o fundamental do supérfluo para a realização de uma tarefa ou solução de um problema.

**ORGANIZAÇÃO** - capacidade de desenvolver atividades de forma sistemática e eficiente.

**PERSISTÊNCIA** - capacidade de manter-se em ação continuamente, a fim de executar uma tarefa vencendo as dificuldades encontradas.

**PERSPICÁCIA** - capacidade de perceber, pronta e integralmente, os detalhes de uma situação ou problema, seus significados práticos e implicações.

**PERSUASÃO** - capacidade de convencer pessoas a adotarem idéias ou atitudes que sugere.

**PREVISÃO** - capacidade de antecipar-se a fatos e situações, antevendo alternativas viáveis, de modo a evitar e/ou eliminar possíveis falhas na execução de uma tarefa.

**RESPONSABILIDADE** - capacidade de cumprir suas atribuições assumindo e enfrentando as conseqüências de suas atitudes e decisões.

**RESISTÊNCIA** - capacidade de suportar, pelo maior tempo possível, a fadiga resultante de esforços físicos e/ou mentais, mantendo a eficiência.

**RUSTICIDADE** - capacidade de adaptar-se a situações de restrição e/ou privação, mantendo a eficiência.

**SENSIBILIDADE** - capacidade de perceber e compreender o ambiente, as características e sentimentos de pessoas e/ou grupos, buscando atender aos seus interesses e necessidades.

**SOBRIEDADE** - capacidade de agir com austeridade em relação a hábitos, costumes e procedimentos na vida particular e profissional.

**SOCIABILIDADE** - capacidade de estabelecer interação com as pessoas propiciando um ambiente cordial.

**TATO** - capacidade de lidar com as pessoas sem ferir susceptibilidades.

TOLERÂNCIA - capacidade de respeitar e conviver com idéias, atitudes e comportamentos diferentes dos seus.

ZELO - capacidade de cuidar dos bens móveis e imóveis que estão ou não sob sua responsabilidade” (EXÉRCITO BRASILEIRO, 1998).

## ANEXO C POSTOS E GRADUAÇÕES DO EXÉRCITO



### Oficiais Gerais



Marechal



General de Exército



General de Divisão



General de Brigada

---

### Oficiais Superiores



Coronel



Tenente-Coronel



Major

---

### Oficiais Intermediários



Capitão

---

### Oficiais Subalternos



1º Tenente



2º Tenente



Aspirante a Oficial

---

**Graduados**



Subtenente



1º Sargento



2º Sargento



3º Sargento



Taifeiro-Mor



Cabo



Taifeiro de 1ª Classe



Taifeiro de 2ª Classe

Fonte: <http://www.eb.mil.br/postos-e-graduacoes>. Acesso em 21/05/14